



A influência da moda nas concepções de gênero na primeira infância

Ana Sofia Fabre Vaz

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Branding e Design de Moda
(2º ciclo de estudos)

Versão corrigida após defesa

Orientador: Prof^a. Clara Eloise Fernandes

junho de 2020

Dedicatória

Na contramão do que é considerado, na maioria das vezes, uma dedicatória, este trabalho não é dedicado a alguém em especial. Em vez disso, é dedicado a todos aqueles - pais, cuidadores, professores e colegas - que compram a luta por igualdade, e que trabalham todos os dias para criar uma próxima geração sem estereótipos, sem preconceitos e com um profundo respeito a todas as formas de ser.

Agradecimentos

Quando se vive uma pandemia, uma dissertação de mestrado e uma gravidez ao mesmo tempo, todos os sentimentos vêm à tona. Momentos de terror aos ler os noticiários e de um leve desespero ao checar o calendário de entregas são lavados como areia pela onda de ouvir um coração bater pela primeira vez; e de contar cinco dedinhos das mãos no ultrassom. Não é sequer possível imaginar viver todas essas sensações sem ter com quem dividi-las - e justamente por isso esta página é tão especial.

À minha família, agradeço por terem tornado este isolamento mais leve. Por terem se preocupado em fazer minhas comidas preferidas, discutido meus tópicos de pesquisa, me ajudado com a lista de enxoval e por terem estado presentes, ainda que nem sempre fisicamente. Eu realmente amo vocês.

Às minhas amigas, pelas ligações por vezes intermináveis que me faziam esquecer que estávamos distantes. Em especial a Margarida, Caroline, Gabriela, Raquel e Maria Cristina, que tanto contribuíram para que este trabalho fosse possível.

À minha orientadora, Professora Clara, agradeço pela orientação impecável, pelas sugestões e apontamentos e pelos retornos tão rápidos que foram capazes de encurtar a distância entre Brasil e Portugal.

Ao meu marido, Caio, agradeço por ter estado ao meu lado e me incentivado todos os dias, por ser incrivelmente especial e uma das melhores pessoas que eu conheço - e por ter se casado comigo.

A este bebê que está para nascer, agradeço pela vida. Pelos cinco dedinhos de cada mão, por cada batimento cardíaco, e por ter aguentado firme um primeiro trimestre bastante incomum para esta mãe. Muito obrigada.

É preciso também fazer uma menção à Milka, minha companhia canina, que durante estes longos meses esteve, literalmente, ao meu lado todos os dias.

E por fim, agradeço a Deus por todos esses motivos que me fazem querer agradecer.

Um de meus poetas favoritos, Rainer Maria Rilke, dizia que é preciso viver tudo: “a beleza e o terror”, pois nenhum sentimento é definitivo. Às vésperas de entregar esta dissertação, em meio a uma pandemia e iniciando meu segundo trimestre de gravidez, não há maior verdade. A vida é boa e bela mesmo em meio ao caos, aos altos e baixos, e mesmo em meio a esse misto de sentimentos. E talvez a vida seja boa, justamente, devido a essa inexplicável combinação de opostos.

Prefácio

Grande parte daquilo que se considera cotidiano e normal nada mais é, na verdade, que uma convenção social estabelecida no tempo e no espaço. Isso significa que uma mesma coisa pode não ser cotidiana, nem normal, em outras épocas ou em diferentes lugares do mundo.

Karen Le Billon, no livro “Crianças Francesas Comem De Tudo” (2013), conta sobre sua experiência de mudança de Vancouver, no Canadá, para uma pequena cidade no interior da França. Para ela, atitudes simples e rotineiras - como fazer compras ou levar as filhas à escola - deixaram de ser simples e passaram a representar um grande choque cultural.

Uma vez uma amiga me disse que a análise “transcultural” é ainda mais dolorosa que a psicanálise. [...] Quem vive numa cultura diferente passa muito tempo duvidando de si mesmo, fazendo questionamentos. Toda interação com as pessoas ao redor é uma oportunidade para cometer equívocos. (Le Billon, 2013, p. 195)

A exposição a outras culturas é de extrema importância e riqueza, justamente, por expor à luz essas diferenças, para que aquilo que a maioria das pessoas considera normal seja questionado. Muitas dessas divergências são pequenas ou inofensivas, mas há diferenças culturais capazes de impactar fortemente a sociedade como um todo. É o caso das questões de gênero num país como o Brasil.

O Brasil é um país onde as meninas saem da maternidade de orelhas furadas e onde espera-se que tenham cabelos compridos até os cinco anos de idade. Cabelos curtos, no país, são geralmente associados ao sexo masculino - não à toa o corte acima das orelhas, nas meninas, é conhecido como “joãozinho”.

Essa preocupação excessiva com aparência e feminilidade não para na infância. As mulheres brasileiras são o segundo maior público de cirurgia plástica estética do

mundo, atrás apenas dos Estados Unidos (Elflein, 2019). Para abdominoplastia - ou lipoaspiração - o Brasil fica em primeiro lugar.

Enquanto isso, meninos viram homens com uma masculinidade fragilizada, que acreditam que qualquer traço considerado “feminino” que possam expressar - delicadeza, afeto, sensibilidade e preocupação com a aparência - são desvios de caráter capazes de alterar até mesmo sua própria orientação sexual.

Essa dissonância entre homens e mulheres é um dos motivos da erotização precoce de meninas e da objetificação da mulher, vítimas de assédio e violência em todo o território nacional. O país ocupa o quinto lugar no ranking dos que mais matam mulheres no mundo, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (Organização das Nações Unidas, 2016).

A discrepância na forma como as mulheres são vistas, tratadas e condicionadas a viver no Brasil, em comparação a outros lugares do mundo, foi uma das propulsoras da criação desta dissertação. A educação, afinal, acontece por meio de todos os estímulos - inclusive da moda - e desde cedo, na primeira infância. Portanto, na fase da vida em que há maior plasticidade cerebral, maior curiosidade e disposição para aprender, é lá que é preciso agir.

Um dos grandes objetivos da educação é a mudança. A conclusão de um curso de mestrado, por conseguinte, abre uma janela de oportunidades para promover mudanças positivas na sociedade. É preciso saber aproveitá-la: mais do que apresentar conclusões, é preciso pensar em caminhos de melhoria, propor soluções - e para isso, é preciso coragem. Ainda mais num país como o Brasil; ainda mais em circunstâncias atuais.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo entender de que forma a moda, como expressão cultural, influencia as concepções que as crianças desenvolvem de gênero e de seus papéis na sociedade. Para isso, foi feita uma revisão dos conceitos de gênero, para que, a partir dela, fosse possível seguir uma linha sociológica de interpretação da palavra.

Passou-se então para um estudo sobre o cérebro infantil e o desenvolvimento da personalidade nos primeiros anos da infância, para analisar como as crianças aprendem conceitos novos e se situam no universo em que estão inseridas. Após essa análise, foi feita uma discussão sobre a moda como expressão de identidade e como instrumento de socialização, de modo a se perceber de que formas a moda infantil ensina às crianças sobre papéis de gênero.

Pais, mães e tutores responsáveis por crianças foram questionados sobre suas crenças e situações cotidianas para entender até que ponto esses agentes, por meio da moda, influenciam as concepções de gênero dos filhos. Constatou-se que eles estão cientes dos estereótipos presentes na moda infantil, de seu papel na socialização de gênero das crianças e das diferenças na criação entre meninos e meninas, ainda que nem todos enxerguem nisso um problema. Da maioria, que se incomoda com as questões relacionadas a gênero, foi possível perceber uma frustração quanto à sociedade em que vivem - principalmente em relação à cultura, ao machismo e ao preconceito. O saldo, no entanto, é positivo, com cada vez mais novas marcas a mudar a forma como a moda infantil se posiciona quanto às questões de gênero.

Palavras-chave

Gênero; Infância; Moda; Estereótipos; Concepções

Abstract

The present work aims to understand how fashion, as a cultural expression, influences the conceptions that children develop of gender and their gender roles in society. For this purpose, a review on gender concepts was made so that, from it, it would be possible to follow a sociological line of interpretation.

The study then focused on the infant brain and the personality development in the early years of childhood to analyze how children learn new concepts and place themselves in the universe in which they are inserted. After the analysis, a discussion was made about fashion as an expression of identity and as an instrument of socialization, in order to understand how kid's fashion teaches children about gender roles.

Parents and legal guardians of children were inquired about their beliefs and everyday situations to understand the extent to which these agents, through fashion, influence their children's gender notions. It was found that they are well aware of the stereotypes in children's fashion, their role in the gender socialization of children and the differences in the way boys and girls are raised, although not everyone sees this as a problem. Of the majority of the partakers, who are uncomfortable with gender issues and its stereotypes, it was possible to perceive a frustration regarding the society in which they live in - mainly in relation to its culture, chauvinism and prejudice. The balance, however, is positive, with more and more new brands changing the way children's fashion positions itself regarding gender issues.

Keywords

Gender;Childhood;Fashion; Stereotypes;Conceptions

Índice

Introdução	1
Parte I - Enquadramento Teórico	5
Capítulo 1 - Das discussões de gênero	7
1.1 O conceito de gênero	8
1.2 As relações de gênero	9
Capítulo 2 - Do desenvolvimento infantil	15
2.1 O cérebro infantil e a formação da personalidade	16
2.2 As concepções de gênero na primeira infância	24
Capítulo 3 - A influência da moda nas concepções de gênero durante a primeira infância	33
3.1 A moda como expressão de identidade	33
3.2 A moda e as concepções de gênero na infância	37
Parte II - Estudo Empírico	47
Capítulo 4 - Metodologia da investigação	49
4.1 Objetivo da investigação	53
4.2 Métodos utilizados	53
Capítulo 5 - Resultados do estudo	55
5.1 Dados demográficos	55
5.2 Questões pessoais	57
5.3 Questões situacionais	60
Conclusões	79
Limitações do estudo	83
Recomendações para futuras investigações	87
Referências	89
Anexos	95

Lista de Figuras

Figura 1 - Características do conceito de gênero e seu emprego como ferramenta de análise	11
Figura 2 - Sub-estágios do período sensório-motor	21
Figura 3 - Principais categorias de produtos influenciados pelas crianças	36
Figura 4 - Relação de marcas de roupa infantil sem gênero	46
Figura 5 - A “cebola” da pesquisa	51
Figura 6 - Identificação do respondente	55
Figura 7 - Idade do respondente	56
Figura 8 - País onde vive o respondente	56
Figura 9 - Grau de influência do respondente na educação de gênero da criança	58
Figura 10 - Frequência com que o respondente conversa sobre papéis de gênero com a criança	59
Figura 11 - Grau com que o respondente percebe estereótipos de gênero em lojas de roupas infantis	61
Figura 12 - Partes do vestuário infantil onde o respondente percebe estereótipos de gênero	62
Figura 13 - Influência do vestuário da educação de gênero da criança	63
Figura 14 - Pressão sofrida pelo respondente para vestir seus filhos de acordo com os colegas	64
Figura 15 - Frequência com que o respondente se sente desconfortável pela forma com que quer vestir seus filhos	65
Figura 16 - Frequência com que o respondente percebe perpetuar estereótipos de gênero na criação dos filhos	66
Figura 17 - Forma com que o respondente percebeu a situação anterior	67
Figura 18 - Opinião do respondente sobre a sociedade criar meninos e meninas de forma diferente	70
Figura 19 - Opinião do respondente sobre o incômodo causado pelas diferenças na criação de meninos e meninas	71

Lista de Acrónimos

BBC	British Broadcasting Company
NRF	National Retail Federation
OED	Oxford English Dictionary
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
IVLA	International Visual Literacy Association

Introdução

A combinação XX/XY é muito mais que um mero sistema de determinação dos sexos. Nascer “menino ou menina”, em qualquer lugar do mundo, traz consigo um conjunto de normas, julgamentos e expectativas que modelam a personalidade humana desde as primeiras horas de vida.

A determinação do sexo biológico de uma criança é o ponto de partida de todos esses pressupostos de gênero. Quando as primeiras imagens de ultrassom revelam a resposta de uma das principais perguntas da gravidez - “é menino ou menina?” - começa a construção social, ainda que inconsciente, desse futuro bebê.

O sexo do recém-nascido, normalmente, tende a determinar os mais diferentes tipos de escolhas, da cor da decoração do quarto às peças de seu guarda-roupa, de seus brinquedos e principais interesses às atitudes que serão esperadas dele na interação com outras crianças. Apesar disso, cores, roupas, brinquedos, interesses e atitudes não têm qualquer relação com sexo biológico. São, na realidade, apenas convenções culturais de gênero.

Essas convenções, no entanto, exercem grande poder sobre o futuro de cada criança. É por meio delas, impostas desde o nascimento, que são desenhadas as nuances de papéis dentro de uma sociedade. Nuances estas que podem permitir, ou não, que as crianças realizem completamente seu potencial como seres humanos na vida adulta.

Em vez de receber a liberdade de explorar todas as atividades e sentimentos em relação à vida, a criança é desde pequena ensinada como agir e como sentir. Ela exercita apenas uma parcela de suas capacidades humanas, porque, segundo o entendimento dos adultos à sua volta, essa é a parcela incubida a ela, como “menino” ou “menina”. Não há espaço para experimentação ou para descoberta de sua própria identidade - há apenas um espaço já testado e pré-delimitado por aqueles que vieram antes.

Essa delimitação era o que o psiquiatra canadense Eric Berne, criador da análise transacional, chamava de *life script*, ou roteiro da vida. “Um programa em andamento, desenvolvido no começo da infância sob influência dos pais, que direciona o

comportamento do indivíduo nos aspectos mais importantes de sua vida”. (Berne, 1972, p. 418)

O roteiro da vida fica ainda mais evidente quando se entra no campo da neurociência. Para explicar como o cérebro dos bebês funciona, a professora de psicologia e pesquisadora Alison Gopnik (2009) faz uma analogia com um mapa geográfico da capital francesa. Ela descreve os cérebros infantis como a Paris de antigamente, cheia de pequenas ruelas e travessas que levam a todos os lugares, ainda que de forma ineficiente. Essas travessas e ruelas, segundo ela, são as sinapses nervosas.

Conforme esse bebê vai crescendo e experimentando o mundo, as ruas mais utilizadas vão sendo pavimentadas, enquanto as ruas que ele não utiliza vão sendo esquecidas. Quando essa criança se tornar um adulto, seu cérebro será mais parecido com a Paris atual: com grandes avenidas e boulevards, rápidas e eficientes, e menos atalhos e ruas paralelas estreitas. Assim, as características que foram incentivadas e exercitadas se tornarão habilidades, enquanto as demais serão praticamente esquecidas.

Essa transformação torna o papel dos pais e adultos cuidadores do bebê crucial na primeira infância. Cabe a eles despirem-se de ideias pré-concebidas e expectativas acerca da criança para que possam tomar decisões que a estimulem a explorar todo o seu potencial. Que a incentivem a criar seu próprio mapa e permitam que ela se desenvolva conforme suas características e habilidades reais; e que jamais lhe sejam entregues mapas já traçados, que sirvam apenas para colorir.

Dessa forma, quem sabe, será possível criar um futuro mais autêntico e harmônico para todos. Um futuro em que todos se tratem como seres humanos e dêem ao mundo aquilo que de melhor têm para oferecer. Um futuro em que as gerações não revivam nem repitam os erros das gerações anteriores, em que a sociedade não seja uma grande fôrma à qual seus indivíduos tentam incessantemente se encaixar.

Para que isso seja possível, é preciso se voltar ao início. Da mesma forma como os estágios iniciais de decolagem definem o destino de uma aeronave, é nos primeiros seis anos da infância que a criança forma os traços de personalidade que levará consigo para a vida. Diversos fatores influenciam essa formação - os laços afetivos, o convívio social, o conteúdo consumido em livros, músicas e na televisão, as brincadeiras disponíveis e desenvolvidas por cada criança. Este trabalho, no entanto, irá se concentrar naquela que é, possivelmente, uma das formas mais visíveis de expressão: a moda; e como ela

influencia as concepções de gênero das crianças durante os primeiros anos de suas vidas.

O objetivo geral desta investigação é responder à pergunta: que influência exerce a moda na forma como as crianças aprendem sobre papéis de gênero? Para além da moda, no entanto, é preciso uma visão ampliada a fim de entender quem são os agentes que influenciam não só o mercado da moda, mas também a educação das crianças nos primeiros anos de suas vidas. Para responder a essa pergunta, o trabalho valer-se-á de um método dedutivo de análise, a partir da aplicação de uma pesquisa, majoritariamente, quantitativa.

Para fins de organização, o presente trabalho está dividido em duas partes: na primeira, um enquadramento teórico, que embasa os pressupostos de gênero, o desenvolvimento infantil e a forma como as crianças aprendem sobre gênero; e na segunda, um estudo empírico, que atesta como a socialização de gênero acontece dentro de casa e o quão cientes estão os pais e adultos responsáveis sobre esse processo.

O enquadramento teórico divide-se em três capítulos, separados em subcapítulos de acordo com as especificidades de cada um. O Primeiro Capítulo trata das discussões de gênero. Primeiramente, traz-se ao texto o conceito geral da palavra, que servirá de base para o estudo. Depois disso, o subcapítulo sobre as relações de gênero discute as diferentes interpretações e equívocos acerca do tema, para que seja possível escolher uma linha a se seguir durante o restante do trabalho.

O Segundo Capítulo trata do desenvolvimento infantil durante a primeira infância, período que normalmente se estende do nascimento até os seis anos de idade. Faz-se um estudo sobre o desenvolvimento do cérebro infantil nos primeiros meses e anos de vida, para que seja possível entender como se forma, ainda na infância, a personalidade. A seguir, o texto debruça-se em estudos e artigos científicos para entender em que momento desse desenvolvimento, e de que forma, as crianças aprendem sobre gênero e seus papéis na sociedade.

O Terceiro Capítulo entra no núcleo deste trabalho, para discutir como a moda infantil influencia as concepções de gênero durante a primeira infância. Já tendo discutido a forma como as crianças aprendem sobre gênero, vê-se aqui como a moda as auxilia na expressão e na compreensão da própria identidade. Após essa exposição, para concluir o enquadramento teórico, passa-se à discussão central desta primeira parte: de que

forma, de fato, a moda influencia a maneira como as crianças se enxergam e são vistas na sociedade, pelo ponto de vista dos papéis de gênero.

A segunda parte da dissertação, destinada ao estudo empírico, é dividida em dois grandes capítulos: o primeiro cobre a metodologia da investigação, assim como os objetivos e métodos escolhidos para o estudo, enquanto que o segundo traz os resultados obtidos por meio da investigação e sua relação com os tópicos abordados na primeira parte do trabalho. Por fim, fecha-se o estudo com as conclusões auferidas da aplicação teórica à prática - e após um semestre de intensos estudos sobre gênero, sobre a infância e sobre o que precisa mudar para que a sociedade se torne um lugar um pouco mais igualitário, e melhor.

Parte I.
Enquadramento Teórico

Capítulo 1

Das discussões de gênero

As discussões de gênero que acontecerão neste capítulo têm como base as teorias sociológicas de gênero. Antes delas, a teoria mais comum utilizada para explicar as diferenças sociais era o determinismo biológico - a teoria de que as características e os papéis sociais são naturais do ser humano, nascem com ele. Essa teoria, no entanto, provou-se cientificamente inválida, sendo sustentada, no último século, em sua maioria por grupos de ideais eugenistas - como o partido nazista. (Burke; Embrick, 2020)

As teorias sociológicas de gênero possuem diversas vertentes, entre elas, segundo John Macionis (2013), o Funcionalismo Estrutural, a Teoria do Conflito e o Interacionismo Simbólico. Apesar de focarem em aspectos diferentes das discussões de gênero, as três teorias têm algo em comum: percebem-no como uma construção, e não como uma determinação biológica.

O funcionalismo estrutural vê a família como o componente central da sociedade, e os papéis de gênero como fundamentais para manter a ordem social. Nesse contexto, os homens geralmente assumem as responsabilidades de sustento da família - como a caça e o trabalho -, enquanto que as mulheres cuidam das responsabilidades domésticas. Durante muitos anos esses papéis foram sendo transferidos para as gerações seguintes, de forma a manter o sistema familiar funcionando. (Macionis, 2013)

Na teoria do conflito, os gêneros correspondem a relações de poder e há uma dominância de um gênero sobre outro que, em seu desequilíbrio, gera problemas sociais. Como grupo dominante, os homens, durante muito tempo, foram os únicos autorizados a trabalhar fora de casa, dirigir, votar, criar leis e decidir sobre o futuro reprodutivo das mulheres. Essas desvantagens tornavam as mulheres, dentro de casa, submissas aos homens, uma vez que elas dependiam deles financeiramente. A teoria do conflito vê a relação entre os gêneros de forma semelhante à relação proprietário-proletário, como proposto pelo sociólogo alemão Friedrich Engels, e foi a propulsora de movimentos sociais como o Sufrágio Feminino. (Macionis, 2013)

Já o interacionismo simbólico analisa o papel dos símbolos na interação entre os gêneros, como representações de masculinidade de feminilidade. É a teoria que analisa

os estereótipos de gênero, como o lado racional e agressivo dos homens e a natureza delicada e emocional das mulheres, ou o fato de os homens não usarem vestidos nem maquiagens. Como os significados atribuídos aos símbolos são socialmente criados e não-estáticos, eles mudam conforme a cultura e o tempo. É por isso, por exemplo, que azul já foi considerada uma cor de meninas, enquanto que o rosa era a cor dos meninos - o contrário do que acontece atualmente. (Macionis, 2013)

Todas as teorias apresentadas, enquanto analisam as questões de gênero sob uma determinada luz, deixam de fora questionamentos importantes para a compreensão da sociedade como um todo. É o caso das questões raciais, por exemplo. Como este trabalho pretende focar apenas nos problemas de gênero, é por este caminho que os próximos capítulos devem seguir - sem diminuir, de forma alguma, as demais lutas sociais, tão importantes para promover mudanças significativas e efetivas na sociedade.

1.1 O conceito de gênero

Para falar sobre a forma como as crianças aprendem sobre papéis de gênero na infância, é preciso, primeiramente, falar sobre gênero. A palavra, no Dicionário Etimológico Indo-Europeu (Pokorny, 1989), vem do latim *genus*, e significa tipo, categoria, classe. Gênero, portanto, provém de uma forma de divisão de elementos diferentes entre si.

Segundo o Oxford English Dictionary (2007), a definição sociológica da palavra gênero é o estado de ser masculino ou feminino, conforme expressado por diferenças sociais e culturais, em vez de biológicas. São chamados de gênero os atributos ou os traços coletivos associados a um sexo específico, ou determinados como resultado dele.

De fato, não há forma mais direta de se buscar o significado de uma palavra do que recorrendo a um dicionário. É nele que encontramos definições despidas de valores ideológicos, o que abre espaço para a interpretação literal da palavra, livre de julgamentos.

A palavra 'gênero', portanto, designa uma forma de diferenciar o que é masculino do que é feminino conforme as convenções culturais de uma sociedade. E 'cultura', segundo o Oxford Learner's Dictionaries (n.d.), é o conjunto de "costumes e crenças, arte, estilo de vida e organização social de um país ou grupo". Assim, a cultura depende

de cada sociedade, o que a torna - e torna também a definição de gênero - variável para cada grupo ou região específica.

Dessa forma, a discussão que se segue não é acerca apenas da definição de gênero, mas de como o gênero, enquanto construção social, é responsável por afetar as relações e a organização dos indivíduos quanto aos papéis que exercem, como homens e mulheres, na sociedade.

1.2 As relações de gênero

Para a historiadora Joan Scott (1999), as relações de gênero têm como base as características, atribuídas a homens e mulheres, reproduzidas pela cultura, e que dão significado às relações de poder. O conceito de gênero, portanto, não se limitaria simplesmente a uma visão dicotômica de masculino e feminino, pois o gênero é responsável por enfatizar o caráter social e complexo das relações humanas, construídas pela sociedade durante toda sua história.

A antropóloga Margaret Mead (2000) partilhava de opinião semelhante. Para ela, o entendimento de gênero como construção social provém desses valores que caracterizam os padrões masculino e feminino, e que acabam por determinar os papéis que homens e mulheres desempenham na sociedade. Esses valores, por sua vez, são transmitidos de geração em geração, e se refletem tanto na socialização como na educação e no desenvolvimento das crianças.

O gênero, portanto, seria “a organização social da diferença entre os sexos.” (Grossi *et. al*, 1998, p. 115 *apud* Lisboa *et. al* 2015, p. 88). Em vez de refletir, na prática, as diferenças biológicas entre homens e mulheres, ele reflete os valores sociais responsáveis por construir a realidade de cada sexo.

Isso porque as diferenças de gênero estão presentes no dia a dia, nas esferas pública e privada e nos diversos aspectos que constituem as relações sociais, perpetuando “discursos carregados de valores discriminatórios e modeladores de formas de representação e atuação de mulheres e homens, desde crianças”. (Lisboa *et. al*, 2015, p. 88)

Essas relações estariam atreladas às estruturas da sociedade, legitimando a assimetria de poder entre os sexos:

Atreladas às estruturas constitutivas de sociedades distintas, as relações de gênero integram uma dinâmica de delimitação e legitimação de posições entre mulheres e homens. Trata-se de um movimento caracterizado por princípios assimétricos de relacionamento entre os sexos e que tem sido, na história da humanidade, consubstanciado por relações de hierarquia e poder, expressas pelo binômio dominação/subordinação. (Lisboa *et. al*, 2015, p. 87)

O preconceito perante as discussões de gênero provém de um equívoco com relação a palavra em si. “De fato, para algumas pessoas, ‘gênero’ virou uma forma educada de se referir a sexo, enquanto que ‘sexo’ passou a ser utilizada apenas para se referir ao ato físico de fazer amor”. (Scott, 1986, p. 8)

A visão de Joan Scott é compartilhada pela historiadora Jo Paoletti, autora do livro “Pink and Blue: Telling the Boys from the Girls in America”:

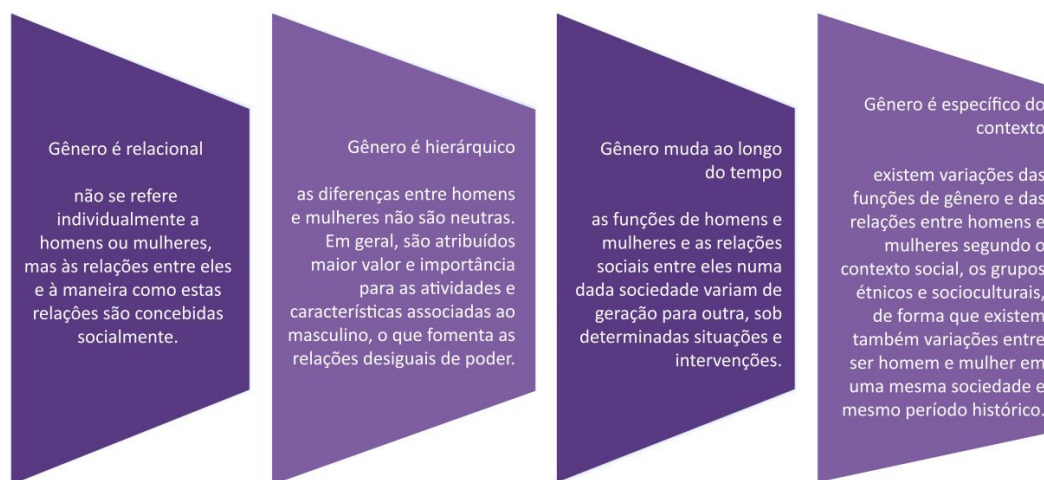
Na literatura acadêmica, as palavras "sexo" e "gênero" têm significados específicos que geralmente são confundidos no uso popular. Para os estudiosos, "gênero" refere-se a "diferenças culturais entre homens e mulheres, baseadas nas diferenças biológicas entre homens e mulheres". "Sexo" é usado para denotar essas diferenças biológicas (masculino, feminino), "gênero" é usado para distinções em função, aparência e comportamento que são de origem cultural, mas decorrentes do sexo de um indivíduo (masculinidade, feminilidade). (Paoletti, 2012, p. 1)

A confusão no uso popular das palavras faz com que, para boa parte das pessoas, o gênero de uma criança seria indiscutível, pois estaria automaticamente associado a seu sexo biológico. Essa percepção torna os diálogos sobre gênero na infância objeto de tabu, principalmente para aqueles que acreditam que desconstruir as concepções de gênero levaria à normalização de mudanças de sexo ou mudanças na orientação sexual de um indivíduo - três conceitos completamente distintos.

Segundo a ONU Mulheres (2016), o gênero é algo relacional, hierárquico, que muda ao longo do tempo e é específico de cada contexto - seja ele histórico, étnico ou social (ver fig. 1).

Figura 1

Características do conceito de gênero e seu emprego como ferramenta de análise



Fonte: elaborado a partir de CEPAL/UNIFEM/UNFPA (2006, p. 223)

Retirada de *Diretrizes Nacionais - Feminicídio: investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres* (ONU Mulheres Brasil, 2016, p. 32)

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2010), no artigo intitulado "Gender and Genetics", o processo de determinação e diferenciação biológica dos sexos se dá por meio, principalmente, da composição cromossômica de um indivíduo: 46 XY para os homens e 46 XX para as mulheres. Essa análise, no entanto, não é 100% objetiva, uma vez que o processo de formação humana pode dar origem a indivíduos monossômicos (45X ou 45Y, por exemplo) ou trissômicos (47XXX e 47XXY, por exemplo)¹.

Por esse motivo, para determinar o sexo biológico, analisa-se também a presença de genitálias e órgãos sexuais - como útero ou testículos. Há também um outro fator determinante dos sexos, e decorrente da presença de órgãos sexuais, que é a produção de hormônios.

¹ A monossomia ou trissomia dos cromossomos sexuais não é tão severa quanto a de outros tipos de cromossomos, como a trissomia do cromossomo 21, causadora da síndrome de Down, ou outras alterações cromossômicas que podem ser letais ao feto. Meninas com trissomia dos cromossomos sexuais, por exemplo, normalmente não possuem problemas físicos ou mentais nem enfrentam problemas de fertilidade, segundo a Dra. Powell-Hamilton, no Manual Merck de diagnóstico e tratamento.

A orientação sexual de um indivíduo, segundo a OMS (2010), tem sua origem como inconclusiva: não há estudos suficientes que comprovem o que faz com que um ser humano sintam-se atraído sexualmente por outro do sexo oposto, do mesmo sexo ou pelos dois sexos. Há também a possibilidade de um indivíduo simplesmente não sentir atração sexual, o que pode ter as mais variadas causas.

Já gênero, para a Organização Mundial da Saúde (2010), “tipicamente descrito em termos de masculinidade ou feminilidade, é uma construção social que varia entre diferentes culturas e períodos de tempo”. A instituição ainda afirma que:

Há inúmeras culturas, por exemplo, em que há grande diversidade de gêneros, e sexo e gênero não são claramente divididos em linhas binárias como ‘masculino’ e ‘feminino’ e ‘homossexual’ e ‘heterossexual’. Os Berdache na América do Norte, os Fa’afafine no Pacífico e os Kathoey na Tailândia são todos exemplos de diferentes categorias de gênero que divergem da tradicional divisão ocidental de pessoas em homens e mulheres. Além disso, entre certas comunidades nativas da América do Norte, gênero é algo visto mais em termos de continuidade do que de categorias, com reconhecimento especial das pessoas “dois-espíritos”, que possuem tanto características e qualidades masculinas quanto femininas. É claro, portanto, que diferentes culturas têm diferentes formas de abordar diferenças de gênero, com mais ou menos fluidez e complexidade. (Ibid., p. 2)

Essa visão não-binária de gênero é defendida pela filósofa e professora Judith Butler. Em seu livro *Gender Trouble* (1999) ela analisa as relações de gênero sob a óptica do pós-estruturalismo: falar em gênero feminino e masculino, para Butler, é marginalizar um grande grupo de indivíduos que não se reconhece em nenhum dos dois papéis. Seria preciso, portanto, quebrar a ideia de gênero normativo e abraçar o individualismo para solucionar essas questões.

A visão de Butler (1999), no entanto, não encara o gênero como uma construção social de papéis a serem desempenhados em sociedade. Pelo contrário, a filósofa fala em gênero como a identidade de cada um, como algo intrínseco do ser humano e, portanto, único.

Por refutar a teoria pós-estruturalista e manter as discussões de gênero dentro daquilo que dizem os dicionários - e a Organização Mundial da Saúde - este texto parte do

princípio de que gênero é, em si, uma construção social. E no contexto de construção social, o texto considera a leitura binária de gêneros, que, assim como no livro de Jo Paoletti (2012), abrange a maior parte dos países e grupos sociais no mundo. O texto também usará as distinções de Paoletti quando se referir a “meninos” e “meninas”, e “feminino” ou “masculino”:

Como este é um livro sobre cultura cotidiana, deve-se presumir o uso do significado comum desses termos; quando pretendo um uso acadêmico ou teórico mais especializado, isso será explicitado. "Diferenças de gênero" nas roupas infantis se referem a elementos classificados como "masculino", "feminino" ou "neutro", quase num sentido gramatical. [...] As palavras "sexo", "homem", "mulher", "menino" e "menina", quando se referem ao sexo biológico aparente (ou atribuído) da criança, têm uma base biológica, mas significados culturais. (Paoletti, 2012, p. 2)

Dessa forma, há que se fazer a distinção de conceitos, uma vez que discutir as características e os papéis de gênero na sociedade em nada muda ou determina questões biológicas ou relativas à orientação sexual e à identidade dos indivíduos. Mais do que isso, as discussões de gênero são de extrema relevância para que seja possível, a qualquer sociedade, avançar em áreas que ainda carecem de justiça social e igualdade.

No capítulo a seguir, será possível entender a dimensão da relevância dessas discussões. As questões de gênero, presentes na vida das crianças desde o momento em que nascem, têm grande impacto na visão de mundo que irão desenvolver e nos adultos que irão se tornar - assim, por consequência, essas questões acabam por impactar, de forma abrangente, as diversas nuances da sociedade.

Capítulo 2

Do desenvolvimento infantil

Para que seja possível perceber de que forma as crianças assimilam questões tão complexas como as de gênero, é preciso, primeiramente, entender como o cérebro infantil funciona: como as crianças aprendem novas informações, como testam suas teorias, como seus pensamentos e habilidades se desenvolvem e - talvez a questão mais importante - que elementos influenciam nesse aprendizado.

Somente após esse entendimento inicial é possível discutir a necessidade da quebra de papéis engessados de gênero, dado que é justo na infância que esses papéis começam a assumir a forma de identidade pessoal. Para que seja possível realizar mudanças positivas nesse sentido, é preciso esmiuçar, antes de tudo, a forma com que a própria sociedade contribui para a socialização infantil.

O psiquiatra canadense Eric Berne (1972), fundador da Análise Transacional, desenvolveu em sua obra “What do you say after you say hello?” o que chamou de teoria do Roteiro da Vida. Segundo ele, esse roteiro seria um plano de vida pronto, escrito pelos pais ou responsáveis por uma criança, com afirmações e papéis pré-definidos que influenciam a tomada de decisão dessa criança.

O roteiro da vida é adotado durante a infância - durante os primeiros cinco anos de idade, mais especificamente - mas repercute até bem mais tarde, nas decisões de vida daquela criança conforme se torna adulta. Apesar de ser passível de interpretações e modificações, uma vez que aquela criança ou adulto pode quebrar os padrões pré-estabelecidos pelos pais, o roteiro ainda é um forte guia no desenvolvimento das primeiras visões de mundo, de relacionamentos e da própria criança sobre si mesma. (Ibid.)

Tanto injunções - como “não chore, isso é coisa de menina”, “se comporte como uma dama” - quanto atribuições - como “você é terrível”, “você é teimoso igual ao seu pai” - servem para forjar na cabeça das crianças ideias sobre o que é certo ou errado, e sobre quem elas e as pessoas ao seu redor são. A mensagem pode tanto ser ativa quanto passiva, uma vez que crianças são ávidas observadoras e compreendem a mensagem

que os adultos estão passando, ainda que seja por meio de atitudes, e não de palavras. (Ibid.)

Por sua natureza doutrinadora, o roteiro da vida inclui em grande parte, também, a socialização de gênero. Atrás de frases como “isso não é jeito de uma menina se comportar” ou “meninos não vestem cor-de-rosa” existem fortes valores sendo repassados às crianças - valores esses que são responsáveis por uma visão de mundo onde meninas e meninos têm diferentes direitos, exercem diferentes papéis e possuem sobre si diferentes expectativas.

O roteiro da vida jamais será uma página em branco. O ser humano carrega consigo um passado de histórias e experiências de vida impossíveis de serem deixadas de lado ao criar uma nova vida. No entanto, esse roteiro pode conter afirmações de liberdade, afeto, aceitação e bondade, em vez de meros estigmas. O cérebro das crianças, como se verá no capítulo seguinte, é perfeitamente projetado para aprender. Seria uma oportunidade gravemente desperdiçada não utilizar essa brilhante máquina para criar uma próxima geração de mente aberta e com mais respeito pelas diferenças.

2.1 O cérebro infantil e a formação da personalidade

Há trinta anos, a maioria dos psicólogos, filósofos e psiquiatras achava que os bebês e as crianças pequenas eram irracionais, egocêntricas e amorais. Eles acreditavam que as crianças eram incapazes de entender causa e efeito, imaginar as experiências de outras pessoas ou compreender a diferença entre realidade e fantasia. Muitas pessoas ainda, frequentemente, pensam nas crianças como adultos com defeito. Mas nas últimas três décadas os cientistas descobriram que as crianças pequenas entendem mais do que achávamos possível. Mais do que isso, estudos sugerem que elas aprendem sobre o mundo da mesma forma que os cientistas: conduzindo experimentos, analisando estatísticas e formando teorias intuitivas sobre os aspectos físicos, biológicos e psicológicos da vida. (Gopnik, 2010, p. 76)

No artigo intitulado “How babies think”, Alison Gopnik (2010) explica que, ao contrário do que se pensava antigamente, o cérebro dos bebês é um mecanismo especialmente projetado para a aprendizagem. Apenas recentemente, no entanto, é que os neurocientistas começaram a descobrir como esse aprendizado ocorre: “O cérebro dos

bebês é mais flexível que o dos adultos. Ele possui bem mais conexões entre os neurônios” (Ibid., p. 81)

O elevado nível de substâncias químicas presentes em seus cérebros permite que, além de gerar mais conexões, os bebês consigam mudar suas conexões mais rapidamente. Segundo ela, essas conexões não são exatamente eficientes, mas com o tempo, os bebês perdem as que não estão sendo utilizadas e fortalecem aquelas que lhes são úteis - como árvores que dependem da poda para crescer saudáveis e dar frutos. (Ibid.)

Segundo Gopnik (2010), o córtex pré-frontal, área do cérebro responsável pelo controle, foco e planejamento, leva muito tempo para amadurecer. O que parece uma desvantagem - uma vez que seria muito mais fácil para os cuidadores se os bebês pudessem, de fato, ter autocontrole - é na verdade uma vantagem evolutiva: “essa desinibição permite que bebês e crianças pequenas possam explorar o mundo mais livremente.” (p. 81)

As habilidades necessárias para que um ser humano possa ter controle e planejamento são, na verdade, contrárias às habilidades necessárias para aprender. Por isso crianças são como esponjas, e conseguem aprender melhor e muito mais rápido que os adultos:

Uma nova imagem da infância e da natureza humana emerge das pesquisas da última década. Longe de serem meros adultos inacabados, bebês e crianças pequenas são primorosamente projetados pela evolução para mudar e criar, aprender e explorar. Essas capacidades, tão intrínsecas ao que significa ser humano, aparecem em sua forma mais pura nos primeiros anos de vida. Nossas realizações humanas mais valiosas são possíveis porque éramos crianças dependentes e indefesas, e não apesar disso. A infância e o cuidado, afinal, são fundamentais para a nossa humanidade. (Ibid., p. 81)

Os doutores David Whitebread e Sue Bingham, da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, explicam que, durante a primeira infância, o cérebro das crianças quadruplica tamanho. Esse crescimento exponencial, segundo eles, é consequência do aumento no número de sinapses entre os neurônios no córtex. (Whitebread & Bingham, 2013)

“Muitos processos fundamentais que sustentam o pensamento, o raciocínio e o aprendizado estão presentes e totalmente funcionando ao nascimento, ou se tornam

disponíveis nos primeiros 4 a 5 anos de vida” (Goswami, 2008 *apud* Whitebread & Bingham, 2013, p. 4).

Os pesquisadores ressaltam que, ainda que fatores genéticos e fisiológicos desempenhem seu papel na forma como as crianças aprendem, grande parte desse aprendizado depende do ambiente físico e social em que elas estão inseridas. Isso porque as sinapses nervosas do cérebro surgem e desaparecem dependendo das experiências vividas por cada criança - da mesma forma como a seleção natural. (Ibid.)

“À medida que a criança interage dentro de seu ambiente, em sua vida diária, ela observa as interações dinâmicas entre pessoas e objetos enquanto seus cérebros tentam fazer sentido de tudo”. (Ibid., p. 4)

As crianças, portanto, constroem uma série de explicações sobre aquilo que percebem, com base em relações de causa e efeito, para assimilar e acomodar essas novas experiências em categorias: o que é semelhante vai para dentro de uma mesma “caixinha”, enquanto que o que é diferente vai para uma nova caixa. Esse acúmulo de experiências é aquilo que, desde o início, molda suas percepções de mundo. (Ibid., 2013)

Num experimento conduzido na Califórnia, nos Estados Unidos, a professora Jamie Solomon concluiu que, infelizmente, grande parte dessas percepções de mundo é moldada por pessoas e ambientes que, em vez de apresentar a criança ao mundo como um todo, simplesmente reforçam estereótipos existentes:

Crianças pequenas estão continuamente buscando dar sentido ao mundo, assimilando novas informações e modificando suas teorias ao longo do caminho. No entanto, a maior parte das influências na vida de crianças pequenas - humanas e ambientais - reforça estereótipos existentes. Sem adultos preocupados em ajudar essas crianças a considerar perspectivas que desafiem o *status quo*, elas tendem, por conta própria, a desenvolver noções que se ajustam a esses estereótipos. (Ramsey, 2004, *apud* Solomon, 2016, p. 63).

Para impedir que isso aconteça, é preciso expor as crianças “a imagens, ações, pessoas e palavras que contrariem esses estereótipos” (Brill & Pepper, 2008 *apud* Solomon, 2016,

p. 63). Por meio de exemplos é possível às crianças modificar e expandir visões limitadas com relação aos diversos aspectos da vida.

Daí a importância de oferecer às crianças as mais diferentes perspectivas, inclusive aquelas que contrariam o que é pré-imposto pela sociedade, de forma a permitir que elas conheçam, desde pequenas, diferentes papéis, expressões e identidades. Só assim as crianças podem se desenvolver por completo, explorando todas as dimensões de seus potenciais. (Valente, 2011 *apud* Solomon, 2016)

De acordo com Michelle Bissoli, a personalidade é uma formação complexa, que envolve “capacidades cognitivas, emoções, vontade e traços de caráter” (Leontiev, 1978, *apud* Bissoli, 2014, p. 589). É, segundo ela, um sistema formado por “funções psicológicas distintas que, quando integradas, caracterizam a forma singular que todo indivíduo age no mundo.” (2014, p. 589).

Esse sistema é estável, e tem como base as reações dos indivíduos àquilo que acontece ao seu redor. No entanto, a personalidade não é composta apenas por essas reações, e engloba, entre outras coisas, habilidades, motivações e formas de agir. “Pessoas com uma personalidade madura estão cientes de suas possibilidades, das razões de sua conduta e, acima de tudo, podem dominar ativamente seu comportamento” (Ibid, p. 589).

Uma das abordagens da personalidade é a Teoria Histórico-Cultural, que entende que “o desenvolvimento da personalidade não é natural, mas histórico e social” (Vigotski, 1935, *apud* Bissoli, 2014, p. 589). Ele depende, portanto, “da integração do indivíduo, desde os primeiros momentos da vida, na sociedade, cheio de demandas, expectativas e hábitos” (Ibid.). Assim, os elementos que caracterizam a formação da personalidade dependem não só do desenvolvimento psicofisiológico da criança mas também de seu desenvolvimento cultural, uma vez que “é na atividade social que a personalidade é configurada” (Bissoli, 2014, p. 589).

Essa atividade social, no entanto, pode ser efetuada em diversas esferas. Em casa, na escola, nos círculos de convívio da criança. Essas interações aperfeiçoam a forma como as crianças entendem a sociedade e a si mesmas, o que influencia a transformação de suas consciências e suas personalidades. (Duarte, 2013, *apud* Bissoli, 2014)

Durante a infância, os primeiros níveis de formação da personalidade de um indivíduo são estabelecidos. Leontiev (1978) afirma que este é o período espontâneo do desenvolvimento deste sistema. É no primeiro ano de vida que as crianças aprendem valores, conduzem normas e especificamente as capacidades humanas, e tornam-se capazes de se expressar de maneira singular perante o mundo: elas constroem uma consciência cada vez mais complexa sobre os objetos e seu conhecimento deles, sobre as relações humanas e, principalmente, sobre si mesmas (autoconsciência). Esse processo é mediado pelas situações em que as crianças vivem, portanto, podemos afirmar que a personalidade de cada uma delas é resultado de sua biografia: suas condições de vida e educação, as atividades que desenvolvem, os processos de aprendizagem e o desenvolvimento de seu psiquismo, como apontado por Vigotski (1929/2000) e Sève (1979). (Bissoli, 2014, p. 590)

Assim que nascem, as crianças já começam a criar relações sociais com os adultos que as cercam. Elas precisam ter suas necessidades atendidas, e esse suprimento depende completamente dos adultos. Como suas estruturas visuais e auditivas ainda não são totalmente desenvolvidas, é por meio do toque, da atenção, das conversas e do afeto que adulto e bebê estabelecem suas primeiras conexões. (Ibid.)

Com o desenvolvimento da visão e da audição, o bebê começa a ter um contato mais sensorial com o mundo que o cerca. Nessa fase, segundo Bissoli (Ibid.), quanto mais ricas as experiências de interação entre adultos e bebês, mais positivo será seu desenvolvimento físico e emocional. Isso porque a principal formação psicológica que acontece nesse primeiro ano de vida é a percepção. Assim, a comunicação emocional do bebê com as pessoas que o cercam é o fator que mais impacta o desenvolvimento de suas capacidades e de sua personalidade.

Até os três anos de idade essa percepção continua se desenvolvendo, e a criança passa a compreender o mundo que a cerca de uma maneira já mais integrada:

Crianças pequenas começam a se perceber como sujeitos das ações que realizam, e esse é um progresso central para o desenvolvimento de sua personalidade. Dessa forma, mesmo que o adulto permaneça como motivador central do comportamento da criança, ele, neste momento, assume uma nova posição: de parceiro nas ações executadas com objetos sociais. As crianças os

manipulam, apropriando-se de suas características físicas e, simultaneamente, percebendo suas próprias possibilidades como sujeitos que realizam ações com esses objetos. É por isso que é tão comum que elas repitam as mesmas ações diversas vezes: abrir e fechar a porta; jogar e pegar um objeto do chão; empurrar e puxar... Elas estão envolvidas em um complexo processo de percepção das coisas e de autopercepção, mediado pela presença de um adulto - primeiro como colaborador, depois como modelo de ações. (Ibid., pp. 590-591)

Essa fase, de manipulação de objetos e experimentação, também marca o início da linguagem oral. Bissoli (2014) afirma que é quando a criança começa a dar os primeiros passos em seu vocabulário, a juntar palavras e criar expressões. É uma fase importante pois é quando se consolida uma nova forma de pensar, agora com palavras. Ainda que nessa idade a criança não tenha desenvolvido sua identidade completamente, ela já tem vontade própria - muitas vezes contrária à do adulto. Isso porque o desenvolvimento do pensamento verbal tem um papel fundamental na formação da personalidade: é a partir dele que a criança pensa sobre o mundo e consegue expressar essa compreensão. (Vigotski, 1931/2013 *apud* Bissoli, 2014)

Figura 2

Sub-estágios do período sensório-motor

Subestágio	Idade	Classificação Piaget	Características
1	0-1 mês	Reflexos	Prática de esquemas ou reflexos inatos como sugar ou olhar. Nenhuma imitação; nenhuma capacidade de integrar informações de diferentes sentidos.
2	1-4 meses	Reações circulares primárias	Acomodação de esquemas básicos, conforme o bebê os pratica interminavelmente - agarrar, olhar, sugar. Um início de coordenação de esquemas de diferentes sentidos, como olhar na direção de um som; o bebê ainda não vincula as ações do seu corpo a algum resultado real fora dele.
3	4-8 meses	Reações circulares secundárias	O bebê torna-se muito mais consciente dos eventos fora do seu corpo e tenta fazer com que aconteçam novamente, em uma espécie de aprendizagem por tentativa e erro. Pode haver imitação, mas só de esquemas que já fazem parte do repertório do bebê. Há um início de entendimento do "conceito de objeto".
4	8-12 meses	Coordenação de esquemas secundários	Comportamento intencional de coordenar meios e fins claramente evidente. O bebê não só busca aquilo o que quer, como também combina dois esquemas para conseguir isso, como empurrar uma almofada para o lado para pegar um brinquedo. Ocorre a imitação de comportamentos novos, assim como a transferência de informações de um sentido para o outro (transferência modal cruzada).
5	12-18 meses	Reações circulares terciárias	Começa a "experimentação", no sentido que o bebê tenta novas maneiras de brincar com os objetos ou de manipulá-los. Há a exploração por tentativa e erro, a qual está muito ativa, muito intencional.
6	18-24 meses	Início do pensamento representacional	Desenvolvimento do uso de símbolos para representar objetos ou eventos. A criança compreende que o símbolo está separado do objeto. Aqui começa a imitação diferida.

Retirada de *Design e gênero: diretrizes metodológicas para validação do uso da linguagem visual na roupa infantil* (Bee, 2003, p. 198 *apud* Bezerra, 2014, p. 80)

Por volta dos três anos de idade, as crianças passam por uma transformação completa em sua personalidade. É quando descobrem a si mesmas como sujeitos de ação, e começam a formar a própria identidade. “Elas começam a se referir a si mesmas pelo pronome "eu" e a tentar realizar atividades sem a ajuda de quem cuida delas. Elas querem se vestir, tomar banho e comer sozinhas; se opõem ao adulto que pode querer controlar suas ações.” (Bissoli, 2014, p. 591)

A criança, que já imitava as ações do adulto desde o período anterior, agora reconhece que essas ações têm um papel social. O desejo de realizar as mesmas atividades que os adultos realizam, e a incapacidade de fazê-lo, combinados com o desenvolvimento alcançado até agora, condicionam o jogo do faz-de-conta. [...] Com todo esse desenvolvimento cognitivo e afetivo, de forma integrada (Gomes, 2008), agora, quando brincam, as crianças imitam os papéis sociais dos adultos que puderam observar em suas experiências reais. Representam simbolicamente as atividades realizadas por eles, os adultos, desenvolvendo progressivamente suas próprias formas de entender o mundo, as pessoas e a si mesmas. (Ibid., p. 562)

Essa brincadeira de imitação, no entanto, não é totalmente espontânea: há uma forte componente social na sua criação:

Os temas dos jogos infantis são aqueles presentes no cotidiano da criança, que podem ser observados. Daí a importância do adulto no enriquecimento das experiências das crianças. Quando os adultos lêem histórias diariamente, quando incentivam a observação de papéis sociais ao redor, quando enriquecem as experiências das crianças com conhecimento sobre o mundo e as pessoas, a possibilidade de brincar de faz-de-conta se torna muito mais ampla e desenvolvimental. (Ibid.)

Além das brincadeiras, as crianças também podem engajar em outras atividades importantes para o desenvolvimento da personalidade, como desenhos, modelagem, música, escrita e leitura. É importante que elas se envolvam em atividades “diversificadas e significativas, que incitem sua curiosidade e as afetem positivamente

e, nesse sentido, as levem a objetos culturais apropriados, desenvolvendo suas funções psíquicas superiores.” (Ibid.)

Isso porque a formação da personalidade, que começa na primeira infância, ganha reflexos importantes na vida adulta. Num estudo realizado com 45 famílias, por Slobodskaya e Kozlova, na Rússia, o temperamento das crianças foi avaliado enquanto eram bebês, com alguns meses de idade, e novamente oito anos mais tarde. O estudo concluiu que os traços de personalidade das crianças de 8 anos tinham como base muitos dos traços já encontrados nelas anos antes, ainda bebês. (Slobodskaya & Kozlova, 2016)

Outro estudo sobre o mesmo tema, realizado na República Tcheca por Blatny, Jelinek e Osecka (2007) foi ainda mais longe, concluindo que o temperamento de bebês e crianças entre os 12 e 30 meses de idade já daria indícios dos traços de personalidade desses adultos 40 anos mais tarde.

Apesar de ser praticamente impossível saber em que momento, exatamente, a personalidade de uma criança se solidifica, é durante os primeiros anos da infância - dos primeiros meses aos três anos - que ela começa a se cristalizar. A personalidade de uma criança de cinco anos, por exemplo, dá muitos indicativos de quem será aquele adulto futuramente. (Jarrett, 2016)

Se as crianças constroem sua visão de mundo de acordo com as experiências às quais são expostas na infância, e se a personalidade que se forma nos primeiros anos de suas vidas traduz-se na vida adulta, é possível afirmar que esses primeiros anos de vida são cruciais na formação de um indivíduo - e, portanto, da sociedade como um todo.

Essa percepção é explorada no filme *A Fita Branca* (2009), do diretor austríaco Michael Haneke. Num vilarejo ao norte da Alemanha pré Primeira Guerra Mundial, o filme acompanha estranhos casos envolvendo as crianças locais. Aos poucos o espectador percebe que essas crianças convivem numa atmosfera de rigidez, intolerância e violência, mas é apenas ao fim do filme, quando a história é situada no tempo, que se percebe que aquelas crianças cresceram para se tornar a geração adulta do regime nazista. E a compreensão é arrasadora.

A forma como as crianças são tratadas numa sociedade é capaz de predizer o próprio futuro dela, uma vez que essas crianças se tornarão adultos e agentes, possivelmente,

de transformação. Dentro das discussões de gênero, há que se olhar com cuidado para o que os mais novos estão vivenciando: a que experiências, exemplos, conteúdos e incentivos estão sendo expostos aqueles que são parte substancial na construção do futuro?

Essa indagação é essencial para entender as raízes de problemas estruturais da sociedade, como as existentes desigualdades - sejam elas de classe, de raça, de gênero ou de qualquer outra espécie. Para entender como é possível mudar, no entanto, é preciso, antes de tudo, entender de que forma as crianças absorvem a dinâmica social, aceitando-as como visão de mundo e como parte intrínseca do viver.

2.2 As concepções de gênero na primeira infância

Na definição de Deborah Best e Kelsey Luvender (2015), a socialização de gênero é o processo por meio do qual pais, irmãos, parentes, professores e colegas ensinam meninas e meninos sobre comportamentos, valores e papéis de gênero dentro de uma esfera cultural. Segundo o artigo publicado por elas, esse processo se iniciaria ao nascimento - ou até antes dele, assim que se descobre o sexo da criança - e seria pautado pelos pais e pelas expectativas culturais de uma sociedade.

Por volta dos dois anos as meninas são estimuladas a dançar, maquiarse, brincar de bonecas e de cozinha. Já os meninos são desencorajados dessas ações e praticam atividades que requeiram esforço como correr, pular, escalar objetos da casa, puxar e montar brinquedos. [...] As tentativas de estímulo de brinquedos e brincadeiras dos pais parecem ser as primeiras escolhas das crianças durante a atividade lúdica. (Shaffer, 2005, *apud* Bezerra, 2014, p. 97)

De acordo com a UNICEF (2007), a socialização de gênero é a forma como as crianças são ensinadas sobre os papéis culturais de cada sexo na sociedade. Essa socialização, segundo a organização, começaria realmente ao nascimento:

Desde o início, meninos e meninas são tratados de maneira diferente pelos membros de seu próprio ambiente e aprendem sobre as diferenças entre meninos e meninas, homens e mulheres. As expectativas dos pais e da sociedade em relação a meninos e meninas, sua seleção de brinquedos específicos ao gênero e/ou atribuições baseadas em gênero parecem definir um processo de socialização diferenciador que pode ser denominado como

"socialização de gênero". Existem inúmeros exemplos de várias partes do mundo, confirmando que a socialização de gênero está entrelaçada aos valores étnicos, culturais e religiosos de uma determinada sociedade. E a socialização de gênero continua ao longo do ciclo da vida. É o processo pelo qual as pessoas aprendem a se comportar de uma certa maneira, ditada por crenças, valores, atitudes e exemplos da sociedade. (UNICEF, 2007, p. 1)

Segundo a UNICEF (2007), as crianças se deparam com definições de "masculino" e "feminino" desde muito pequenas. Enquanto que meninos são instruídos a não chorar, não ter medo e a serem assertivos e fortes, as meninas são ensinadas a não serem exigentes, a serem complacentes e se comportarem como "damas". “Esses papéis e expectativas de gênero têm ramificações em larga escala” (p. 1).

Isso porque, em todo o mundo, as meninas recebem cuidados e tratamentos diferentes dos meninos, o que as leva a crer que merecem ser tratadas dessa forma. “O grau de diferenças de gênero observado varia em todas as culturas em relação à saúde, nutrição, atividades de desenvolvimento, cuidados, educação, higiene e proteção de bebês e crianças pequenas” (Ibid.).

Para Susan Witt (1997), essa socialização acontece o tempo todo, principalmente dentro de casa. Desde que são bebês, os pais tratam filhos e filhas de forma diferente, os vestem com cores e roupas diferentes, compram brinquedos diferentes e esperam comportamentos diferentes de cada um. Mesmo quando crescem, essa socialização continua, seja nas tarefas que são designados a realizar dentro de casa ou nos esportes que são incentivados a fazer na escola.

Outro ambiente onde ocorre a socialização de gênero, não por acaso, é a escola:

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica e corresponde à fase que as crianças têm a oportunidade de conviver num grupo social mais amplo. Trata-se de um universo com características próprias com espaços, tempos, organizações e práticas construídas no seio das intensas relações crianças-crianças, crianças-adultos e adulto-adultos e distinto do ambiente familiar, comum para a criança até sua inserção no cenário escolar. (Giachini & Leão, 2016, p. 1410)

A criança, muitas vezes, já chega na escola carregando suas próprias concepções de gênero provenientes da socialização familiar. E pode lá encontrar - ou não - uma validação para essas questões. “A escola reproduz o que acontece na sociedade, auxiliando, deste modo, a robustecer os costumes e os valores, tendo-se como exemplo, o masculino e feminino e a concepção dos estereótipos sexistas.” (Louro, 1997, *apud* Giachini & Leão, 2016, p. 1410)

É preciso voltar o olhar não apenas àquilo que é ensinado às crianças, mas à forma como é ensinado, pois no ambiente escolar o ensino se dá tanto em sala de aula quanto na hora das brincadeiras, das descontrações e na própria dinâmica entre as crianças. Nesses intervalos, às vezes sem querer, discursos carregados de preconceito ou estereótipos são proferidos. “A tarefa mais urgente talvez seja exatamente esta: desconfiar do que é tomado como *natural*”. (Ibid., p. 1418)

A educação infantil, para Giachini e Leão (2016, p. 1419) é “um campo fértil e um espaço privilegiado para promover reflexões e, assim, mudanças que suspendam os paradigmas tradicionais e arraigados de comportamentos considerados masculinos e femininos”. Os profissionais de educação são, juntamente com os adultos envolvidos na criação da criança, elementos essenciais para mediar essas interações e “desmistificar valores de hierarquia, poder e dominação de um gênero perante o outro” (p. 1419):

Cabe aos adultos, profissionais da área da educação ou não, oferecer a esses meninos e meninas a oportunidade de serem eles mesmos e, assim, transitar por novas direções, vivenciando a infância na sua plenitude sem qualquer tipo de preconceito. Essas crianças devem ter seus direitos garantidos e suas diferenças respeitadas, ponderando os aspectos de gênero, classe, raça, etnia, religião, entre outros. (Ibid., p. 1419)

Para Sandra Santos Andrade (2003, p.109 *apud* Santana & Smili, 2012), não é somente na escola que as crianças são educadas e suas personalidades moldadas. A mídia, assim como a literatura, o cinema, os brinquedos, a moda e outras formas de comunicação e expressão cumprem um grande papel na educação. São “pedagogias culturais e educacionais que ensinam modos de ver, sentir, viver, vestir e comportar-se.” (Ibid., p. 115)

No estudo intitulado “Skipping's for girls: percepções das crianças sobre papéis e preferências de gênero”, as pesquisadoras Ann Henshaw, Janette Kelly e Caroline

Gratton (2006) analisaram o comportamento de meninos e meninas em idade escolar, aos oito e nove anos de idade, com relação a papéis de gênero. Foram abordadas tarefas sobre preferências, atividades e ocupações de brinquedos de gênero, e sobre o conceito de cor em relação à identificação sexual.

Dos dois principais resultados encontrados, o primeiro foi a evidência de que as crianças diferenciam, claramente, brinquedos, atividades, ocupações e cores que consideram apropriadas a homens e mulheres. O segundo foi a percepção, pelas crianças, de que papéis e atividades consideradas masculinas são mais proibitivas que as consideradas femininas. (Henshaw *et. al*, 2006)

“As percepções dos meninos sobre comportamentos estereotipados são mais rigidamente formadas do que as das meninas”, afirma Henshaw (*et. al*, 2006, p. 234) A pesquisadora e sua equipe constataram que as meninas brincam mais livremente com brinquedos de meninos do que o contrário: “embora possa não haver nada de particularmente errado com meninos gostarem de coisas de meninas, eles ‘pareceriam bobos’ ou ‘não seria bom’ se tentassem brincar com essas coisas.” (Ibid.)

Uma crença comum em relação à tipificação de gênero - e o foco particular deste breve relatório - é que a criança do sexo masculino adere mais exclusivamente ao papel masculino do que a feminina ao papel feminino. Assim, mesmo em crianças muito novas, podemos observar que um gênero tem mais inibições do que o outro em se envolver em comportamentos e atividades entre gêneros. [...] há uma tendência geral na literatura de pesquisa das décadas de 1970 e 1980 indicando que as percepções dos meninos sobre papéis e comportamentos apropriados a cada gênero são mais bem definidas e mais rigidamente formadas do que as percepções das meninas. (Ibid., p. 230)

Depois de entrevistarem as crianças, os pesquisadores concluíram que, para elas, essa separação é quase que natural, pois é assim que as coisas funcionam no mundo: “a impressão geral resultante das respostas das crianças foi, em certas palavras, de que é assim que as coisas são - algumas coisas são para meninos e outras são para meninas, não há problema!” (Ibid.) A verdade, no entanto, é que essa diferenciação entre gêneros pode não ser de todo inofensiva.

A Dra. Elizabeth Sweet, em palestra ao TEDx da Universidade da Califórnia, Davis (2015), falou sobre a separação por gênero de brinquedos infantis, e como essa

separação nunca foi tão grande quanto é atualmente. O problema, segundo ela, não é apenas a segregação em si, mas a ideia por trás dos brinquedos voltados para cada gênero. Enquanto que brinquedos para meninas giram em torno da ideia de beleza, cuidados e vida doméstica, os brinquedos para meninos giram em torno da ideia de ação, agressividade e aventura.

Essa questão é ainda mais delicada porque os brinquedos são responsáveis por moldar as preferências e o estilo de brincadeira das crianças. Assim, brinquedos separados por gênero podem limitar a diversidade de habilidades e características exploradas através da brincadeira; impedindo que as crianças desenvolvam seus próprios interesses, preferências e talentos. (Sweet, 2015)

O mercado de brinquedos, segundo Sweet (Ibid.), nunca foi tão segregado. Há poucas opções de brinquedos voltados para meninos que estimulem cuidados e tarefas domésticas, enquanto que há poucas opções voltadas para meninas que estimulem aventuras, ação e ciências. Não apenas isso, mas crianças que fazem opções por brinquedos considerados apropriados para o sexo oposto são normalmente motivo de piadas dos colegas.

Essa separação, segundo a pesquisadora, é responsável por plantar uma semente de desconfiança na cabeça das crianças, que enxergam sua identidade e seu papel no mundo de acordo com o que esse mundo têm a oferecer. Se não há opções de brinquedos de aventura para meninas, por exemplo, é difícil fazer com que elas se enxerguem nesse papel. Essas diferenças se perpetuam na vida adulta, sendo responsáveis por muitos dos problemas de gênero vistos ainda hoje nos mercados de trabalho e ambientes domésticos. (Ibid.)

A professora Judith Elaine Blakemore (2005), da Universidade de Indiana, conduziu uma pesquisa sobre o gênero dos brinquedos e o impacto nas brincadeiras das crianças. Blakemore classificou mais de 100 brinquedos, dividindo-os em 5 categorias: (1) altamente femininos, (2) moderadamente femininos, (3) neutros, (4) moderadamente masculinos, e (5) altamente masculinos. Os brinquedos então foram classificados de acordo com suas características, como a forma de utilização, o nível de educação, entre outras opções.

Assim como a Dra. Sweet, Blakemore descobriu que brinquedos voltados para meninas estavam associados a aparência física, cuidados e habilidades domésticas, enquanto

que brinquedos voltados para meninos estavam associados a violência, perigo, aventura e competitividade. Brinquedos considerados neutros ou moderadamente masculinos foram os mais indicados para desenvolver habilidades físicas, cognitivas e artísticas, enquanto que brinquedos com fortes indicações de gênero tiveram menos impacto no desenvolvimento das crianças. (Blakemore & Centers, 2005)

Os brinquedos com fortes indicações de gênero, portanto, acabam estimulando nas crianças comportamentos que os pais, na maioria das vezes, querem evitar, como a ideia, para meninas, de que aparência física é o atributo mais importante, e de que a agressividade e a violência, para os meninos, é algo que deva ser encorajado. (Ibid.)

A pedagoga Luciana Nunes (2008) conduziu uma pesquisa semelhante, no Brasil, para avaliar as concepções de gênero das crianças com relação ao consumo de mídia visual (revistas, filmes, desenhos e objetos de consumo com personagens dessas mídias). O resultado foi ainda mais alarmante: os discursos visuais são responsáveis por ditar, a meninos e meninas, os ideais de beleza física, comportamento e preferências dessas crianças.

Das crianças entrevistadas, Nunes (2008) ouviu frases como “As meninas são mais delicadas e elas não são igual aos meninos que lutam. Elas não têm armas poderosas para lutar”; “Só os meninos têm super-poderes porque os meninos gostam mais de ação e de terror”; “Menina tem que se pintar pra ficar bonita”, “Ela não é bonita porque tem o cabelo ruim”, “Mulher tem que ser bonita e magra”.

Uma dessas “verdades”, encontradas durante a realização do estudo, está relacionada ao imaginário de beleza física ideal procurado, constantemente, pelas meninas. O corpo almejado pelas estudantes é produzido, fabricado e moldado culturalmente, pois as imagens com as quais elas convivem dizem como esses devem ser esculpido e revestido. As meninas vivenciam discursos visuais que instauram e perpetuam o desejo pelo corpo magro, dinâmico e *fashion*. Assim, as crianças estão diante de um conjunto de “regras” para o desenvolvimento de seu corpo, ainda infantil, e desde cedo já aprendem e seguem as normalidades vigentes. (Ibid., p. 102)

Não são somente as meninas, no entanto, que saem prejudicadas. Com ideais frágeis de masculinidade, os meninos acabam por aprender que, para continuarem a ser meninos, precisam ser durões, não podendo expressar seus sentimentos abertamente. Num

estudo colaborativo entre o movimento Papo de Homem e as empresas brasileiras Natura e Reserva, mais de 40.000 pessoas foram entrevistadas para se entender melhor sobre a saúde mental dos homens no país.

A pesquisa conclui que essa necessidade de silenciar os próprios sentimentos em prol da chamada “masculinidade”, além de ser a causa de diversos problemas sociais, estava enraizada culturalmente, na forma como os meninos são criados no país:

7 em cada 10 homens não falam sobre seus maiores medos e dúvidas com os amigos. Já notávamos o mesmo fenômeno em nossas rodas de conversa há mais de 10 anos. E, à medida em que nos aprofundamos no estudo sobre masculinidades, observamos como esse silêncio está na raiz de vários outros problemas. Violência doméstica, ausência de mulheres em posições de poder na política e economia, assédio, altíssimas taxas de suicídio, homicídio, mortes no trabalho e encarceramento entre os próprios homens... a lista é longa. Silêncio aqui tem sentido amplo. É emocional, verbal, social, tanto individual como coletivo. Estamos falando de uma rigidez psicológica, que se torna um vulcão quando associada aos "mandamentos da masculinidade": ser bem-sucedido profissionalmente, não agir de modos que pareçam femininos, não levar desaforo pra casa, dar em cima das mulheres sempre que possível, não expressar emoções, dentre outros. O silêncio observado entre os homens não é uma grande conspiração masculina, é como fomos criados. A maioria de nós foi treinado para sufocar o que sente, aguentar o tranco e peitar a vida, como machos. (Valadares, 2019)

Para Nunes (2008), “o universo visual exerce pedagogias, pois as imagens nos ensinam a olhar as situações sociais, nos educam. Elas também mostram e constituem quais os produtos que devem ser consumidos pelas crianças, configurando os relacionamentos sociais através das condições de consumo” (p. 102). As crianças, segundo ela, têm uma necessidade constante de consumo ditada por aquilo que está em circulação entre seus colegas na sala de aula. Essa necessidade é fomentada “por uma avalanche de imagens que circulam, articuladamente, na mídia televisiva, na mídia impressa e na internet” (p.102).

Isso porque, ao adquirir um produto, seja ele um brinquedo, uma roupa, um acessório ou um material de uso escolar, a criança não está consumindo somente o produto em si,

mas uma representação de um estilo de vida ideal. A mídia visual educa porque, nesse ideal, ensina a meninos e meninas quais as formas desejáveis de se pensar e agir. (Nunes, 2008)

As crianças formam suas concepções de gênero desde muito cedo, logo que começam a interagir com o universo que as cerca. Os sujeitos ativos - pais, responsáveis e professores - têm um papel crucial nesse processo, ao incentivar e permitir o acesso das crianças a sujeitos passivos, como a televisão, o cinema, a publicidade, a literatura, a indústria de brinquedos e a moda - esse último, objeto de estudo do próximo capítulo.

Ainda assim, é fundamental lembrar que esses sujeitos não são tão passivos assim: por trás de cada decisão acerca do que é colocado no mercado, há times de especialistas - vale lembrar, adultos - debruçados sobre planilhas e relatórios de pesquisa a fim de descobrir novas formas de se manter relevante no mercado. É uma tomada de decisão intencional, cujas intenções nem sempre, infelizmente, têm como prioridade o que é melhor para a criança.

Capítulo 3

A influência da moda nas concepções de gênero durante a primeira infância

As crianças começam a formar suas identidades desde cedo, em seus primeiros anos de vida. Essa formação, entretanto, não é completamente livre - depende de uma grande variedade de fatores que cercam a criança e o ambiente em que ela vive. Há um antigo ditado popular que diz que “a fruta não cai longe do pé”, justamente porque, para além de questões genéticas, os filhos tendem a absorver aquilo que é ensinado - consciente ou inconscientemente - por seus pais.

O Primeiro e o Segundo Capítulos deste trabalho dedicaram-se ao entendimento das questões de gênero e do desenvolvimento do cérebro infantil, assim como a formação da personalidade e das concepções de gênero. A fim de encerrar o enquadramento teórico, portanto, é preciso juntar essas duas pontas e analisá-las sob a luz cultural da moda.

Dessa forma, o Terceiro Capítulo explora de que forma a moda ajuda a moldar a identidade das crianças com relações aos papéis de gênero. Independente de serem meninos ou meninas, o que essas crianças vestem importa. As características do vestuário infantil serão analisadas quanto à modelagem, tons, tecidos, estampas e grafias, para que seja possível entender de que forma a moda influencia as concepções de gênero durante a primeira infância.

3.1 A moda como expressão de identidade

Se as crianças entendem o mundo de acordo com as experiências que vivem nele, desde o começo de suas vidas, é normal que a moda seja um dos fatores que influenciam esse entendimento - afinal, a partir do momento em que nasce, a criança passará a usar roupas por todos os dias de sua existência. “O limite de idade é importante: as crianças aprendem os padrões de vestuário apropriados ao gênero e os aplicam à construção de suas próprias identidades durante os primeiros sete anos de vida”, diz Jo Paoletti (2012, p.2).

Berenice Bento (Bento, 2004 *apud* Santana & Smili, 2012) explica que o gênero ganha vida por meio das roupas que usamos, além de nossas próprias expressões corporais, que compõem uma espécie de estética apropriada a cada sexo. Ruth Sabat (2001, p. 12 *apud* Santana & Smili, 2012, p. 126) diz ainda que, “por meio das imagens, são ensinados modos de conduta para meninos e para meninas, delimitando seus espaços, traçando seus caminhos e configurando suas identidades”.

As roupas têm muitos propósitos práticos - a proteção e a modéstia sendo frequentemente citadas como as motivações mais antigas - mas o registro arqueológico sugere que os povos antigos usavam roupas de forma muito semelhante a como as usamos hoje: para expressar nossa individualidade, nossa posição perante a vida, nossa disponibilidade para sexo e para o casamento e até mesmo nosso humor. (Paoletti, 2012, p. 8)

As roupas carregam consigo uma variada gama de significados, servindo como forma de comunicação entre aqueles que as vestem. Por meio das peças que uma pessoa escolhe vestir, é possível identificar seu sexo, sua faixa-etária, sua religião, seu status social, sua profissão, sua origem, entre diversas outras variáveis que a tornam pertencente a um determinado grupo social. Essa espécie de “leitura” só é possível porque as roupas agregam valores a seus usuários. (Bezerra, 2014)

As roupas, como artefatos, “criam” comportamentos por sua capacidade de impor identidades sociais e permitir que as pessoas afirmem identidades sociais latentes. Por um lado, os estilos de roupa podem ser uma camisa-de-força, restringindo (literalmente) os movimentos e gestos do indivíduo, como foi o caso do vestuário feminino durante a era vitoriana. Por séculos têm-se usado uniformes (militares, políticos ou religiosos) para impor identidades sociais aos indivíduos de forma mais ou menos voluntária. Por outro lado, as roupas podem ser vistas como um vasto reservatório de significados, passíveis de ser manipulados ou reconstruídos de forma a acentuar o senso pessoal de influência (Crane, 2006, p. 22 *apud* Bezerra, 2014, p. 51)

Com as crianças, portanto, não é muito diferente:

Um hábito muito comum e repleto de estereótipos acontece rotineiramente durante a escolha de roupas para crianças. Além das cores, a presença de

adereços, elementos visuais impressos e temas são responsáveis por destinar o gênero do usuário das peças. Até uma época não muito remota – por volta dos anos 1970/1980 – não era comum se saber o sexo das crianças antes que elas nascessem. As roupas de maternidade por conta disso tinham características e cores neutras, não delegando exatamente quem as vestiria. Mas a partir da vinda ao mundo, as crianças passavam a ser um adulto em miniatura, com roupas e acessórios comumente utilizados por homens ou mulheres. (Bezerra, 2014, p. 99)

Assim que nasce, o bebê já passa a carregar consigo - nas roupas e acessórios que veste, nos brinquedos que possui e nas mídias visuais que consome - significados quanto ao papel de gênero que irá desempenhar por sua vida. Essas representações, no entanto, nem sempre aparecem de forma visível, ainda que tenham o poder de “regular as determinações da identidade de gênero”. (Guizzo, 2010, *apud* Bezerra, 2014)

Isso acontece porque a comunicação visual depende de uma leitura por parte do observador:

A International Visual Literacy Association (IVLA, 2014) define que as imagens são repletas de significados, construídos por meio de informações e ideias e a alfabetização visual permite que o leitor reúna tais referências presentes nas imagens e coloque-as no contexto, realizando uma leitura espacial da mensagem visual. Para a Associação, o conhecimento de contexto e conteúdo da mensagem, juntamente com os elementos que a constituem são fundamentais para uma compreensão global do significado proposto durante sua criação. (Bezerra, 2014, p. 18)

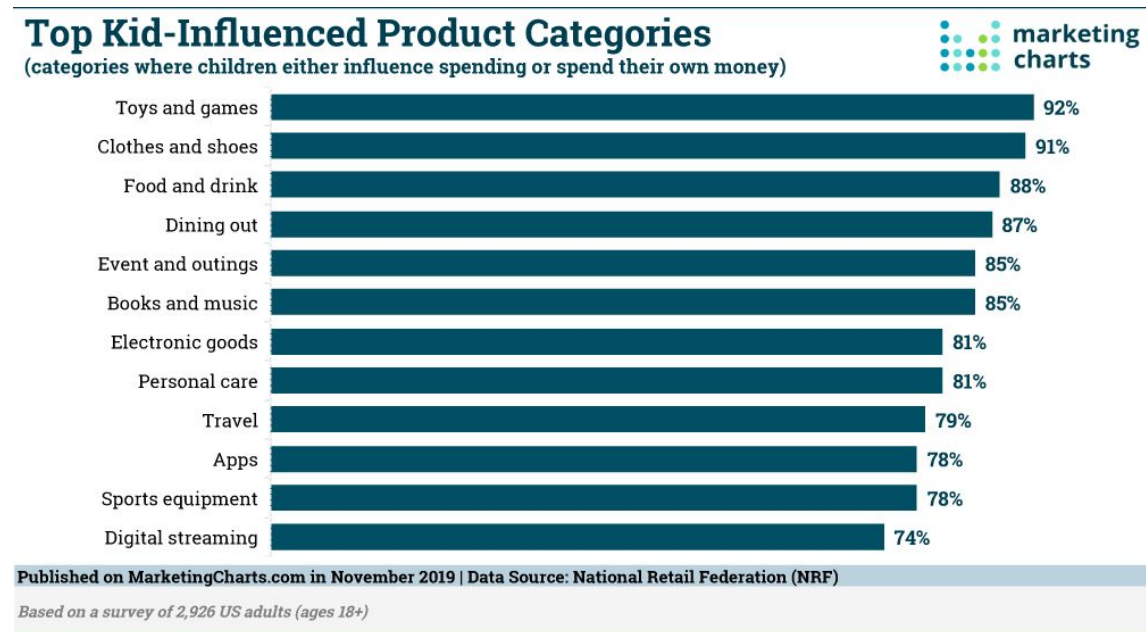
Muitas vezes, porém, as representações de gênero podem estar nas entrelinhas. Roupas, brinquedos e desenhos animados aparentemente apropriados acabam por passar mensagens estereotipadas de papéis de gênero para meninos e meninas. A criança é um receptor da mensagem visual que está sendo passada, e essa mensagem é condicionante - estimulando suas ideias e suas ações. (Bezerra, 2014)

Entre os três e os dez anos de idade, as crianças passam a possuir influência e poder de compra, deixando claro suas preferências. É “um grande mercado que já escolhe por si, apresentando poder até de troca de produtos” (Giglio, 2002 *apud* Bezerra, 2014, p. 53). Por isso, cada vez mais, a mídia publicitária se volta diretamente a esses consumidores,

por meio de canais de comunicação infantis. “E o mercado acompanha essa evolução ao lançar com maior frequência produtos destinados a esses compradores mirins”. (Bezerra, 2014, p. 53)

Figura 3

Principais categorias de produtos influenciados pelas crianças



Retirada de *Consumer View Fall 2019: Keeping up with Gen Z.* (NRF, 2019)

De acordo com o gráfico acima (ver figura 3), resultado de uma pesquisa da National Retail Federation (2019), a Federação Americana de Retalho, roupas e calçados são a segunda categoria de compra em que as crianças têm mais influência dentro de casa - 91% -, ficando atrás apenas da categoria de jogos e brinquedos. Segundo a NRF (2019), a indústria de retalho sabe disso, e já está extremamente focada nesse nicho de mercado.

De acordo com o relatório (2019), as crianças são responsáveis por metade das decisões de compra quanto às características do produto, as marcas e as lojas escolhidas pelos pais. Um dado ainda mais relevante é que elas estão envolvidas em mais de 70% dos processos de compras quando o produto é destinado a elas.

Quase 70% dos pais envolvem os filhos no processo de compra buscando produtos em lojas físicas ou online. 60% deles afirmam que os filhos se envolvem, principalmente, ao assistir comerciais na televisão e na internet. (NRF, 2019)

A questão é especialmente delicada considerando o último dado sobre publicidade. Isso porque, “de um modo geral, as ações desenvolvidas nas propagandas protagonizadas pelos meninos envolvem situações de aventura, ação, perigo e agilidade. Entretanto, as protagonizadas por meninas dizem respeito especialmente ao cultivo da beleza e ao culto à maternidade” (Guizzo, 2010, p. 54 *apud* Bezerra, 2014, p. 38). Assim, não só as concepções de gênero das crianças são frequentemente influenciadas pelo mercado, como suas próprias decisões de compra, num ciclo vicioso e interminável.

3.2 A moda e as concepções de gênero na infância

O problema das questões de gênero na moda infantil, no entanto, não se limita apenas às relações de consumo. As roupas em sua totalidade - cortes, cores e padrões - assim como as escolhas, por parte dos pais e responsáveis, de como vestir os filhos, auxiliam na criação da experiência de cada criança e da forma como essa criança verá o mundo.

A fotógrafa e cientista política Mirelle Matias pondera, em entrevista ao *podcast* Alcatéia Psicanalítica (Xavier, 2020), sobre a relação que as roupas têm com aquilo que se espera das crianças. Segundo ela, decisões aparentemente simples, como vestir os filhos para uma festa de aniversário, são extremamente importantes do ponto de vista educacional, uma vez que “todas as decisões na maternidade são decisões políticas”.

Vestir uma menina com laços e vestidos para ir a um aniversário onde as crianças podem correr, subir em brinquedos e se divertir, segundo ela, é vesti-la para ser vista, e não para brincar realmente. A menina que está de vestido não poderá sentar de pernas abertas ou se pendurar em brinquedos confortavelmente. Os laços no cabelo correm o risco de precisar serem constantemente ajustados entre as brincadeiras. Enquanto isso, expõe ela, “os meninos estão correndo, pulando e se divertindo”. (Ibid.)

A psicanalista Manuela Xavier (Xavier, 2020) toca na mesma questão sobre a forma de vestir os filhos, principalmente quando as roupas restringem as atividades que a criança pode exercer - como acontece com as meninas, em muitos casos:

Você está arrumando a criança para ser vista, e não para exercer, e não para desbravar, para descobrir. É uma criança que vai para uma festa, e que ainda não entende o que é ser homem, mulher, quais os papéis de gênero, mas ela já

está obrigada a ter que se castrar, se domar, se domesticar para ficar como um objeto a ser visto, um objeto a ser admirado. (Ibid.)

Esse é o mesmo ponto de vista da designer Pauline Agustoni, pesquisadora da universidade de Eindhoven, na Holanda. Em artigo para a revista *Raffia* (2018), ela comenta que diferenças muitas vezes inconscientes são capazes de segregar meninos e meninas:

Na seção de roupas de meninas, tules que coçam, lantejoulas e tecidos brilhantes são pontos comuns, comunicando a ideia de que é mais importante que as roupas das meninas sejam bonitas do que confortáveis ou funcionais. Seus vestidos, saias e shorts são curtos e as calças apertadas. Mais uma vez, isso realça a importância da aparência das meninas, e não de suas ações, e as apresenta como seres sexualmente atraentes. Além disso, as roupas das meninas não são práticas para brincar. A mensagem é de que as meninas não devem brincar lá fora e descobrir o mundo com seus colegas meninos, correndo o risco de manchar seus lindos vestidos. (Agustoni, 2018)

Para Agustoni (Ibid.), há uma clara diferença até na forma como os tecidos são utilizados, como se tecidos tivessem restrições de gênero, sendo exclusivamente masculinos ou femininos. Tecidos macios e apeliados, por exemplo, são usados apenas na parte de dentro das roupas dos meninos, ou nas golas, como forma de tornar as peças mais quentes. Nas roupas das meninas, no entanto, eles são comumente usados na parte externa, proporcionando uma sensação agradável ao toque - não apenas de quem veste, mas de terceiros.

“Isso comunica a ideia de que uma garota deve ser agradável de se ver e tocar”, diz Pauline (Ibid.) A escolha do tecido também “direciona completamente a maneira como as pessoas de fora vão interagir com as meninas”. Essas escolhas aparentemente inocentes, de que as meninas devem ser fofas e podem ser tocadas, podem ganhar contornos negativos no futuro, silenciando, inclusive, meninas vítimas de abuso. Crianças são esponjas, absorvem o mundo conforme o percebem. Nesse contexto, nenhuma mensagem deve ser considerada totalmente inofensiva.

O mesmo é válido para a questão de furar as orelhas dos bebês - hábito muito comum entre mães de recém-nascidas no Brasil. Os brincos, diz Matias (Xavier, 2020), são uma espécie de marcação para que qualquer indivíduo, conhecido da família ou não, saiba

diferenciar e dizer que aquele bebê se trata de uma menina: “Por que ele tem que saber que é uma menina? Para tratar como uma menina. [...] E por quê? Porque o tratamento é diferente, desde o nascimento.” O tratamento dado a uma menina e aquilo que se espera dela, como menina, difere do tratamento reservado aos meninos, desde o início da vida.

A jornalista Sarah Clemence (2018), num artigo do jornal New York Times intitulado “The Gender Divide in Preschoolers’ Closets”, expõe sua frustração na hora de comprar roupas para a filha: “Mesmo em uma era de pilotos mulheres e do movimento #MeToo, as roupas dos meninos ainda são amplamente desenhadas para serem práticas, enquanto as das meninas são desenhadas para serem bonitas”.

Ao dar preferência às sessões masculinas das lojas infantis para que sua filha possa se vestir confortavelmente para brincar, correr e pular, Clemence (Ibid.) diz que não consegue encontrar no mercado roupas para meninas que aguentem os atritos de uma criança ativa. As roupas femininas, segundo ela, costumam ser feitas com tecidos ou detalhes delicados demais para resistir às brincadeiras, o que é bastante negativo: “Não se trata apenas de evitar joelhos esfolados, mas também da mensagem sutil e desanimadora que se entrelaça nas roupas das meninas: você está vestido para decorar, não para fazer”.

Alguns podem pensar que estou sendo ultra-sensível, mas o que vestimos é importante - e não apenas como uma projeção de nossas personalidades e prioridades. Uma gama de pesquisas mostrou que nossas roupas afetam a maneira como as outras pessoas nos percebem, bem como a forma como nos vemos. Um estudo de 2012, realizado por pesquisadores da Kenyon College, mostrou que os adultos consideravam meninas da quinta série que usavam roupas mais sexualizadas menos inteligentes e capazes do que as demais. Em outro estudo, publicado na revista *Social Behavior and Personality*, as bailarinas que usavam calças justas e malhas se sentiam piores sobre seus corpos e performances do que aquelas que usavam roupas folgadas. Como nos vestimos pode até mudar a maneira como agimos. Estudos descobriram que usar roupas de trabalho mais formais pode levar as pessoas a pensar de uma maneira mais abstrata e estratégica², e que os adultos se tornam mais focados

² O estudo “The Cognitive Consequences of Formal Clothing”, de Michael L. Slepian, Simon N. Ferber, Joshua M. Gold e Abraham M. Rutchick, publicado na revista *Social Psychological and Personality Science* (2015) e indexado em link no artigo de Sarah Clemence (2018).

quando vestem jalecos - mesmo que não sejam cientistas³. Não é exagero pensar que colocar nossas garotas em roupas mais apertadas, com babados e frágeis pode dar a elas noções desatualizadas sobre o que elas podem e devem fazer. (Clemence, 2018)

Francesca Sammaritano, designer de roupas infantis e professora assistente de moda da Parsons School of Design, nota que “principalmente na primeira infância, as roupas dos meninos têm mais bolsos e são mais voltadas para diversão do que as das meninas. [...] Há mais espaço nas pernas para dobrar os joelhos”. Essa diferença, segundo ela, não se justifica, uma vez que o corpo de meninos e meninas, em termos de tamanho, é igual até cerca dos seis anos de idade, e “os designers usam até as mesmas fôrmas de roupas para ambos”. (Sammaritano *apud* Clemence, 2018)

A jornalista australiana Monica Dux têm as mesmas impressões sobre o setor infantil das lojas de roupas, sobre o qual escreveu em matéria ao jornal Sidney Morning Herald (2017):

As roupas infantis também são rigidamente demarcadas, com as roupas dos meninos sempre reforçando idéias estereotipadas de masculinidade, geralmente em cores opacas, repletas de insígnias militares e esportivas. Por outro lado, as camisetas das meninas são repletas de gatinhos e borboletas, dando a elas um treinamento intensivo e precoce sobre o papel feminino que se espera que elas adotem na vida adulta. Olhe para uma loja de sapatos infantil e você verá essa diferença em grande escala, com meninos podendo escolher sapatos resistentes e duráveis, enquanto as meninas são bombardeadas com calçados mais adequados para uma princesa do que para correr e escalar. (Ibid.)

“No final, essa é a força mais poderosa que perpetua a divisão da moda: o fato de todos sermos treinados desde novos a considerar algumas roupas estritamente de homens e outras de mulheres”, diz Dux (2017). O grande problema, para ela, é, sobretudo, os pesos diferentes atribuídos à masculinidade e à feminilidade. Enquanto que mulheres e

³ O estudo “Enclothed Cognition”, de Adam D. Galinsky, publicado no *The Journal of Experimental Social Psychology* (2012) e indexado em link no artigo de Sarah Clemence (2018).

meninas são toleradas quando vestem roupas masculinas, ainda não é aceitável que homens e meninos se vistam com roupas femininas.

Por que tantas pessoas acham essa ideia absurda? No fim, as "regras" sobre roupas de gênero não são sobre moda ou gosto pessoal. Elas dizem respeito a como marcamos as diferenças, reforçando e reiterando idéias restritivas sobre o que é ser uma menina ou um menino, homem ou mulher. Talvez este seja o verdadeiro problema: desafiar as regras da moda é desafiar nossas idéias pré-estabelecidas sobre os papéis de gênero. E isso realmente choca muita gente. (Ibid.)

Pauline Agustoni (2018), explica que os padrões das roupas infantis também possuem uma grande influência nos estereótipos de gênero passados às crianças:

Além da diferença de cor nas roupas, as palavras estampadas nas peças são elementos óbvios que fornecem preconceitos sobre o que um menino ou uma menina deveriam ser. [...] Se as meninas esperam ler "continue sorrindo" em sua camiseta favorita, "legal, inteligente, genial, incrível e livre" são adjetivos comuns encontrados em roupas para meninos. Essas palavras incentivam o comportamento ativo dos meninos em relação ao mundo e colidem fortemente com adjetivos para meninas como "fofo, doce, adorável, perfeito", que aumentam a importância da aparência de uma garota sobre suas ações. Com *slogans* como "simplesmente adorável", as meninas não são incentivadas a ter sua própria personalidade original, mas a serem gentis e fofas e a adotar uma atitude passiva. Isso está relacionado à ideia sexista de que as meninas devem ser discretas, prestativas e empáticas e avaliar o bem-estar de outras pessoas como sendo mais importante que o seu. Os meninos, por outro lado, são considerados seres mais egocêntricos e independentes, com mensagens como "vegetais, não, obrigado", lembrando-os de serem rebeldes ou "vamos lá!" encorajando-os a serem ativos. (Agustoni, 2018)

Segundo Agustoni (Ibid.), essas mensagens dividem meninos e meninas, delimitando suas características e habilidades. Os estereótipos têm o poder de influenciar o que as crianças pensam sobre o futuro e como enxergam seus papéis na sociedade, mesmo aquelas que ainda nem sabem ler. Isso porque mesmo que elas não saibam o que está escrito em suas roupas, os adultos ao seu redor fazem questão de dizer.

O mesmo é válido para imagens gráficas:

Os motivos representados nas roupas desempenham seu papel na definição dos interesses das crianças que as usam. Carros, aviões, foguetes, fones de ouvido geralmente são reservados para meninos e sugerem um interesse natural em objetos mecânicos complexos. Por outro lado, objetos relacionados à família e à sociabilidade, como batons, xícaras de café ou chá, flores ou telefones celulares, são parte das meninas. Mesmo os animais, que parecem ser um motivo imparcial, têm seu próprio conjunto de estereótipos para comunicar. A maioria dos animais retratados em camisetas de meninas são animais de estimação. Representações fofas de gatos sorridentes, cachorros ofegantes (nunca latindo) ou coelhos gordinhos são muito comuns e se um urso polar entra na seção de meninas, ele deve aparecer em uma versão fofa, com pêlo macio e eventualmente uma fita rosa na cabeça. Os animais selvagens são retratados em uma versão domesticada e amigável. Essa simpatia pelos animais domésticos que decoram as camisetas das meninas é uma forma de enfatizar a capacidade supostamente mais forte das meninas do que os meninos de adotar um comportamento sociável e solidário e de investir na esfera privada da casa. É uma história totalmente diferente para os animais que aparecem na seção dos meninos. Em suas camisetas, ferozes águias voam no ar, ursos enormes rugem e tigres atléticos caçam. Os animais perigosos representados vivem ao ar livre em ambientes selvagens. Isso mostra a agressividade como um comportamento positivo dos meninos. [...] A exibição de comportamentos ousados é promovida como uma ferramenta para os meninos mostrarem sua coragem, autonomia. (Ibid.)

Para a designer (Ibid.), as crianças aprendem a amar aquilo que está presente em suas vidas, sejam roupas rosas desconfortáveis e brilhantes ou não. Não é uma questão biológica, e sim social: “Você não é aquilo que veste; você se torna aquilo que veste”. O ato vestir uma menina com uma camiseta de lantejoulas e motivos domésticos não é, por si só, ruim, explica ela. O problema é que, durante boa parte da vida, são roupas, brinquedos e incentivos similares que essa menina receberá de todos os que a cercam. É o conjunto desses exemplos, acumulados no tempo, que ajuda na construção da visão de mundo de uma menina. E não só das meninas:

Será o caso com todas as crianças, meninas e meninos: isso pode limitar suas oportunidades e restringir seu campo de ação. Pode afetar a forma como se enxergam, sua curiosidade, suas atividades e suas relações com os outros. As pessoas vão falar com eles de forma diferente, vão tocá-los de forma diferente e avaliá-los de forma diferente. Esses estereótipos não só não desafiam as desigualdades existentes entre os papéis de gênero, como também impedem qualquer nova visão não-binária sobre gênero. É sempre o menino aventureiro, ou a menina amorosa. (Ibid.)

O mesmo vale para a dicotomia do azul e rosa, fortemente enraizados como a “cor dos meninos” e a “cor das meninas”, respectivamente. O conceito é tão amplamente difundido que as cores são famosas por serem utilizadas em chás de revelação, celebrações onde os futuros pais e seus convidados se reúnem para descobrirem, juntos, o sexo da criança que está por nascer.

Nem sempre foi assim, no entanto. Segundo Jo Paoletti (2012), no começo do século XX todos os bebês - meninos e meninas - usavam os mesmos trajes: vestidos brancos. A cor foi escolhida por ser a cor da pureza e o modelo por ser extremamente fácil de manter com as trocas de fraldas, que, na época, eram de pano. A transição para guarda-roupas divididos por gênero se deu entre os anos 1900 e 1930, e recaiu novamente entre os anos 1965 e 1985, com as ondas de movimentos feministas. Após a segunda metade dos anos 1980, todavia, a divisão por gênero ganhou força novamente, e nunca mais deixou os mercados.

Ao contrário das crianças mais velhas, bebês e crianças pequenas têm pouca escolha em suas roupas, o que reflete as atitudes e crenças dos adultos. Como se sabe que as crianças adquirem estereótipos de papéis de gênero e começam a ajustar suas próprias identidades a essas normas culturais durante esses primeiros anos de vida, essa é uma maneira particularmente útil de entender como as normas de gênero são negociadas, expressas, aprendidas e alteradas. É importante entender que essas "tradições" são recentes e que representam o culminar de pouco mais de um século de mudanças drásticas no que é considerado o vestuário adequado para bebês e crianças mais novas. (Paoletti, 2012, p. 1)

Nos dias de hoje, os estereótipos de cor ainda são bastante firmes, e não só entre os adultos. Até mesmo crianças em idade pré-escolar são capazes de diferenciar meninos de meninas apenas pela cor que usam: azul ou rosa. No estudo “Children's sex-related stereotyping of colors”, Martha Picariello (*et al.*, 1990) concluiu que as crianças consideravam animais de brinquedo como meninos ou meninas dependendo da cor que tivessem: animais cor-de-rosa eram considerados meninas e animais azuis, meninos. Os animais em questão eram absolutamente idênticos, a não ser pela cor.

O estudo francês intitulado “Pink or blue: Environmental gender stereotypes in the first two years of life” chegou a uma conclusão semelhante. Comparando o ambiente físico de 120 meninos e meninas igualmente distribuídos em três diferentes faixas etárias - 5, 13 e 25 meses de idade - os pesquisadores chegaram à conclusão de que as diferenças de gênero estão mesmo presentes desde muito cedo na vida das crianças e podem influenciá-las para muito além da infância. (Pomerleau *et al.*, 1990)

Para o estudo, foram avaliadas as cores e os temas de seus quartos, as cores e os tipos de roupas em seus guarda-roupas e quantidade e os tipos de brinquedos disponíveis a elas em casa. Os resultados não fugiram muito ao senso comum: meninos têm mais brinquedos esportivos, ferramentas e carrinhos em casa. Usam roupas azuis, vermelhas e brancas, têm mais chupetas azuis e seus quartos são geralmente decorados com essa cor. Já as meninas têm mais bonecas e brinquedos domésticos, roupas coloridas e, principalmente, cor-de-rosa, e chupetas e jóias na mesma cor. (Ibid.)

Apesar de o estudo ter completado 20 anos, as conclusões, infelizmente, permanecem atuais: “Parece, portanto, que hoje em dia, muito cedo em seu desenvolvimento, meninas e meninos já experimentam ambientes diferentes. Podemos supor que esses ambientes diferenciais terão um impacto no desenvolvimento de habilidades específicas e atividades preferenciais em cada criança.” (Ibid., p. 359)

As diferenças causadas por estereótipos de gênero não só influenciam nas habilidades, atividades e no papel que aquelas crianças desempenharão na sociedade futuramente, mas no próprio bem-estar dessas crianças.

O relatório “The Good Childhood” (2018), publicado pela organização inglesa The Children’s Society, avaliou jovens do Reino Unido sobre suas ideias de papéis e estereótipos de gênero para entender de que forma isso afeta seus níveis de felicidade.

Para isso, os pesquisadores perguntaram às crianças sobre os tipos de atributos que eles julgavam ser mais importantes para seus amigos.

As crianças cujos grupos de amizade enfatizavam papéis tradicionais e estereótipos de gênero, com atributos como “ser bonita e atenciosa”, para as meninas, e “ser bonito e durão”, para os meninos, mostraram níveis de bem-estar menores do que as outras crianças. Por outro lado, as crianças que escolheram características relativamente neutras em termos de gênero, como “ser estudioso”, mostraram maiores níveis de bem-estar. (The Children’s Society, 2018)

Acontece que essa maneira de existir e estar no mundo tem causado danos para as mulheres, para outros homens e para nós mesmos. E como tem acontecido ciclicamente ao longo da história com os papéis de gênero, é tempo de mudar.

Vestir uma criança, portanto, não é apenas um ato de proteção ou manifestação estética. A forma como as crianças aprendem a se vestir, com as opções que lhes são oferecidas, faz parte de uma construção de identidade de gênero que as acompanhará durante boa parte da vida. Assim como seus brinquedos e programas favoritos, o guarda-roupa das crianças passa, primeiramente, pela escolha dos pais e responsáveis - daí a importância de se fazer escolhas conscientes nesse sentido.

No mundo da moda infantil, algumas empresas já direcionam seus esforços para criações sem estereótipos de gênero. Principalmente na América do Norte e no norte da Europa, há cada vez mais marcas que se propõem a vestir os pequenos em tons e estampas que não sejam dedicados a apenas um dos sexos. O resultado, na maior parte das vezes, são coleções esteticamente agradáveis, democráticas e sustentáveis, pois além de permitirem maiores combinações ainda podem ser passadas de um filho a outro, dando mais vida útil à peça.

Na imagem abaixo é possível identificar algumas destas marcas:

Figura 4: Relação de marcas de roupa infantil sem gênero

Marca	País	Data de criação	Website	Características	Preço
Toolsa	Reino Unido	2010	https://www.toolsa.com/	Unisex com cores e estampas	\$\$
Claude & Co.	Reino Unido	2016	https://www.claudeandco.co.uk/	Unisex neutro	\$\$\$
Gardner & The Gang	Singapura	2012	https://www.gardnerandthegang.com/	Unisex com cores e estampas	\$\$\$
Free To Be Kids	Estados Unidos	2015	https://www.freetobekids.com/	Foge aos estereótipos de gênero com frases e estampas que desafiam o status quo	\$\$
Whistle & Flute	Estados Unidos	2012	https://www.whistleandflute.com/	Unisex com cores e estampas	\$\$\$\$
Mini Rodini	Suécia	2006	https://www.minirodini.com/en-uk/	Sem estereótipos de gênero	\$\$\$\$\$
Organic Zoo	Reino Unido	2013	https://organic-zoo.com/	Unisex neutro	\$\$\$
Mori	Reino Unido	2015	https://babymori.com/	Sem estereótipos de gênero	\$\$\$
Quincy Mae	Estados Unidos	2017	https://www.quincymae.com/	Unisex neutro	\$\$\$
Rylee + Cru	Estados Unidos	2014	https://ryleeandcru.com/	Sem estereótipos de gênero	\$\$\$\$
Kyte Baby	Canadá	2016	https://kytebaby.com/	Unisex neutro	\$\$\$
The Simple Folk	Estados Unidos	2019	https://thesimplefolk.co/	Unisex neutro	\$\$\$\$
Pehr	Canadá	2013	https://shoppehr.com/	Sem estereótipos de gênero	\$\$\$
Konges Sloejd	Dinamarca	2014	https://kongesloejd.dk/	Unisex neutro, com estampas	\$\$\$\$
Tane Organics	Estados Unidos	2013	https://taneorganics.com/	Unisex neutro	\$\$\$\$\$
Grown	Austrália	2019	https://www.grownshop.com/	Unisex neutro	\$\$\$\$\$
Red Caribou	Estados Unidos	2014	https://www.redcariboushop.com/	Unisex neutro, com estampas	\$\$\$\$
Goumi	Estados Unidos	2011	https://goumikiids.com/	Unisex neutro, com estampas	\$\$\$
Worm	Austrália	2018	https://worm.studio/	Unisex neutro	\$\$\$\$\$
Nixnut	Holanda	2016	https://nixnut.nl/	Unisex neutro	\$\$\$\$
Jamie Kay	Nova Zelândia	2013	https://jamiekay.com/	Sem estereótipos de gênero	\$\$\$\$
Minimalista	Brasil	2016	https://minimalistashop.com.br/	Unisex com cores e estampas	\$\$
Tobias & The Bear	Reino Unido	2014	https://www.tobiasandthebear.com/	Unisex neutro, com estampas	\$\$\$
Cub & Pudding	Reino Unido	2019	https://cubandpudding.com/	Unisex com cores e estampas	\$\$\$\$
Dinki Human	Reino Unido	2016	https://dinkihuman.com/	Unisex neutro, com estampas	\$\$
Timirim	Brasil	2018	https://www.timirim.com.br/	Unisex com cores e estampas	\$\$\$
Moromini	Suécia	2015	https://www.moromini.com/	Unisex com cores e estampas	\$\$\$
Piper Bug	Austrália	2014	https://piperbug.com/	Unisex neutro	\$\$\$
Phil & Phae	Holanda	2016	https://www.philandphae.com/	Unisex neutro	\$\$\$\$

Retirada de análise própria feita no Google Sheets (2020)

Como é possível perceber, praticamente todas as marcas encontradas são novas: existem no mercado há menos de 10 anos, sendo que quase metade delas foi criada há apenas quatro. Um dado curioso, porém já esperado, é que a grande maioria foi criada por pais e mães que não se sentiam representados nas opções oferecidas pelo mercado - e, assim, decidiram criar algo próprio, encontrando respaldo e um público cativo em outros pais e mães que se sentiam da mesma forma.

A maioria das marcas não chega, muitas vezes, a ser bem acessível: seus preços médios podem chegar a ser quatro ou cinco vezes maiores que os preços encontrados em fabricantes de larga escala, como Carter's e H&M⁴.

No entanto, são, em geral, marcas preocupadas com a origem de seus produtos e matérias-primas. Muitas trabalham com materiais orgânicos e verificam todas as etapas de seu processo de produção, para garantir que não haja exploração de pessoas nem degradação de recursos naturais. Todo esse cuidado acaba por refletir nos preços praticados - e, ainda assim, 16 das 29 marcas citadas conseguem manter seus preços a níveis intermediários.

⁴ Os níveis de preços foram definidos considerando uma mesma peça padrão (macacão ou *romper*) em todas as marcas. Cada cifraõ corresponde a uma dezena de dólares americanos no preço da peça.

O que realmente importa, entretanto, é que esses são apenas alguns exemplos de empresas que vêm pavimentando o caminho por uma moda infantil sem estereótipos e com mais diversidade. São sinal de que há espaço no mercado para quem ousa repensar os papéis de gênero ainda na infância, e para quem busca soluções que reflitam o mundo como ele deve ser, em vez de como ele é.

Lutar contra os estereótipos impostos pode ser um exercício diário, exaustivo por vezes. Não se trata apenas da tarefa de pensar conscientemente cada decisão - da roupa a vestir ao brinquedo a presentear - mas também de encontrar essas opções num mercado saturado de produtos segregados por gênero. É aí que entra o papel das marcas.

O julgamento e o preconceito daqueles que assistem de fora, sejam eles membros da família, professores, colegas de turma e pais de colegas, é impossível de retirar da equação. No entanto, quanto mais o mercado estiver aberto a novas soluções, mais normalidade é adicionada a essa discussão - e é assim, aos poucos, que a mudança acontece.

As crianças, afinal, aprendem observando e interagindo com o mundo, seguindo exemplos. O papel do adulto em suas vidas não é o de tornar o mundo perfeito, mas de munir a criança de valores para enfrentar o mundo e suas imperfeições. Esse árduo trabalho passa por grandes e pequenas decisões, por questões filosóficas e por escolhas diárias - como aquilo a se vestir. É precisamente nesse emaranhado de alternativas que as crianças buscarão encontrar sua identidade; e que belo futuro seria elas pudessem encontrar a si mesmas nesse processo.

Parte II.
Estudo Empírico

Capítulo 4

Metodologia da investigação

Para Mark Saunders (*et al.*, 2009), pesquisa é algo que as pessoas fazem para aumentar seu conhecimento sobre um assunto. Uma pesquisa acadêmica, especialmente, envolve descobrir coisas de forma sistemática:

Duas frases são importantes nessa definição: "forma sistemática" e "descobrir coisas". "Sistemática" sugere que a pesquisa é baseada em relacionamentos lógicos e não apenas em crenças. Como parte disso, a pesquisa envolverá uma explicação dos métodos usados para coletar os dados, argumentará por que os resultados obtidos são significativos e explicará quaisquer limitações que estão associados a eles. "Para descobrir as coisas" sugere que há uma multiplicidade de propósitos possíveis para a pesquisa. Isso pode incluir descrever, explicar, entender, criticar e analisar os resultados obtidos. (Ghuri & Grønhaug, 2005 *apud* Saunders *et al.*, 2009, p. 5)

Para Alan Bryman (2012), o termo "pesquisa social" é utilizado quando a pesquisa acadêmica tem como tópicos questões relevantes aos "campos científicos sociais, como sociologia, recursos humanos, geografia, política social, política e criminologia":

Assim, a pesquisa social envolve pesquisas que se baseiam em ciências sociais para sua inspiração conceitual e teórica. Essa pesquisa pode ser motivada por desenvolvimentos e mudanças na sociedade, como o aumento das preocupações com segurança ou compulsão por bebidas, mas emprega idéias sociais científicas para iluminar essas mudanças. Ele se baseia nas ciências sociais para formular tópicos e questões de pesquisa, e para interpretar e desenhar as implicações dos resultados da pesquisa. (Bryman, 2012, pp. 4-5)

Há basicamente duas abordagens que podem ser feitas durante uma pesquisa. A primeira é a abordagem dedutiva, na qual o pesquisador desenvolve uma teoria e uma hipótese para essa teoria, e cria uma estratégia de pesquisa para testar essa hipótese - que pode ser apenas uma, ou mais de uma. Já na abordagem indutiva, o pesquisador coleta os dados e somente após a análise desses dados é que ele desenvolve uma teoria.

Em resumo, a abordagem dedutiva testa uma teoria, enquanto a abordagem indutiva a constrói. (Saunders *et al.*, 2009)

Quando se trata de uma pesquisa social, os tópicos investigados são fortemente influenciados por suposições teóricas, tanto durante a fase da pesquisa quanto durante a interpretação e análise de seus resultados. O termo “teoria”, segundo Bryman (2012, p. 21), “é utilizado de diferentes maneiras, mas seu significado mais comum é *uma explicação de regularidades observadas*”. Na abordagem dedutiva, a teoria marca o início da pesquisa, enquanto que na abordagem indutiva, ela marca o seu fim.

Os dois tipos de abordagens, no entanto, não são excludentes. Eles podem ser utilizados de forma combinada, com o objetivo de enriquecer a pesquisa. A decisão sobre o tipo de abordagem a ser escolhida, no entanto, dependerá não só do escopo e dos objetivos da pesquisa, como também do tempo que se tem disponível para realizá-la e dos recursos - humanos e financeiros - envolvidos no processo. (Saunders *et al.*, 2009)

Segundo Saunders (Ibid.), essas abordagens enquadram-se dentro de quatro diferentes filosofias de pesquisa: a filosofia do positivismo, do realismo, do interpretativismo e do pragmatismo - conforme é possível ver na imagem abaixo:

Figura 5

A “cebola” da pesquisa

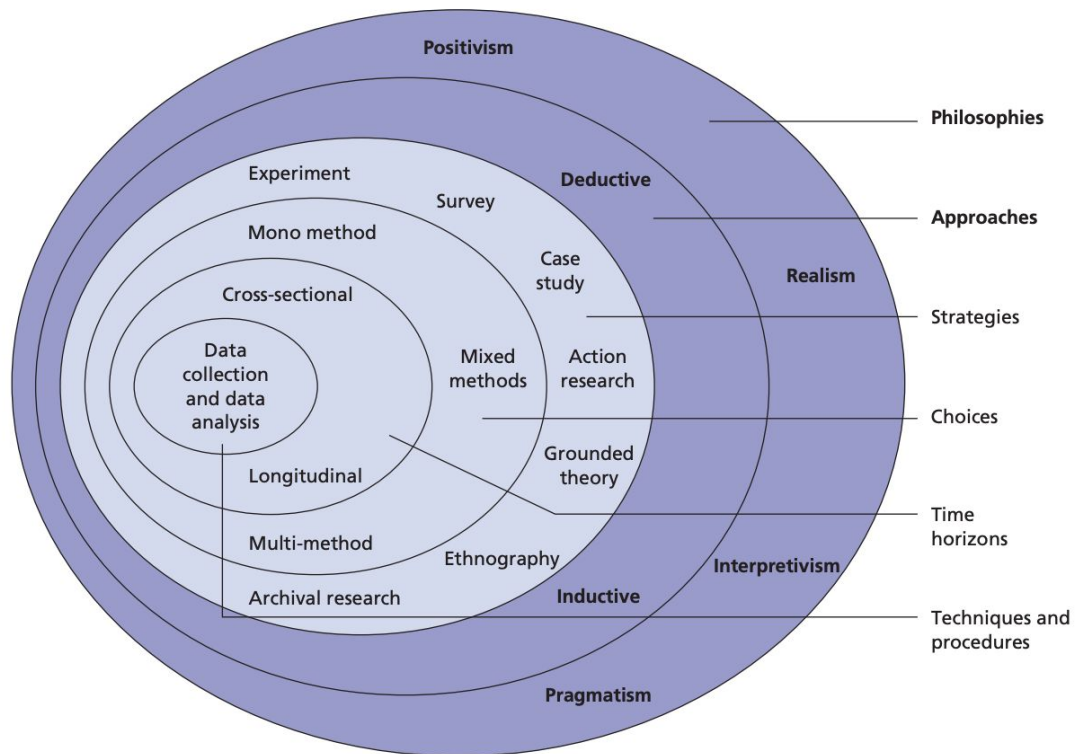


Figure 4.1

The research 'onion'

Source: © Mark Saunders, Philip Lewis and Adrian Thornhill 2008

Retirada de *Research Methods for Business Students* (Saunders et al., 2008, p. 138)

Na filosofia positivista, assim como na ciência natural, apenas os fenômenos observáveis é que são levados em conta, sendo considerados capazes de gerar dados confiáveis. Normalmente parte-se de uma teoria pré-existente, testando-se hipóteses que a confirmem ou a refutem durante o processo. O pesquisador é apenas um observador nesse ambiente, mantendo-se independente de seu objeto de estudo. (Saunders et al., 2009)

Na filosofia realista, a realidade é descrita pelos cinco sentidos, e existe de forma independente da mente humana. Para o realismo direto, aquilo que se vê é aquilo que se tem: é a própria experiência dos sentidos a responsável por retratar o mundo. Já para o realismo crítico, os sentidos podem enganar. O que se experimentam são apenas sensações sobre o mundo real, e não a realidade em si. No realismo direto, portanto, basta que se experimente o mundo para compreendê-lo, enquanto que no realismo

crítico é preciso experimentar o mundo e processar essas informações, para então entender a realidade. (Ibid.)

Na filosofia interpretativista, o pesquisador deve ver os seres humanos como atores sociais. É a filosofia empregada quando o estudo envolve pessoas, em vez de objetos. Por isso é extremamente necessário que o investigador seja empático para entender o mundo a partir do ponto de vista dos investigados, entendendo que todos eles têm um papel social e circunstâncias completamente diferentes de vida, e que cada situação é única. (Ibid.)

Por fim, na filosofia pragmática, a questão mais importante de uma pesquisa é a pergunta que ela se propõe a responder. Isso significa que um estudo pode seguir métodos mistos, com mais de uma filosofia, mais de uma abordagem e mais de uma forma de coleta e análise de dados, se isso for apropriado para o sucesso na obtenção de sua resposta. (Ibid.)

Já a estratégia de pesquisa divide-se em qualitativa e quantitativa. A pesquisa quantitativa “ênfatisa a quantificação da coleta e análise de dados, e implica uma abordagem dedutiva ao relacionamento entre teoria e pesquisa, com ênfase no teste dessas teorias”. (Bryman, 2012, p. 36). Esse tipo de estratégia de pesquisa também incorpora práticas e recursos do modelo científico, muito ligado à filosofia do positivismo. A realidade é externa e objetiva.

A pesquisa qualitativa, por outro lado, prioriza as palavras, em vez dos números, na coleta e análise dos dados. Ela tem relação com um tipo de abordagem mais indutiva, em que a ênfase é a criação, e não o teste, de teorias. Ao contrário da pesquisa quantitativa, esse tipo de estratégia rejeita as práticas do modelo científico natural e do positivismo, dando preferência à filosofia interpretativista. A realidade, aqui, está em constante mudança e é fruto da criação dos indivíduos. (Bryman, 2012)

Assim como as diferentes abordagens e filosofias, no entanto, as duas estratégias de pesquisa não são mutuamente excludentes - pelo contrário, podem ser usadas em conjunto como forma de enriquecer os resultados do estudo. (Ibid.)

4.1 Objetivo da investigação

O presente trabalho tem como objetivo principal responder à pergunta: qual a influência da moda na forma como as crianças aprendem sobre papéis de gênero? Após um enquadramento teórico que explorou conceitos de gênero e a maneira como as crianças aprendem sobre ele, foi possível perceber que o primeiro papel na educação e socialização de gênero é dos pais e cuidadores da criança. São eles os primeiros adultos, e, portanto, exemplos, que as crianças conhecem quando nascem, e é com eles o maior convívio que têm durante os primeiros anos da infância. Assim sendo, para responder à pergunta inicial desta dissertação, recorrer-se-á, justamente, a esse grupo de pessoas.

4.2 Métodos utilizados

A etapa prática desta investigação tem como base as teorias de autores e estudiosos citados no enquadramento teórico do estudo. Sua metodologia de desenvolvimento, da mesma forma, seguirá os formatos de pesquisa revistos no início do Quarto Capítulo.

Por meio de um método dedutivo de análise, será feita a aplicação de uma pesquisa, majoritariamente, quantitativa, mas mista em essência - não só pela pergunta aberta que finaliza o questionário mas, principalmente, pelas ricas discussões que se seguiram, com mães que, após participarem da pesquisa, demonstraram interesse pelo tema e buscaram aprofundar a conversa.

O método dedutivo foi elegido por já existirem teorias acerca do tema, as quais foram discutidas na primeira parte deste trabalho, durante o enquadramento teórico. O questionário foi preterido pela dificuldade em acessar dados e materiais para um possível estudo exploratório, devido ao fechamento de bibliotecas e universidades brasileiras como medidas de contenção do novo coronavírus.

Assim sendo, o questionário será composto por 46 perguntas no total; dentre elas, perguntas demográficas - como a idade dos pais e cuidadores, assim como das crianças, o sexo biológico e o país onde nasceram e residem atualmente; perguntas situacionais - para entender que situações já foram vivenciadas pelos respondentes e como agiram em cada situação; e perguntas pessoais, sobre aquilo que acreditam acerca das questões propostas de gênero.

Os dados serão recolhidos de forma anônima, por meio de um formulário desenvolvido no aplicativo *Google Docs* - um dos únicos disponíveis gratuitamente que permite a utilização de quantidades ilimitadas de perguntas e recursos. O questionário será enviado, principalmente, a grupos de pais e mães na internet, dado que o Brasil ainda se encontra em estado crítico de transmissibilidade do COVID-19 e as medidas de distanciamento social estão sendo mantidas.

A anonimidade foi escolhida pelo tema sensível do questionário, que trata de uma questão ainda bastante delicada para muitos respondentes, além de questões cotidianas relativas à criação de seus filhos e à forma como lidaram com cada situação.

Foram desenvolvidas perguntas predominantemente objetivas para adequar o questionário à realidade dos participantes do estudo - que em tempos de pandemia e ordens de isolamento social, já estão tendo que dividir suas horas entre o trabalho remoto e a criação em tempo integral dos filhos, muitas vezes com aulas virtuais para atender e tarefas de casa para entregar.

Perguntas objetivas tendem a melhorar a usabilidade do questionário e diminuir o tempo necessário para resposta, apesar de não permitirem maior aprofundamento das questões. (Greenan, 2017) Por esse motivo, ao fim do questionário há uma pergunta aberta. Outros canais de comunicação também ficaram abertos para respondentes que quisessem desenvolver o assunto além do questionário.

Como contrapartida, espera-se obter um mínimo de 100 respostas, para que seja possível analisar, à luz das questões de gênero, como se dá a participação dos pais e cuidadores na formação das concepções das crianças de seus papéis na sociedade. Espera-se também perceber o quanto esses agentes estão conscientes do papel que exercem diariamente na construção dessas concepções - e se as diferenças de gênero observadas por eles diariamente são, de fato, algo que queiram verdadeiramente modificar.

Capítulo 5

Resultados do estudo

A investigação sobre a visão dos pais e responsáveis quanto às concepções de gênero de seus filhos contou com um questionário composto por 46 perguntas, 45 perguntas fechadas e uma pergunta aberta. Rodou durante uma semana e obteve 176 respostas⁵.

5.1 Dados demográficos

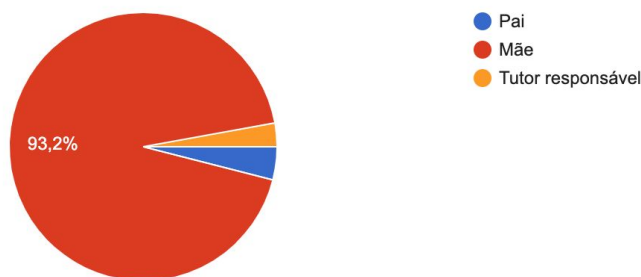
A primeira pergunta tinha como objetivo identificar o respondente: se ele seria o pai, a mãe ou um tutor responsável pela criança. 93,2% dos participantes se identificaram como mães, contra 4% de pais e 2,8% de tutores. Já neste dado é possível observar uma grande discrepância: mães são a esmagadora maioria dos respondentes. O número de pais participantes da pesquisa quase se iguala ao número de tutores, o que leva a crer que os pais ainda participam pouco de grupos de apoio e rodas de conversa sobre filhos na internet - locais onde a pesquisa foi mais amplamente disponibilizada.

Figura 6

Identificação do respondente

Você é:

176 respostas



Retirada da análise de formulários do Google

Quanto à idade dos respondentes, a maior parte deles (41,5%) tem entre 31 e 35 anos, sendo que 87% estão na faixa etária que varia dos 26 aos 40 anos, um recorte de pais

⁵ Todos os gráficos de respostas do questionário estão nos Anexos (pp. 109-124)

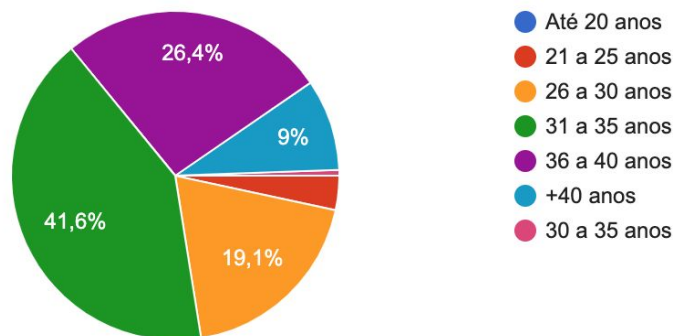
pertencentes à geração Y - ou *millennials*. A imensa maioria tem nacionalidade brasileira - com apenas uma participante britânica (ver Anexos, p. 110). No entanto, oito respondentes residem fora do Brasil, com endereços nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Escócia e no Peru.

Figura 7

Idade do respondente

Qual a sua idade?

178 respostas



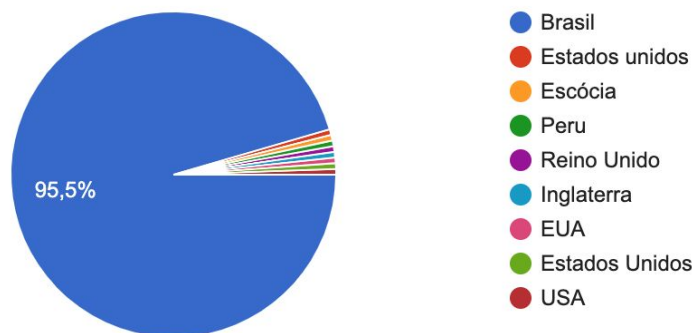
Retirada da análise de formulários do Google

Figura 8

País onde vive o respondente

Qual o país onde vivem?

178 respostas



Retirada da análise de formulários do Google

Esse recorte geográfico é importante, pois 75% dos participantes que residem fora do Brasil acreditam que gênero seja uma construção social. Esse número cai para 37,5%

quando se avalia a resposta dos participantes que residem no Brasil. Apesar do escopo pequeno deste estudo, e de uma ausência de aprofundamento da distinção geográfica, é possível pensar em duas grandes suposições para esses números: a diferença na realidade cultural vivida por esses pais e responsáveis, e a cabeça naturalmente mais aberta das pessoas que se predispõem a migrar de país.

O recorte de idade de todas as crianças - incluindo pais e responsáveis com mais de uma criança em casa - aponta que a maioria das crianças (cerca de 40%) está na faixa de 0 a 24 meses. 32% delas têm entre 2 e 5 anos (ver Anexos, p. 109). O menor recorte é visto entre crianças de 4 a 5 anos de idade (6,4%). A pesquisa desconsiderou a contagem de gêmeos e considerou crianças acima de 7 anos como participantes de uma mesma categoria, por ser a partir dessa idade que a personalidade infantil se solidifica. O sexo das crianças é bem distribuído, conforme as próprias probabilidades naturais de nascimento: 103 meninas (50,2%) e 102 meninos (49,8%) (ver Anexos, p. 110).

5.2 Questões pessoais

A segunda parte do questionário foi composta por perguntas pessoais, que dessem indicativos das crenças e opiniões dos pais e responsáveis deste estudo. Para saber o que os participantes entendem por gênero, foram dadas três opções de definição - conforme exploradas neste trabalho - e uma opção em aberto, caso os respondentes não se identificassem com nenhuma das respostas oferecidas e quisessem expor sua própria versão (ver Anexos, p. 111).

42,4% dos respondentes afirmou que acredita que gênero dependa do sexo da criança - é nascer “menino” ou “menina”. 40,7% dos respondentes afirmou crer que gênero é uma construção social - aquilo que é considerado masculino ou feminino em cada cultura. 14,1% deles afirmou que gênero é algo que não existe, pois cada criança nasce única. As respostas abertas foram as seguintes:

“Cada pessoa é única e se identifica em um dos gêneros construídos socialmente, que podem englobar vários, além de feminino e masculino.”

“Acredito que gênero é como a pessoa se identifica perante a sociedade, não determinado pela genitália com que nasce e sim como o indivíduo se identifica.”

“Gênero é algo que o ser humano utiliza para se caracterizar enquanto identidade, podendo ser feminino, masculino, trans, etc.”

“É algo hormonal, a criança não escolhe o sexo, simplesmente é o que o corpo exige.”

“É muito complexo.”

A falta de unanimidade nas respostas mostra que o tema ainda é bastante complexo para a maioria das pessoas. As diferentes vertentes sociológicas, a falta de debate e o tabu acerca do tema são apenas alguns dos motivos da confusão no entendimento das questões de gênero. O que foi possível perceber é uma certa divisão, por parte da maioria dos respondentes, quanto ao significado da palavra: enquanto para alguns gênero é sinônimo de sexo - biológico ou não -, para outros é sinônimo de identidade - algo criado na relação entre o ser e a sociedade.

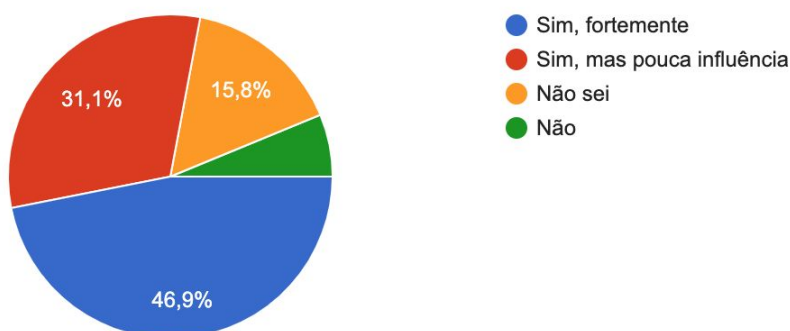
Quando perguntados se acreditam na influência que exercem sobre as concepções de gênero dos filhos, no entanto, os pais foram, em sua maioria, categóricos: 47% deles acreditam que exercem forte influência sobre as concepções de seus filhos, 31% acreditam que exercem influência, mas pouca - um total de 78% de respostas positivas. Apenas 6,2% responderam que não, contra 15,8% que não souberam opinar.

Figura 9

Influência do respondente na educação de gênero da criança

Você acredita que exerce influência na educação de gênero dos seus filhos?

177 respostas



Retirada da análise de formulários do Google

Esses dados foram bastante surpreendentes, uma vez que, filtrando as respostas, é possível perceber que 75% das pessoas que responderam acreditar que gênero seja algo atrelado ao sexo biológico também responderam acreditar que possuem influência sobre as concepções de gênero de seus filhos. Essa divergência não foi explorada a fundo, posto que não há uma pergunta aberta para que esses respondentes pudessem justificar suas escolhas. De toda forma, é curioso observar que os pais e responsáveis estão cientes, em sua maioria, da influência que exercem naquilo que seus filhos aprendem sobre gênero.

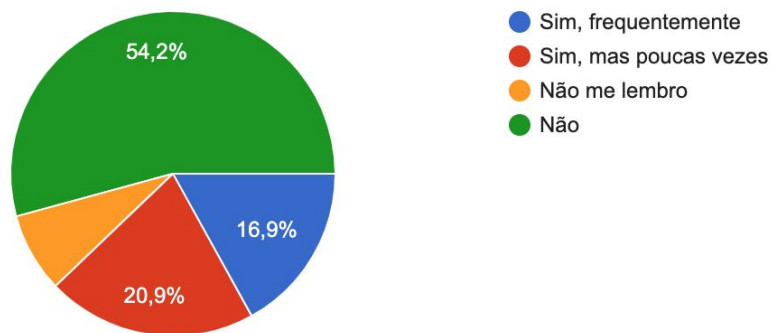
Outro dado surpreendente foi sobre o quanto os participantes já conversaram com seus filhos sobre gênero. 54% deles respondeu que nunca conversou com eles sobre o tema. Dessa fatia, 60% têm filhos entre 0 e 24 meses de idade, o que talvez explique a falta de diálogo para um tema possivelmente complexo. Ainda assim, restam 40% de pais e responsáveis que nunca tocaram no assunto.

Figura 10

Frequência com que o respondente conversa sobre papéis de gênero com a criança

Você já conversou com seus filhos sobre papéis de gênero?

177 respostas



Retirada da análise de formulários do Google

Outra questão curiosa é que 67% das pessoas que responderam que acreditam exercer influência sobre as concepções de gênero de seus filhos também relataram nunca ter tido essa conversa com eles - em outras palavras, há uma certa consciência de que essa influência é exercida implicitamente, no dia a dia. Esse dado é relevante pois é assim que crianças pequenas aprendem sobre gênero: de forma muitas vezes não falada, por meio das brincadeiras e brinquedos a que são incentivados, das roupas que vestem ou

mesmo de situações cotidianas. O diálogo, no entanto, continua sendo essencial em qualquer idade da vida.

5.3 Questões situacionais

Quando perguntados sobre a frequência com que oferecem aos filhos brinquedos que fogem a seus estereótipos de gênero, 50% dos pais e tutores afirmaram que quase sempre os oferecem (ver Anexos, p. 112). Quando se considera também os que responderam “às vezes”, esse número sobe para 85%, um número bastante positivo. Quando o assunto é vestuário, no entanto, apenas 37% diz oferecer frequentemente peças que fogem aos estereótipos do gênero dos filhos. 30% oferece às vezes, somando um total de 67% (ver Anexos, p. 112).

É possível perceber que os participantes são mais inclinados a oferecer brinquedos do que peças de roupa que fogem a estereótipos de gênero de seus filhos. Os que responderam “quase nunca” ou “não ofereço, mas permito que ofereçam” somam 15% para brinquedos, e 26,5% para peças de roupa. Já a afirmação “não ofereço e não permito que ofereçam” passam de 0,6%, com relação aos brinquedos, para 5,6% com relação ao vestuário infantil. Há uma resistência maior quando o assunto é moda, talvez por ela ser uma forma mais forte de expressão de gênero.

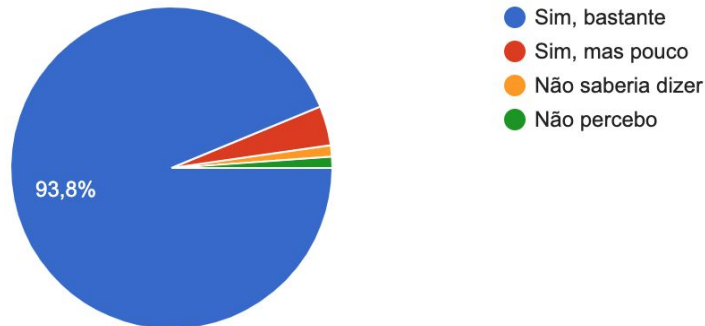
É justamente na moda, também, que se percebem as maiores diferenças de gênero. Para a pergunta: “você percebe estereótipos de gênero nas seções masculinas e femininas das lojas de roupas infantis?”, 94% dos respondentes afirmou que “sim, bastante”:

Figura 11

Grau com que o respondente percebe estereótipos de gênero em lojas de roupas infantis

Você percebe estereótipos de gênero nas seções masculinas e femininas das lojas de roupas infantis?

177 respostas



Dos respondentes que afirmaram não oferecer e não permitir que ofereçam peças de roupa que fogem aos estereótipos de gênero, 80% acreditam que gênero é sinônimo de sexo biológico, ou de nascer “menino” ou “menina”. 100% deles acreditam exercer forte influência sobre as concepções de gênero de seus filhos, e 90% dizem perceber esses estereótipos nas lojas de roupas infantis - em geral, eles sabem que as diferenças existem, acreditam que seja uma questão biológica e, por acreditarem que exercem influência sobre como seus filhos aprendem sobre gênero, não permitem que se vistam fora de seus estereótipos.

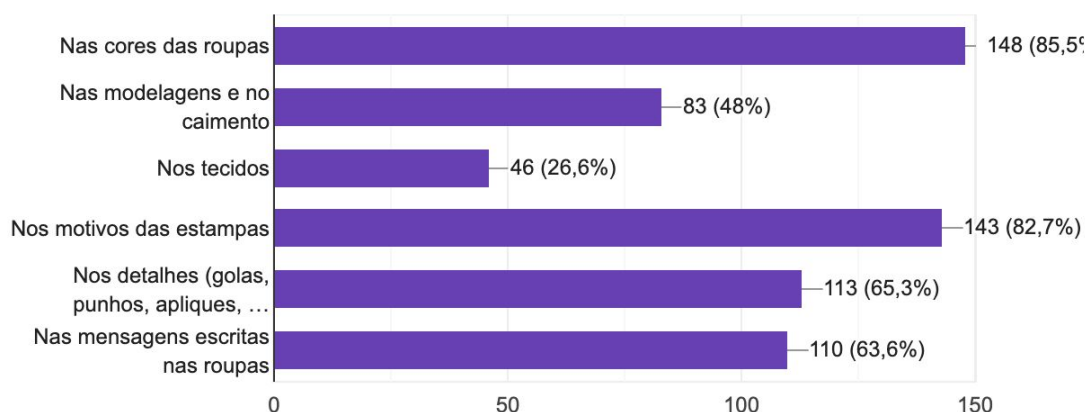
Quando perguntados sobre onde eles encontram as maiores diferenças, os resultados foram os seguintes:

Figura 12

Partes do vestuário infantil onde o respondente percebe estereótipos de gênero

Em caso positivo, em que parte do vestuário você os percebe?

173 respostas



Retirada da análise de formulários do Google

Como é possível perceber pela imagem acima, as cores e estampas das peças são onde os pais encontram as maiores diferenças de gênero. Os detalhes e as mensagens escritas nas peças também são características onde os respondentes percebem estereótipos, seguidos da modelagem e do caimento das peças e, por último, dos tecidos. Nenhuma categoria deixou de receber votos. Tanto pais de meninas quanto pais de meninos, em quase igual proporção, enxergam essas diferenças.

Aos que responderam perceber diferenças de gênero nas lojas infantis, foi perguntado se essa diferença lhes causava algum incômodo (ver Anexos, p. 113). 41% dos pais e responsáveis se disseram bastante incomodados e 29% disseram sentir incômodo, apesar de pouco. 30% deles não se incomodam com essa diferença. 65% das pessoas que não se incomodam com as diferenças de gênero no vestuário infantil também afirmaram nunca ter conversado com os filhos sobre questões de gênero.

Quando perguntados se acreditam que os filhos aprendem sobre gênero com as roupas que usam, 72% dos participantes responderam que sim - sendo que, destes, 44,6% acreditam fortemente nessa forma de aprendizagem. Desses 72%, 98,4% percebe estereótipos de gênero nas lojas de roupas infantis - um indicativo de que os pais têm consciência de que seus filhos aprendem não só sobre gênero, mas também sobre

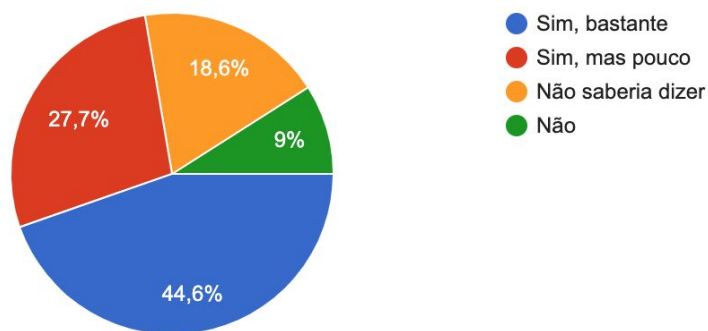
estereótipos de gênero com as roupas que usam. Ainda assim, 25% deles não se incomodam com isso.

Figura 13

Influência do vestuário na educação de gênero da criança

Você acredita que seu filho(a) aprende sobre gênero com as roupas que usa?

177 respostas



Retirada da análise de formulários do Google

58% dos pais e responsáveis também responderam que já quiseram comprar roupas para seus filhos que fossem destinadas ao sexo oposto (ver Anexos, p. 114). Destes, 78% acreditam que os filhos aprendem sobre gênero com as roupas que vestem e 95% dos que acreditam se incomodam com os estereótipos de gênero encontrados nas seções de vestuário infantil.

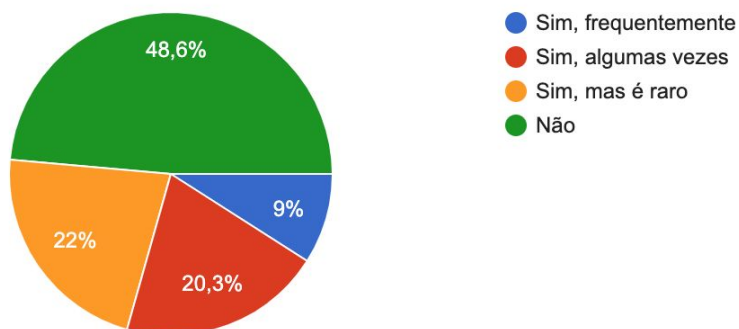
Quando perguntados se já se sentiram pressionados para vestir os filhos de forma que se encaixem em algum lugar, os respondentes ficaram divididos: 48,6% responderam que não, mas 51,4% já se sentiram pressionados de alguma forma. Tanto pais de meninos quanto pais de meninas afirmam sentir essa pressão, em semelhante proporção: 48% e 52% (pais de meninos que também são pais de meninas não entraram nessa contagem por não ser possível saber de quem estavam falando).

Figura 14

Pressão sofrida pelo respondente para vestir seus filhos de acordo com os colegas

Você se sente pressionado para vestir seu filho(a) de certa forma, para que ele(a) se encaixe no mesmo lugar de outros colegas?

177 respostas



Retirada da análise de formulários do Google

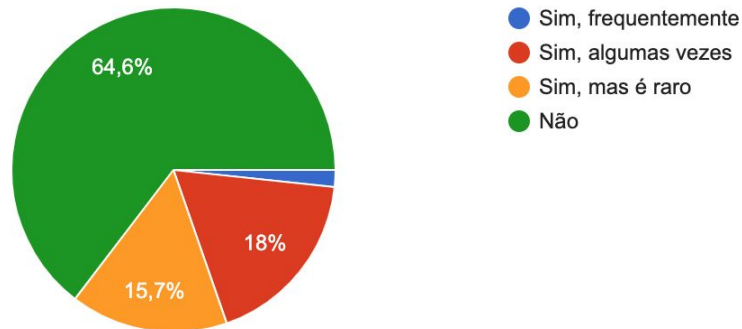
Quando perguntados se alguma vez já haviam se sentido julgados ou desconfortáveis pela forma como vestem os filhos, a maioria (64,6%) respondeu que não. Dos respondentes que afirmaram já terem se sentido julgados, pais de meninos são julgados com um pouco mais frequência: 54%, contra 46% de pais de meninas. Curiosamente, apenas os respondentes que residem no continente americano já sentiram esse julgamento, especificamente no Brasil, no Peru e nos Estados Unidos.

Figura 15

Frequência com que o respondente se sente desconfortável pela forma com que quer vestir seus filhos

Alguma vez já se sentiu julgado ou desconfortável pela forma com que quis vestir seu filho(a)?

178 respostas



Retirada da análise de formulários do Google

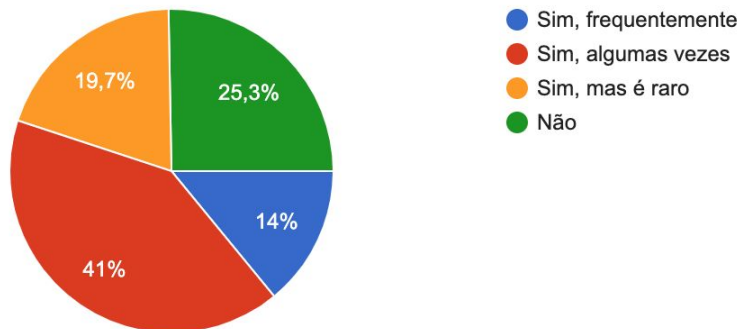
A pergunta seguinte indagava se os pais já haviam se percebido, durante a criação dos filhos, reproduzindo estereótipos de gênero. 75% deles afirmaram que sim, um dado bastante importante, uma vez que a consciência dessa reprodução é o primeiro passo numa possível mudança de comportamento. Estereótipos estão presentes na cultura social das mais variadas formas, sendo absolutamente normal que sejam reproduzidos, consciente ou inconscientemente, nas ações do dia a dia.

Figura 16

Frequência com que o respondente percebe perpetuar estereótipos de gênero na criação dos filhos

Já se percebeu, na criação dos seus filhos, perpetuando um estereótipo de gênero?

178 respostas



Retirada da análise de formulários do Google

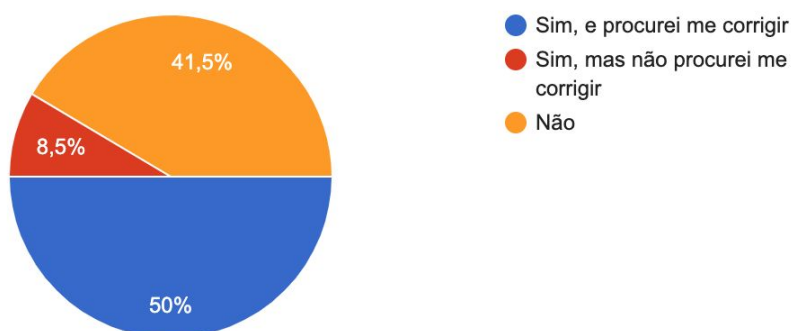
Ainda assim, apenas metade dos respondentes que afirmaram perceber essa reprodução de fato a consideraram ruim a ponto de se corrigirem. 41,5% deles não consideram a perpetuação de estereótipos algo negativo - talvez porque destes, 73% acreditam que gênero seja algo biológico. Um dado inusitado é que, desses 41,5% que não acham ruim perpetuar estereótipos, 50% se incomodam com os estereótipos de gênero presentes vestuário infantil. A falta de uma pergunta aberta que se siga não abre espaço para explicações, mas é possível formular algumas suposições a respeito, como a de que a educação de gênero dada em casa não incomoda os respondentes, mas a educação dada por terceiros - neste caso, o mercado -, sim.

Figura 17

Forma com que o respondente percebeu a situação anterior

Em caso positivo, você percebeu a situação como algo negativo?

164 respostas



Retirada da análise de formulários do Google

Na próxima etapa do questionário, os respondentes foram divididos entre aqueles que têm filhos e aqueles que têm filhas. Os que têm filhos de ambos os sexos foram convidados a responder por cada um, individualmente. O objetivo seria comparar hábitos culturais ligados à criação de meninos e meninas.

A primeira pergunta é se a criança em questão tem as orelhas furadas. 12% dos pais de meninos responderam que sim, ao passo que 80% dos pais de meninas responderam afirmativamente (ver Anexos, pp. 115 e 119). 26,5% das meninas já frequentaram um salão de beleza além das idas para cortar o cabelo, contra 14,2% dos meninos (ver Anexos, pp. 115 e 119). Mais da metade das meninas (55%) já pintou alguma vez as unhas e 64% já brincaram ou utilizaram algum tipo de maquiagem (ver Anexos, pp. 119 e 120). Considerando meninas de zero a três anos de idade, 17% delas já pintaram as unhas e 34% já brincaram ou utilizaram maquiagem.

Quando perguntados se as crianças já tiveram que interromper alguma brincadeira para que os pais arrumassem seu cabelo, alguma peça de roupa ou porque sua roupa de baixo estava aparecendo, apenas 21% dos pais de meninos responderam que sim, contra 56% dos pais de meninas (ver Anexos, pp. 116 e 120). A discrepância nas respostas leva à formulação de algumas teorias, como as de Sarah Clemence (2018), de que as roupas escolhidas para meninos e meninas são por si só diferentes, e de que há,

possivelmente, uma maior necessidade, por parte dos pais e responsáveis por meninas, de que elas estejam impecáveis na maior parte do tempo.

Quando perguntados se as crianças já deixaram de participar de alguma brincadeira por não estarem vestidas adequadamente, as respostas foram semelhantes: 94% dos pais de meninos e 95% dos pais de meninas disseram que não (ver Anexos, pp. 116 e 120). Quando perguntados se as crianças já rasgaram peças de roupas enquanto brincavam, 58% dos pais de meninos responderam que sim, contra 62,4% dos pais de meninas (ver Anexos, pp. 117 e 121).

A pergunta seguinte era sobre as seções masculina e feminina das lojas de roupas infantis, e se as crianças já haviam usado roupas compradas na seção destinada ao sexo oposto. Foram 38,6% dos pais de meninos que responderam positivamente, contra 75% dos pais de meninas (ver Anexos, pp. 118 e 122). Uma das grandes hipóteses para essa diferença está no fato de que é considerado masculino ser mais bem aceito pela sociedade do que o que é considerado feminino, conforme visto no estudo “Skipping’s for girls”, de Ann Henshaw (*et. al*, 2006), e na reportagem da jornalista Monica Dux (2017).

Henshaw e a equipe perceberam que as meninas têm mais espaço para gostarem do que os meninos gostam e usarem o que eles usam, mas a recíproca, infelizmente, ainda não é verdadeira: os meninos ainda se sentem bastante desconfortáveis de estarem exercendo papéis considerados femininos, seja em brincadeiras ou outras atividades.

8% dos pais de meninos afirmaram já terem negado aos filhos uma peça de roupa por considerá-la inadequada, contra 21% dos pais de meninas (ver Anexos, pp. 118 e 122). Novamente não há uma pergunta aberta que se siga, mas é possível explorar algumas teorias, como a de Sarah Clemence (2018), de que erotização do vestuário infantil é mais comum nas seções femininas que masculinas das lojas de roupas.

Quando perguntados se as crianças já pediram para fazer algo considerado, normalmente, algo do sexo oposto, 56% dos pais afirmaram que seus filhos já pediram para fazer “coisas de menina”, enquanto que 66% afirmaram que suas filhas já pediram para fazer “coisas de menino”. Para essa pergunta, dada sua subjetividade, foram oferecidos exemplos, como “brincar com bonecas, pintar as unhas ou passar

maquiagem” para os meninos, e “brincar com armas de brinquedo ou jogar bola” para meninas (ver Anexos, pp. 119 e 123).

Os números, que representam uma maioria, são indicativos de que é da própria curiosidade da criança experimentar. Ela desde pequena é condicionada a certos brinquedos ou brincadeiras porque são o que os adultos à sua volta entendem como “apropriados” para o sexo da criança. O fato de pedir para experimentar coisas novas significa aquilo que a ciência, conforme explicou Gopnik (2010), hoje já comprova: que as crianças nascem, naturalmente, exploradoras.

A pergunta seguinte tem relação, justamente, com a intervenção adulta. Foi perguntado aos participantes se alguma vez a criança tinha ouvido dele ou de algum outro adulto que algo que estava fazendo ou querendo não era “coisa de menino” ou “coisa de menina” (ver Anexos, pp. 119 e 123).

Novamente as diferenças surgiram: 45% dos pais de meninos responderam afirmativamente, contra 35,6% dos pais de meninas. Há uma maior relutância em permitir comportamentos e desejos considerados femininos aos meninos, do que o contrário, o que mais uma vez corrobora com o estudo de Henshaw (*et. al*, 2006). O que se pode perceber é que essa atitude, vinda das crianças, pode ser uma mera imitação dos pais, posto que elas desde cedo ouvem dos adultos exemplos do que é ou não considerado de “menino” ou de “menina”.

A última pergunta desta seção foi sobre frases que já foram proferidas às crianças (ver Anexos, pp. 119 e 123). Os pais e responsáveis deveriam marcar apenas as frases que já foram ditas a elas:

- A frase “sente de pernas fechadas” foi dirigida a 8% dos meninos e a 33% das meninas.
- A frase “coma de boca fechada” foi dita a 63,6% dos meninos e 76,3% das meninas.
- A frase “você tem que se arrumar” foi dita a 26% dos meninos e 22,4% das meninas.
- A frase “você precisa ser educado(a)” foi dirigida a 67,5% dos meninos e 51% das meninas.
- A frase “você tem que ficar quietinho(a)” foi dita a 66% dos meninos e 37% das meninas.

- A frase “você tem que ser corajoso(a)” foi dirigida a 53% dos meninos e 67% das meninas.

Foi possível perceber que as meninas recebem mais lições de etiqueta do que os meninos, com indicações de como devem se sentar e comer. Não é comum pedir a meninos e homens, por exemplo, que sentem de pernas fechadas, um pedido muito mais direcionado às mulheres.

Os meninos recebem mais instruções para serem educados e não fazerem barulho, algo que é naturalmente mais esperado de meninas no dia a dia. Conforme a Dra. Elizabeth Sweet (2015), as brincadeiras de meninos costumam envolver mais agilidade, esforço físico e agressividade do que as brincadeiras de meninas, o que pode explicar um maior reforço por parte dos pais de meninos para que se comportem.

Já o incentivo para que sejam corajosos foi maior com as meninas, o que leva a crer que os meninos, rotineiramente, já recebem essa mensagem em brinquedos, publicidades e até nas roupas que vestem, enquanto esse indicativo, para as meninas, precisa ser reforçado. Essa suposição corrobora com a hipótese da Dra. Sweet (2015) de que brinquedos voltados para meninos naturalmente evocam ideias de ação, agressividade e aventura, enquanto que os das meninas estão mais voltados para a vida doméstica.

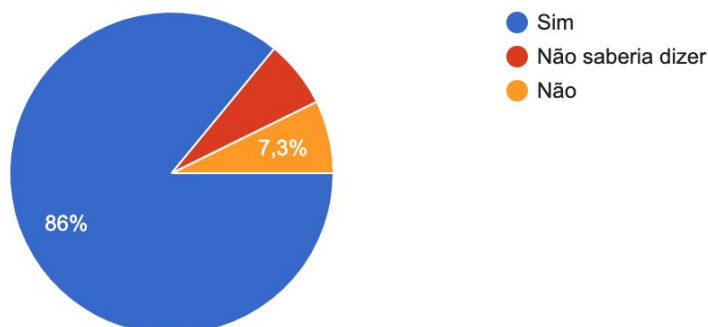
A última seção do questionário tratava da diferença de criação entre meninos e meninas. Foi perguntado aos participantes se, de maneira geral, eles consideram que a sociedade cria meninos e meninas, até os seis anos de idade, de maneira diferente.

Figura 18

Opinião do respondente sobre a sociedade criar meninos e meninas de forma diferente

De maneira geral, você considera que a sociedade cria meninos e meninas, até os seis anos de idade, de maneira diferente?

178 respostas



Retirada da análise de formulários do Google

86% dos pais e responsáveis responderam que sim. O dado demonstra que eles estão cientes que as diferenças de gênero são criadas já na primeira infância e durante a educação das crianças. 100% das pessoas que responderam que não consideram que a sociedade cria meninos e meninas de forma diferente, no entanto, afirmaram perceber estereótipos de gênero no vestuário infantil - apesar de 80% delas não se importarem com esse fato. 70% dessas pessoas acreditam que gênero é “nascer menino ou menina” e 80% delas acreditam que exercem influência na educação de gênero dos filhos.

O dado é bastante curioso, pois a mera existência de estereótipos de gênero no guarda-roupa infantil deveria ser um indício de que meninos e meninas são, de fato, criados de forma diferente - independente de essa diferença incomodar ou não aos pais. Da mesma forma como a pesquisa de Judith Blakemore (2005) constatou que os brinquedos com fortes indicações de gênero poderiam acabar estimulando, nas crianças, comportamentos estereotipados, é de se esperar que esses comportamentos sejam refletidos, também, no guarda-roupa das crianças.

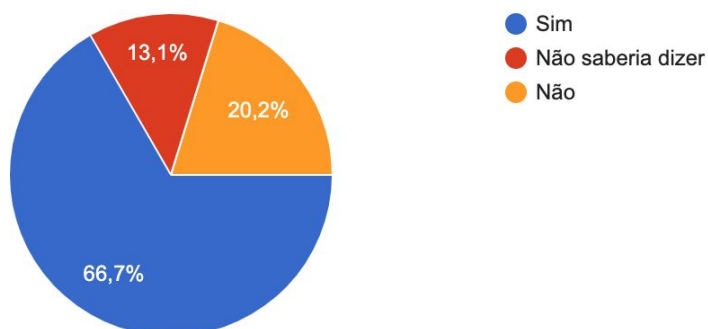
A pergunta que se seguiu foi sobre o incômodo que essa diferença de criação gera nas pessoas que acreditam que ela exista. 66,7% dos respondentes disseram que se sentem incomodados com essa divergência e 13% não souberam informar. Dos 20% que responderam negativamente, 78% deles acreditam que gênero seja sinônimo de sexo biológico - o que talvez explique a falta de inconformidade, uma vez que, se gênero é algo biológico, não há porque ser algo que cause desconforto.

Figura 19

Opinião do respondente sobre o incômodo causado pelas diferenças na criação de meninos e meninas

Em caso positivo, essa diferença lhe incomoda?

168 respostas



Retirada da análise de formulários do Google

Por fim, a última pergunta do questionário era aberta e opcional, dirigida apenas àqueles que responderam se sentir incomodados com a diferença de criação de meninos e meninas - apesar de ter sido respondida, também, por pais e responsáveis que responderam não se sentir incomodados com a diferença, mas que talvez quiseram aproveitar a oportunidade de justificar suas respostas. A pergunta era: “Em caso positivo, o que você acredita que impede meninos e meninas de serem criados igualmente na nossa sociedade?”⁶

Dos respondentes que disseram não se sentir incomodados, as justificativas foram as seguintes:

“Homens e mulheres são diferentes, é fisiológico. Acredito na educação pelo exemplo. Minhas filhas são livres, empoderadas, mas entendem que gerar, maternar é feminino. Meu filho também, entende a diferença principalmente porque tem às meninas para se comparar, e se vê muito diferente delas fisicamente. Ele tem a presença do pai, e o masculino presente. Ele

⁶ A seguir encontram-se algumas das respostas recolhidas, publicadas da mesma forma como foram escritas, corrigidos apenas os erros de formatação e digitação. Algumas das respostas mais longas foram também reduzidas, mas os anexos deste trabalho trazem todas elas compiladas na íntegra (pp. 125-133), assim como o próprio questionário aplicado (pp. 95-108).

compreende e percebe isso. Sobre roupas, as mais neutras, vou passando de um para o outro quando não serve mais.”

“Não acredito que meninos e meninas sejam iguais. São diferentes e desempenham papéis diferentes.”

“O fato de que meninos e meninas NÃO são iguais.”

“Nossa posição de pais e responsáveis na maioria das vezes..... Nós mesmos impedimos e muitas vezes sem perceber, por ser algo que já vem de milênios assim acabamos agindo.”

“A própria imposição da sociedade.”

“Seguir o fluxo sem pensar.”

Dos respondentes que disseram se sentir incomodados com a diferença, foram colhidas 86 respostas. Embora bastante variadas, muitas delas apresentavam algumas características em comum: a grande maioria cita o patriarcado, o machismo estrutural, o preconceito e cultura da sociedade como os grandes empecilhos para uma criação mais igual de meninos e meninas. Muitos respondentes relatam experiências pessoais que vivem com os filhos:

“Machismo estrutural. Tento vestir meu filho de forma neutra, mas tenho muita dificuldade de encontrar peças da seção feminina que não sejam desconfortáveis. Tudo que possa atrapalhar seu desenvolvimento, como lacinhos, paetês e tecidos duros (incluindo jeans), eu não uso. Body, por exemplo, que eu poderia muito bem comprar na seção feminina, sempre tem enfeites demais. Deve ser muito duro ser mãe de menina. Além disso, há uma barreira cultural vindo das pessoas mais próximas. Avós, tios etc. fazem cara feia para qualquer coisa que eles entendam como feminino. E já há uma lista enorme de enfrentamentos com essas pessoas em outros setores (não dar açúcar para a criança, não dar celular), que eu acabo escolhendo as batalhas. E a briga pela roupa sem gênero perde, infelizmente. [...]”

Francesca Sammaritano (*apud* Clemence, 2018) apontou claramente essa diferença nas peças femininas e masculinas quando afirmou que as roupas para meninos são mais práticas, mais confortáveis e possuem mais bolsos, voltadas para a diversão - uma

diferença injustificável quando se constata que meninos e meninas até seis anos de idade, em termos de tamanho, são praticamente iguais e que os moldes de suas roupas são, inclusive, os mesmos.

Muitos dos relatos também vão ao encontro da questão exposta pela designer Pauline Agostoni (2018): o problema em si não é que uma peça de roupa tenha lantejoulas ou laços; o problema é que essas são as características da maior parte das peças na seção infantil feminina, das roupas das bonecas e das personagens na televisão. Essas são as características das roupas com que a criança do sexo feminino é presenteada por amigos e familiares durante sua vida - e é esse conjunto de exemplos que influencia na construção de sua visão de mundo como menina.

Percebe-se que grande parte dos participantes que responderam à pergunta se sente frustrada com a forma com que as crianças são condicionadas pela sociedade. Há um sentimento de que não adianta apenas fazer a parte delas como pais e responsáveis, pois a educação e a socialização de gênero ocorrem em diversas esferas da vida das crianças - e não só dentro de casa.

“Mesmo que nós, pais, tentemos criar nossos filhos e filhas com o mínimo de igualdade, outras pessoas do convívio da criança sempre vêm ditando regras de comportamento de gênero, e espera-se das meninas posturas e maturidade que não se cobra dos meninos.”

É possível perceber que o problema é realmente social, em suas diversas camadas. Alguns respondentes dizem que, apesar de educarem as crianças com igualdade dentro de casa, o ambiente escolar, o convívio com os colegas e outros familiares influenciam nas concepções de gênero, nos gostos e nos interesses da criança, conforme expuseram Deborah Best e Kelsey Luvender (2015). Outros dizem que, ao tentar passar esse tipo de educação na escolas, percebem que as crianças já vêm ensinadas de casa, como afirmou Susan Witt (1997).

“Acredito que a criança está exposta não somente ao contato com os pais, nesse caso a escola ou outros convívios exercem influência sobre a criança. Tenho uma filha de 5 anos e quando era bebê eu comprava roupas tanto de seção feminina quanto masculina infantil para ela, inclusive de cores fortes como vermelho e azul marinho e a cor favorita dela era vermelho. Tempo depois da entrada dela na escola eu pude perceber mudanças nas escolhas

dela, a cor preferida dela passou a ser rosa e a preferência por peças do vestuário dela acaba indo sempre para peças enfeitadas com personagens como princesas.”

“Os discursos da família, dos professores e conseqüentemente dos próprios colegas de sala. A sociedade cria meninos para reprimir seus sentimentos e serem o que quiserem, cria meninas para que saibam cuidar de uma casa, para que possam exercer determinadas funções e que sejam delicadas, essa construção inicia já na educação infantil, com discursos tais como "senta direitinho, igual uma mocinha", "menino não chora", "esse brinquedo é de menino, devolve pra ele", "vassourinha não é brinquedo de menino". A família tem muita interferência também, muitas vezes o que construímos (sou pedagoga) positivamente nesse âmbito é totalmente julgado e desfeito pelos pais/mães e tutores em casa.”

Alguns respondentes também mencionaram a religião e a própria criação dos pais como causas do problema. A grande maioria reconhece que a questão é muito mais profunda do que aparenta, pois os estereótipos, o preconceito e as imposições sociais são apenas a parte visível dos problemas enraizados na sociedade. O patriarcado, por exemplo, é amplamente citado, mas as raízes do patriarcado, não:

“A estrutura patriarcal em que vivemos, o machismo enraizado nessa estrutura e em todas as pessoas da sociedade. O interesse de quem detém o capital em manter essa estrutura. As religiões que têm interesse em manter essa estrutura, controlando mulheres e seus corpos. É uma questão muito mais profunda e enraizada na sociedade e que pode ser minimizada quando reconhecemos a questão e criamos crianças feministas, mas que depende de políticas públicas amplas para de fato ser modificada.”

Grande parte dos respondentes fala do patriarcado e do machismo estrutural como justificativas para a desigualdade. São formas de discriminação com contornos mais sutis e muitas vezes imperceptíveis, como por meio da religião, de piadas e momentos de suposta descontração, por meio de justificativas “biológicas” e pela perpetuação desses estereótipos em casa. (Moya, 2019)

“Os papéis pré-destinados a serem ocupados na sociedade patriarcal fazem com que as mulheres sejam criadas, desde sempre, para serem polidas,

domésticas, mães. Os meninos são criados (e isso é reforçado pelos brinquedos, roupas, desenhos) para ocuparem papéis de destaque e decisão na sociedade, sem a necessidade de se preocuparem com questões domésticas.”

“O próprio machismo enraizado nas famílias. Ensinando que as meninas precisam aprender afazeres domésticos e os meninos, não, por exemplo.”

Dos participantes que citaram o machismo e o patriarcado como impeditivos para uma criação igualitária de meninos e meninas, 85% definiram gênero como sendo uma construção social. Boa parte dos participantes também cita o preconceito e a cultura em que estão inseridos como motivos para a desigualdade - e, apesar de não citarem o machismo, é possível perceber que é a ele que se referem:

“A própria sociedade! O preconceito ainda é muito recorrente e percebi que para meninas é mais comum vê-las com roupas com cores consideradas de meninos e brincando com brinquedos/ atividades consideradas de meninos, já os meninos é muito mais difícil, porque se um menino usa rosa ou usa fantasia de princesa ou brinca de boneca ele é “viadinho”⁷... ele não pode simplesmente ser uma criança que só quer ser criança! Os próprios pais incentivam muito e isso é triste... [...]”

Algumas das respostas fizeram a mesma menção à questão da fragilidade masculina vista no estudo de Henshaw (*et. al*, 2006) e no artigo de Dux (2017): as meninas, hoje, já podem se vestir como meninos e gostar de super-heróis sem que ninguém julgue sua orientação sexual. No caso dos meninos, no entanto, gostar de roupas ou brinquedos considerados femininos ainda é forte motivo de julgamento. Esse desequilíbrio acaba por vender a ideia de que o que é masculino é melhor, ou preferível.

“Uma sociedade machista impede as crianças de crescerem de forma igual. Trabalho em uma escola pública nos EUA e vejo muitos meninos brincando na cozinha e com bonecas, mas em suas casas isso não seria possível. [...] E também muitas crianças de 4 anos já “condenando” com uma risadinha alguém fazendo algo considerado diferente [...]”

⁷ Gíria brasileira pejorativa que designa um homem homossexual.

“O machismo que considera o sexo masculino melhor, mais forte e mais inteligente até mesmo em crianças. Isso ofusca nossas meninas e as deixa sempre em segundo plano em diversas comparações.”

É possível perceber também que muitos pais, apesar de afirmarem crer que os estereótipos de gênero afetam seus filhos, acreditam que isso é um problema futuro: que seus filhos, por serem pequenos, ainda não têm idade para entender um tema tão complexo:

“Há muito machismo e preconceito nas famílias e vejo que principalmente os pais temem criar com liberdade nesse sentido e os filhos meninos virem a ser homossexuais por causa disso... Vejo isso claramente na família do meu marido, e também já vi nas escolas, corrigirem certas falas e atitudes com o clássico "isso é coisa de menina". Sou uma mãe preocupada com radicalismos, e na minha opinião, até a idade do meu filho (hoje com 6 anos) acredito que essas questões não são objetivamente percebidas ou absorvidas por eles com clareza, é tudo muito subjetivo ainda. [...]”

O que não é inteiramente verdade, posto que é durante os primeiros três anos da infância que a personalidade começa a se cristalizar. Nos dois anos que se seguem já é possível encontrar, na criança, indícios do adulto que ela irá se tornar. Sendo assim, com palavras apropriadas à idade e ao seu nível de entendimento, é possível e desejável conversar com ela sobre tudo. (Jarrett, 2016)

O gênero, como construção social relacionada às características biológicas de uma pessoa, pode e deve ser discutido com as crianças - e o mesmo é válido para seus estereótipos. Apesar de criação ser algo extremamente pessoal, e de cada família ter a liberdade para criar seus filhos como bem entender, há benefícios envolvidos em ensinar a uma criança sobre a diversidade entre as pessoas, ao mesmo tempo em que se dá espaço para ela ser quem quiser, com seus gostos e preferências próprios.

Uma vez que a moda, como expressão de uma cultura, tem seu papel na propagação de mensagens, atuando como forma de comunicação, é de se esperar que essas mensagens também tenham como assunto as questões de gênero. Cabe aos pais e responsáveis, portanto, por serem os primeiros adultos na vida de uma criança, questionarem as mensagens que estão passando não só à sociedade, mas, principalmente, a seus

próprios filhos. Contestar as regras impostas pela moda infantil, afinal, é, como expôs Dux (2017), rever as próprias concepções sobre papéis de gênero.

Conclusões

O ser humano nasce único, infinito em suas possibilidades, mas é moldado pela sociedade, pela época, pelo lugar e pela realidade em que está inserido. Não se trata de diferenças de sexo biológico, apesar desse tema merecer uma discussão própria sobre suas mais diversas nuances. A questão é por que, antes mesmo de nascer, o mundo já está pré-definido para a vida que está a caminho: quem desenhou os ideais de masculinidade e feminilidade? Quem decidiu os papéis que cabem a cada uma das pessoas?

Eric Berne (1972) falava de um roteiro da vida, mas a questão é, sem dúvidas, mais profunda que isso. Não são só os pais e os principais cuidadores de uma criança que influenciam a forma como ela se enxergará na sociedade. Há escolas, professores, colegas, familiares e até mesmo meros desconhecidos ensinando e servindo de exemplo para as crianças. Há questões religiosas, políticas e sociais que ditam as regras quanto a como as coisas devem ser em cada canto do mundo. Há pessoas por trás de cada fatia de mercado, de cada produto infantil, de cada canal de internet e programa de televisão cumprindo com agendas pessoais e econômicas.

Em meio a todas essas questões, no entanto, há crianças em plena etapa de desenvolvimento. Seus cérebros estão criando sinapses e descobrindo o mundo, seus corpos e habilidades estão em constante evolução. Os primeiros anos da infância são a hora de ouro da vida, fundamentais para cultivar valores e criar traços de personalidade que perdurarão, possivelmente, para sempre. É incrivelmente injusto limitar seres ainda tão cheios de vida a papéis tão ultrapassados quanto os papéis de gênero.

Quando se fala nesses papéis, no entanto, a moda nem sempre é o assunto que vem à mente. Isso porque ela educa as crianças sobre gênero de formas muitas vezes sutis, que passam despercebidas - mas ainda assim, educa. A moda, como imagem, é expressão de identidade. As cores, modelos, tecidos, detalhes e motivos que carrega deixam transparecer mensagens que, repetidas ao longo do tempo, tornam-se referências para as crianças.

Assim que nascem, elas já são, geralmente, segregadas por cor: “rosa para as meninas”, “azul para os meninos”. Meninas ainda costumam ganhar mais ornamentos: laços, babados e brincos nas orelhas, pois já nascem para agradar aos olhos - um costume replicado diariamente entre milhares de famílias brasileiras, que nem sempre param

para se questionar sobre o que estão fazendo, ou sobre o porquê das coisas serem como são.

Quando crescem, as diferenças continuam a existir. As roupas femininas ainda são mais justas, mais delicadas, mais cheias de detalhes, com motivos meigos. As roupas masculinas são mais práticas, feitas para aguentar joelhos e cotovelos ralados e ganham motivos mais agressivos. Por mais que seja possível encontrar peças que fujam ao padrão, o padrão continua existindo - e educando.

Conforme ressaltou a designer Pauline Agustoni (2018), a criança aprende a amar aquilo que está presente em sua vida. Ela é ensinada pelos exemplos dos adultos em quem confia, dos conteúdos que consome e do universo que a cerca. O problema não é a roupa azul ou cor-de-rosa em si, mas o padrão: é quando as roupas que usa, o que os colegas de escola vestem, as personagens na televisão e os brinquedos da loja todos falam a mesma língua. Não há diversidade ou espaço para ser e pensar o mundo de forma diferente.

Mais preocupante que o próprio padrão, entretanto, é o fato de que o peso dele é maior para um dos lados: enquanto a sociedade aceita que as meninas abracem características consideradas masculinas - como a predileção por super-heróis, bonecos de ação e a rejeição do universo cor-de-rosa - o contrário ainda encontra demasiada resistência. Ainda é difícil, para adultos e crianças, aceitar que os meninos abracem características consideradas femininas, como a sensibilidade, a delicadeza e a preferência por bonecas e princesas.

A masculinidade é constantemente posta à prova de uma forma que a feminilidade não é. Rejeitar valores “masculinos” ainda consiste numa grave transgressão social que, infelizmente, ressoa em números altos de violência da mulher e na piora da saúde mental dos homens. Não há ganhadores aqui: todos saem perdendo.

Como foi possível observar na apresentação dos resultados deste estudo, as diferenças de criação não só existem como são amplamente reconhecidas pelos adultos. 94% deles enxergam estereótipos de gênero quando frequentam uma loja infantil. 86% acreditam que a sociedade crie meninos e meninas de formas diferentes. Os próprios estereótipos ficam escancarados quando a pesquisa, destinada a pais, mães e tutores e distribuída em grupos nas redes sociais, é composta pelas respostas de mais de 93% de mães.

São elas, ainda, na sociedade brasileira e em muitas outras, majoritariamente responsáveis pelo cuidado com as crianças. São elas que sabem se as vacinas estão em dia, o nome e telefone do pediatra, quem são as professoras da escola e o que seus filhos estão aprendendo este ano. São elas que estão geralmente presentes em grupos de apoio e rodas de conversa sobre crianças, a ponto de acessarem questionários como o deste estudo. Enquanto isso, seus filhos estão a observá-las; a perceber a dinâmica familiar e tirar suas próprias conclusões sobre seus papéis nesse mundo.

Por mais que existam mulheres confortáveis em seus papéis de gênero, que acreditam nas razões naturais e biológicas para suas diferenças, foi possível aferir por meio dos resultados da investigação que há ainda uma boa parte de mulheres que estão simplesmente cansadas. Elas querem mudar a forma como seus filhos se enxergam e enxergam o mundo, mas remar contra a corrente é uma tarefa extremamente árdua para pessoas já tão exauridas, que vivem a tentar equilibrar seus vários papéis e possuem diversas outras batalhas para lutar.

É aí que entra o papel do mercado, e das novas marcas que estão a surgir e a se posicionar de forma diferente quanto a essas questões. Quando mais os estereótipos de gênero forem apagados do mundo infantil, mais normalizada será a escolha de cada criança por aquilo que forma sua verdadeira identidade. Apesar de muitas marcas nascerem nas mãos de pais que não encontram boas opções no mercado, esse é um esforço que não depende só deles: é um esforço de todos.

A luta pela igualdade não é uma luta que se ganha solitariamente. Também não é uma luta apenas para diminuir a diferença entre os sexos; mas também as diferenças raciais e sociais que ainda existem tão claramente na sociedade. Para isso, é preciso mudar a cabeça das pessoas, a educação nas escolas, as políticas públicas, as leis de mercado, as mídias e diversas outras esferas que compõem uma vida social globalizada. É preciso uma reestruturação em todas as bases; uma tarefa longa, difícil e exaustiva - mas não impossível.

Assim, quem sabe, as crianças de hoje cresçam para fazer parte de um futuro com pessoas de mentes mais abertas, corações mais bondosos, que cultivam um maior respeito pelas diferenças, pelas escolhas dos outros e por todas as formas de vida. Que não se limitam a papéis pré-estabelecidos, mas que, em vez disso, questionam esses papéis para promover mudanças positivas em suas comunidades.

O pastor americano Andy Stanley (2013) certa vez escreveu, em uma rede social, que “a maior contribuição de uma pessoa para o mundo não é algo que ela faz, mas alguém que ela cria” - como se fosse sequer possível dissociar as duas ações. Uma criança só se tornará quem ela é ao observar e experimentar o mundo conforme os adultos à sua volta o fazem. Assim sendo, o que os adultos à sua volta fazem é que pode ser, na verdade, a maior e mais bela contribuição deles para esse mundo.

Limitações do estudo

Como forma de atingir o objetivo principal deste estudo, a ideia, inicialmente, era realizar uma pesquisa de campo com crianças entre 3 e 5 anos de idade, em uma escola local, de forma a avaliar como essas crianças percebem o mundo ao seu redor. Ao se depararem com figuras do cotidiano - imagens de brinquedos, objetos, profissões e peças de roupa - as crianças deveriam responder se as imagens retratavam “coisas de menino”, “coisas de menina” ou “coisas de menino e menina”. A ideia era correlacionar a predisposição das crianças a estereótipos na moda a outras esferas da vida humana, como o lazer e a vida profissional.

No primeiro trimestre de 2020, no entanto, o mundo se viu diante de uma situação emergencial e sem precedentes. A pandemia do COVID-19 chegou a Portugal e ao Brasil - além de centenas de outros países do mundo - levando os governos a decretarem estado de emergência e a implementarem medidas de contenção do vírus, como o fechamento de escolas, comércio e espaços públicos, o cancelamento de eventos e regras de isolamento social válidas a toda a população.

Da noite para o dia, não era mais possível frequentar bibliotecas, acessar escolas e universidades ou mesmo sair de casa para realizar pesquisas de campo. Com o objetivo de achatar a curva de contágio do novo coronavírus e preservar - na medida do possível - hospitais e profissionais de saúde de uma possível saturação total, as medidas de contingência foram estendidas durante todo o primeiro semestre de 2020.

Nesse novo cenário, foi preciso pensar num plano B. Isso porque uma pesquisa acadêmica não se sustenta em cima apenas de seus objetivos iniciais. É preciso, mais do que tudo, adequá-la à realidade, de forma a trabalhar com as circunstâncias que são possíveis a cada situação:

O trabalho de campo é permeado pelo conflito entre o que é teoricamente desejável, de um lado, e o que é praticamente possível, de outro. É desejável garantir representatividade na amostra, uniformidade dos procedimentos de entrevista, coleta de dados adequada em toda a gama de tópicos a serem explorados, e assim por diante. Mas os membros das organizações bloqueiam o acesso à informação, restringem o tempo permitido para entrevistas, perdem os questionários, saem de férias e mudam de empresa no meio do seu estudo

inacabado. No conflito entre o desejável e o possível, o possível sempre vence. (Buchanan *et al.*, 1988, *apud* Saunders *et al.*, 2009, p. 171)

Assim sendo, esta dissertação mudou de rumos para melhor se adequar àquilo que era possível nas atuais circunstâncias. A pesquisa de campo mudou de escopo, dando lugar a uma pesquisa *online* direcionada a adultos: pais, mães e tutores responsáveis. O objetivo passou a ser entender de que maneira os adultos enxergam a socialização de gênero que promovem a seus filhos e o quão conscientes estão de seu papel nesse processo.

A escolha pela mudança de público se deu, principalmente, pela mudança no canal de comunicação. Não só não seria tão fácil encontrar crianças fora do ambiente escolar, como também, para que fosse possível conversar com elas pela internet, seria preciso intermédio dos pais - o que poderia vir a influenciar os resultados finais. Para evitar uma recolha de dados comprometidos, portanto, optou-se por falar diretamente com eles.

A pandemia, no entanto, trouxe ainda mais um entrave para o estudo. Com as escolas e grande parte das empresas fechadas, pais e mães estavam, em sua maioria, trabalhando de casa - enquanto davam conta de cuidar dos filhos, agora, em tempo integral. Assim, os adultos precisavam dividir seu tempo entre a vida profissional e a nova situação da família, que incluía entreter as crianças, assistir às aulas virtuais e entregar tarefas escolares.

Considerando esse novo cenário, optou-se pela criação de um questionário breve, que não roubasse muito tempo aos pais e possibilitasse maiores chances de respostas. Foram idealizadas 46 perguntas, das quais apenas uma - a última - é aberta. Dessas 46 perguntas, 10 são direcionadas apenas a pais e mães de meninos e 13 a pais e mães de meninas; assim, muitos pais teriam apenas pouco mais de 30 perguntas objetivas a responder.

A objetividade do questionário, no entanto, limita o aprofundamento das questões propostas. Ao responder que já sentiram desconfortáveis ao vestir seus filhos com determinadas peças de roupa, por exemplo, os pais não poderiam narrar o episódio ou esclarecer o que aconteceu em cada situação. Apesar disso, talvez pela natureza do tema, muitos respondentes se interessaram em compartilhar suas histórias na resposta

aberta - o que tornou possível uma coleta de dados mais subjetivos para análise dos resultados.

Uma outra limitação ao estudo foi temporal: com a espera de resoluções oficiais do governo sobre o fechamento e a reabertura das escolas e a enfim desistência desse primeiro formato de pesquisa, foi iniciada uma busca por um método alternativo de investigação.

A princípio pensou-se em realizar uma pesquisa exploratória, mas após uma semana de buscas pela internet - uma vez que as bibliotecas e universidades continuavam fechadas - percebeu-se que o trabalho seria prejudicado pela falta de dados necessários à sua conclusão. Assim, optou-se por um questionário voltado aos pais e tutores responsáveis - porém pouco mais de um mês já havia se passado, portanto a pesquisa ficou à disposição dos respondentes por apenas uma semana, o que diminuiu também sua representatividade.

A redução temporal, no entanto, acabou por não prejudicar de todo o estudo, uma vez que, para um questionário com 46 perguntas, 176 respostas foram um número até satisfatório. Com um método dedutivo de pesquisa, o objetivo principal da investigação era apenas testar algumas das teorias apresentadas no enquadramento teórico, o que se mostrou bastante possível.

Apesar da presente investigação não ter conseguido ir direto à fonte - nesse caso, as crianças - para falar sobre gênero, o tema foi analisado com outros olhos, talvez de forma mais ampla, inclusive. As limitações de estudo, afinal, apesar de servirem como restrições à pesquisa, também funcionam como elemento delimitador: é somente quando se enxergam as divisas que é possível distinguir o que se tem pela frente.

Recomendações para futuras investigações

Embora o presente estudo tenha trazido informações importantes a respeito das concepções de gênero pelas crianças e do papel dos adultos nessa formação, há diversas questões que tornam a visão de seus resultados limitada e que poderiam ser levadas em consideração em investigações mais completas no futuro.

A primeira delas é com relação ao escopo da pesquisa. 176 adultos participaram do estudo, um número pequeno, principalmente ao se levar em consideração o tamanho de um país como o Brasil. A pesquisa também ficou limitada a brasileiros e falantes da língua portuguesa, uma vez que não houve tradução para o inglês e foi disponibilizada, principalmente, em grupos de pais do país. Assim, para futuros estudos, seria interessante pensar numa amostra global, para que fosse possível comparar as diferenças entre variadas culturas.

A questão temporal também foi relevante, pois a pesquisa rodou durante apenas uma semana, e mais tempo poderia - e deveria - ser disponibilizado aos participantes como forma de diminuir o viés das amostras.

Quanto ao viés, é importante lembrar que os respondentes eram adultos - pais e tutores responsáveis pelas crianças - e não as crianças em si. Dessa forma, para avaliar melhor de que forma a moda influencia as concepções de gênero das crianças, uma pesquisa com as próprias crianças seria indispensável em investigações futuras.

Muitos dos participantes também podem ter se interessado em responder ao questionário justamente por já terem um interesse prévio em discutir questões de gênero - o que, apesar de enriquecer a pesquisa, também a torna enviesada quanto ao número real de pais e tutores que percebem estereótipos de gênero. Pesquisas presenciais com amostras aleatórias poderiam vir a minimizar esse problema.

Por fim, ainda que diversas modificações pudessem ter sido feitas para tornar o estudo mais completo, espera-se que simples fato deste trabalho existir tenha suscitado desejos de futuras pesquisas acerca do tema das questões de gênero na infância. É por meio de boas doses de estudo e curiosidade que será possível, futuramente, construir um mundo um pouco menos estereotipado e um pouco mais livre para todas as crianças.

Referências

- Agustoni, P. (2018, 12 de janeiro). *Gender stereotypes in children's clothing*. Raffia Magazine.
<https://raffia-magazine.com/2018/01/12/gender-stereotypes-in-childrens-clothing/>
- Berne, E. (1972). *What do you say after you say hello?* Grove Press.
- Best, D. L. & Luvender, K. L. (2015). Gender Development: Cultural Differences. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 9(2), 742 - 749.
- Bezerra, M. F. (2014). *Design e gênero: diretrizes metodológicas para validação do uso da linguagem visual na roupa infantil*. [Dissertação de mestrado não publicada] Universidade Estadual Paulista.
- Bissoli, M. F. (2014). Development of children's personality: the role of early childhood education. *Psicologia em Estudo*, 19(4), 587-597.
- Blakemore, J. E. & Centers, R. E. (2005). Characteristics of Boys' and Girls' Toys. *Sex Roles*, 53(9/1), 619–633.
- Blatny, M.; Jelinek, M. & Osecka, T. (2007). Assertive toddler, self-efficacious adult: Child temperament predicts personality over forty years. *Personality and Individual Differences*, 43(8), 2127-2136.
- Bryman, A. (2012). *Social research methods*. (4ª ed.). Oxford University Press.
- Burke, M. A.; Embrick, D. G. (2020). *Biological determinism*. Encyclopedia. Acessado em 30 de abril de 2020 em
<https://www.encyclopedia.com/science-and-technology/biology-and-genetics/biology-general/biological-determinism>
- Butler, J. (1999). *Gender trouble*. Routledge.
- Clemence, S. (2018, 28 de agosto). *The gender divide in preschoolers' closets*. New York Times.

<https://www.nytimes.com/2018/08/28/well/family/the-gender-divide-in-preschoolers-closets.html>

Dux, M. (2017, 24 de fevereiro). *Clothes maketh the gender stereotypes*. Sidney Morning Herald.

<https://www.smh.com.au/entertainment/clothes-maketh-the-gender-stereotypes-20170223-gujgpu.html>

Elflein, J. (2019, 6 de dezembro). *Leading countries by number of plastic surgery*. Statista.

<https://www.statista.com/statistics/293331/leading-countries-by-number-of-plastic-surgeons/>

Giachini, A. C. & Leão, A. M. (2016). Relação de gênero na educação infantil: apontamentos da literatura científica. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 11(3), 1049-1422.

Gopnik, A. (2009). *The philosophical baby: What children's minds tell us about truth, love, and the meaning of life*. Farrar, Straus and Giroux.

_____. (2010). How Babies Think. *Scientific American*, 303(1), 76-81.

Greenan, S. (2017, 2 de maio). *MCQ: Benefits, debates, and best practices*. Gutenberg Technology. <https://blog.gutenberg-technology.com/en/multiple-choice-questions>

Haneke, M. (Diretor). (2009). *Das weiße Band*. [A fita branca] [Filme]. X-Filme Creative Pool; Wega Film; Les Films du Losange; Lucky Red.

Henshaw, A.; Kelly, J. & Gratton, C. (2006). Skipping's for girls: children's perceptions of gender roles and gender preferences. *Educational Research Journal*, 34(3), 229-235. <https://doi.org/10.1080/0013188920340307>

Jarrett, C. (2016, 9 de setembro). *Clues to your personality appeared before you could talk*. British Broadcasting Corporation. <https://www.bbc.com/future/article/20160907-clues-to-your-personality-appeared-before-you-could-talk>

- Le Billon, K. (2013). *Crianças francesas comem de tudo*. Alaúde.
- Lisboa, W. T.; Silva, T. J. & Rezende, A. S. (2015). Magia é de menina, aventura é de menino: Os binarismos de gênero na infância pela perspectiva da indústria cultural. *Voices e Diálogo*, 14(2), 86-98.
- Macionis, J. J. (2013). *Sociology*. (15^a ed.). Pearson.
- Mead, M. (2000). *Sexo e temperamento*. (4^a ed.). Perspectiva.
- Moya, Isabela. (2019, 8 de julho). *O que é machismo*. Politize!.
<https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/>
- National Retail Federation. (2019, 1º de outubro). *Consumer View Fall 2019: Keeping up with Gen Z*. <https://nrf.com/research/consumer-view-fall-2019>
- Nunes, L. B. (2008). “Meninas são doces e calmas”: um estudo sobre a produção de gênero através da cultura visual. [Dissertação de mestrado não publicada] PUC Rio Grande do Sul.
- ONU Mulheres Brasil. (2016). *Diretrizes nacionais - Femicídio: investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres*.
http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_femicidio.pdf
- Organização das Nações Unidas. (2016, 9 de abril). *Taxa de feminicídios no Brasil é quinta maior do mundo*.
<https://nacoesunidas.org/onu-femicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>
- Organização Mundial da Saúde. (2010). *Genetics and gender*.
<https://www.who.int/genomics/gender/en/>
- Oxford Learner’s Dictionaries. (n.d.). Culture. Em *OxfordLearnersDictionary.com*.
Acessado em 14 de fevereiro de 2020 em
https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/culture_1

- Oxford English Dictionary. (2007). Gender. Em *OED.com*. Acessado em 14 de fevereiro de 2020 em <https://www.oed.com/viewdictionaryentry/Entry/77468>
- Paoletti, J. B. (2012). *Pink and blue: Telling the girls from the boys in America*. Indiana University Press.
- Picariello, . L.; Greenberg, D. N. & Pillemer, D. B. (1990). Children's sex-related stereotyping of colors. *Child Development*, 61, 1453–1460.
- Pokorny, J. (1989). *Dicionário Etimológico Indo-Europeu*. Francke.
- Pomerleau, A.; Bolduc, D.; Malcuit, G. & Cossette, L. (1990). Pink or blue: Environmental gender stereotypes in the first two years of life. *Sex Roles*, 22, 359-367
- Powell-Hamilton, N. N. (2018). *Overview of sex chromosome abnormalities*. Merck Manuals.
<https://www.merckmanuals.com/home/children-s-health-issues/chromosome-and-gene-abnormalities/overview-of-sex-chromosome-abnormalities>
- Santana, S. A. & Smili, I. G. (2012, maio). Pedagogias do vestir e moda infantil: contribuições da Zig Zig Zaa para a alfabetização e para a formação das identidades de gênero. *Revista de Moda, Cultura e Arte*, 5(1), 110-137.
- Saunders, M.; Lewis, P. & Thornhill, A. (2009). *Research methods for business students*. (5^a ed.). Pearson.
- Scott, J. W. (1986). Gender: A useful category of historical analysis. *The American Historical Review*, 91(5), 1053-1075.
- _____. (1999). *Gender and the politics of history*. Columbia Press University.
- Slobodskaya, H. R. & Kozlova, E. A. (2016). Early temperament as a predictor of later personality. *Personality and Individual Differences*, (99), 127-132.
- Solomon, J. (2016). Gender identity and expression in the early childhood classroom: Influences on development within sociocultural contexts. *Young Children Journal*, 71(3), 61-72.

- Stanley, A. [@AndyStanley]. (2013, 17 de abril). *Your greatest contribution to the kingdom of God may not be something you do but someone you raise.*[Tweet]. Twitter. <https://twitter.com/AndyStanley/status/324713440541290498>
- Sweet, E. (2015). *TEDxUCDavis: Beyond the blue and pink toy divide.* [Video]. <https://www.elizabethvsweet.com/tedx-talk>
- The Children's Society. (2018). *The good childhood report.* <https://www.childrenssociety.org.uk/what-we-do/resources-and-publications/the-good-childhood-report-2018>
- UNICEF. (2007, 29 de agosto). *Early gender socialization.* https://www.unicef.org/earlychildhood/index_40749.html
- Valadares, G. N. (2019, 29 de agosto). *O silêncio dos homens.* Papo de Homem. <https://papodehomem.com.br/o-silencio-dos-homens-documentario-completo/>
- Whitebread, D. & Bingham, S. (2013). Habit formation and learning in young children. *Money Advice Service*, 1-33.
- Witt, S. D. (1997). Parental Influences on Children's Socialization to Gender Roles. *Adolescence*, 32(126), 253–259.
- Xavier, M. (Produtora Executiva). (2020, 20 de maio). Qual é o amor mais importante? - ft. Mirelle Matias (n. 5) [Podcast em áudio]. Em *Alcatéia psicanalítica.* <https://podtail.com/pt-BR/podcast/alcateia-psicanalitica/>

Anexos

Formulário do Google Forms utilizado na parte de estudo empírico da investigação:

Concepções de gênero - Seção 1

Este formulário integra parte de uma pesquisa acadêmica sobre a forma como as crianças entendem os papéis de gênero ainda na infância. Ela é destinada apenas a pais, mães e responsáveis.

***Obrigatório**

Você é: *

Pai

Mãe

Tutor responsável

Qual a sua idade? *

Até 20 anos

21 a 25 anos

26 a 30 anos

31 a 35 anos

36 a 40 anos

+40 anos

Qual a idade do(s) seu(s) filho(s)? *

É possível selecionar mais de uma opção, caso seus filhos tenham idades diferentes

0 a 12 meses
12 a 24 meses
2 a 3 anos
3 a 4 anos
4 a 5 anos
5 a 6 anos
6 a 7 anos
+7 anos

Qual o sexo da criança? *

É possível selecionar mais de uma opção, caso as crianças tenham sexos diferentes

Feminino

Masculino

Prefiro não informar

Qual a sua nacionalidade? *

Brasileira

Outro:

Qual o país onde vivem? *

Brasil

Outro:

O que você entende por gênero? *

Acredito que dependa do sexo da criança (gênero é ser menino ou menina)

Acredito que seja uma construção social (gênero é o que é considerado feminino ou masculino em cada cultura)

Acredito que gênero não exista (cada criança nasce um ser único, e não há apenas dois gêneros)

Outro:

Você acredita que exerce influência na educação de gênero dos seus filhos? *

Sim, fortemente

Sim, mas pouca influência

Não sei

Não

Você já conversou com seus filhos sobre papéis de gênero? *

Sim, frequentemente

Sim, mas poucas vezes

Não me lembro

Não

Com que frequência você oferece a seus filhos brinquedos que fogem aos estereótipos do gênero deles? *

(Por exemplo: bonecas e brinquedos domésticos para meninos; carrinhos, bonecos de ação e bolas de futebol para meninas)

Quase sempre que ofereço novos brinquedos

Algumas vezes

Quase nunca

Não ofereço, mas deixo que ofereçam a eles

Não ofereço e não permito que ofereçam a eles

Com que frequência você oferece a seus filhos opções de peças de roupas que fogem aos estereótipos do gênero deles? *

(Por exemplo: roupas mais reforçadas e sem estampas alegres para meninas, roupas em tons pastéis para meninos)

Frequentemente

Algumas vezes

Quase nunca

Não ofereço, mas deixo que ofereçam a eles

Não ofereço e não permito que ofereçam a eles

Você percebe estereótipos de gênero nas seções masculinas e femininas das lojas de roupas infantis? *

Sim, bastante

Sim, mas pouco

Não saberia dizer

Não percebo

Em caso positivo, em que parte do vestuário você os percebe?

(É possível selecionar mais de uma opção)

Nas cores das roupas

Nas modelagens e no caimento

Nos tecidos

Nos motivos das estampas

Nos detalhes (golas, punhos, apliques, bordados etc.)

Nas mensagens escritas nas roupas

Ainda em caso positivo, essa diferença lhe incomoda?

Sim, bastante

Sim, mas pouco

Não

Você acredita que seu filho(a) aprende sobre gênero com as roupas que usa? *

Sim, bastante

Sim, mas pouco

Não saberia dizer

Não

Alguma vez já quis comprar uma peça de roupa para seu filho(a) que fosse destinada ao sexo oposto? *

Sim, frequentemente

Sim, algumas vezes

Quase nunca

Não

Você se sente pressionado para vestir seu filho(a) de certa forma, para que ele(a) se encaixe no mesmo lugar de outros colegas? *

Sim, frequentemente

Sim, algumas vezes

Sim, mas é raro

Não

Alguma vez já se sentiu julgado ou desconfortável pela forma com que quis vestir seu filho(a)? *

Sim, frequentemente

Sim, algumas vezes

Sim, mas é raro

Não

Já se percebeu, na criação dos seus filhos, perpetuando um estereótipo de gênero? *

Sim, frequentemente

Sim, algumas vezes

Sim, mas é raro

Não

Em caso positivo, você percebeu a situação como algo negativo?

Sim, e procurei me corrigir

Sim, mas não procurei me corrigir

Não

Concepções de gênero - Seção 2

Pais e mães de meninos

(Caso você seja pai ou mãe de menina, vá direto à seção 3)

Seu filho tem as orelhas furadas ou algum outro brinco no corpo?

Sim

Não

Já frequentou, como cliente, um salão de beleza?

Com exceção das idas para corte de cabelo

Sim

Não

Já teve que interromper alguma brincadeira para você arrumar seu cabelo/alguma peça de roupa ou porque sua roupa de baixo estava aparecendo?

Sim

Não

Já deixou de participar de algum tipo de brincadeira por não estar com a roupa adequada?

Sim

Não

Já rasgou ou estragou alguma peça de roupa no meio de uma brincadeira?

Sim

Não

Já usou uma roupa comprada na seção infantil destinada a meninas da loja?

Sim

Não

Já quis utilizar uma peça de roupa que você negou por não considerar adequada?

Sim

Não

Já pediu para fazer algo considerado, normalmente, “coisa de menina”?

Por exemplo: brincar com bonecas, pintar as unhas ou passar maquiagem

Sim

Não

Já ouviu de você ou de algum outro adulto que algo que estava fazendo ou querendo não era “coisa de menino”?

Sim

Não

Já ouviu de você alguma das seguintes frases?

É possível selecionar mais de uma opção

Sente de pernas fechadas

Coma de boca fechada

Você tem que se arrumar

Você precisa ser educado

Você tem que ficar quietinho

Você tem que ser inteligente

Você tem que ser corajoso

Concepções de gênero - Seção 3

Pais e mães de meninas

(Caso você seja pai ou mãe de menino, vá direto à seção 4)

Sua filha tem as orelhas furadas?

Sim

Não

Já pintou alguma vez as unhas?

Sim

Não

Já brincou com ou utilizou algum tipo de maquiagem?

Sim

Não

Já frequentou, como cliente, um salão de beleza?

Com exceção das idas para corte de cabelo

Sim

Não

Já teve que interromper alguma brincadeira para você ajeitar seu laço/cabelo/alguma peça de roupa ou porque estava com a roupa de baixo aparecendo?

Sim

Não

Já deixou de participar de algum tipo de brincadeira por não estar com a roupa adequada?

Sim

Não

Já rasgou ou estragou alguma peça de roupa no meio de uma brincadeira?

Sim

Não

Já usou uma roupa comprada na seção infantil destinada a meninos da loja?

Sim

Não

Já quis utilizar uma peça de roupa que você negou por não considerar adequada?

Sim

Não

Já pediu para fazer algo considerado, normalmente, “coisa de menino”?

Por exemplo: brincar com armas de brinquedo ou jogar bola

Sim

Não

Já ouviu de você ou de algum outro adulto que algo que estava fazendo ou querendo não era “coisa de menina”?

Sim

Não

Já ouviu de você alguma das seguintes frases?

É possível selecionar mais de uma opção

Sente de pernas fechadas

Coma de boca fechada

Você tem que se arrumar

Você precisa ser educada

Você tem que ficar quietinha

Você tem que ser inteligente

Você tem que ser corajosa

Já questionou você ou algum colega sobre algo não ser “coisa de menina”/“coisa de menino”?

Sim

Não

Concepções de gênero - Seção 4

*Obrigatório

Diferenças de criação

De maneira geral, você considera que a sociedade cria meninos e meninas, até os seis anos de idade, de maneira diferente? *

Sim

Não saberia dizer

Não

Em caso positivo, essa diferença lhe incomoda?

Sim

Não saberia dizer

Não

Em caso positivo, o que você acredita que impede meninos e meninas de serem criados igualmente na nossa sociedade?

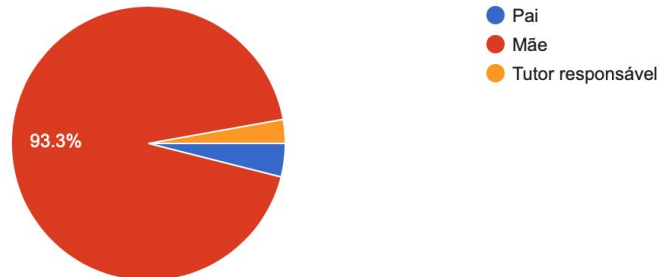
Essa pergunta é opcional

Sua resposta

Gráficos das respostas do Google Forms utilizado na parte de estudo empírico da investigação:

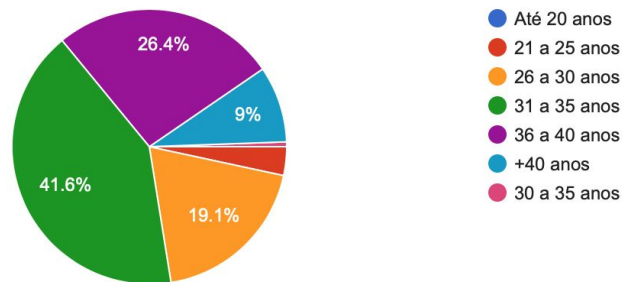
Você é:

178 responses



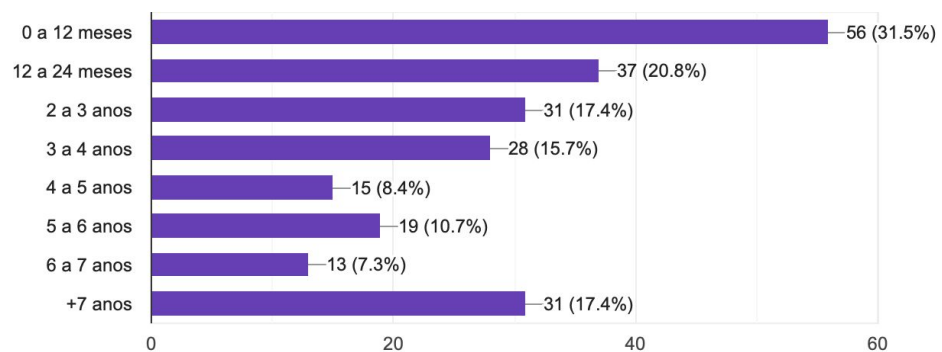
Qual a sua idade?

178 responses



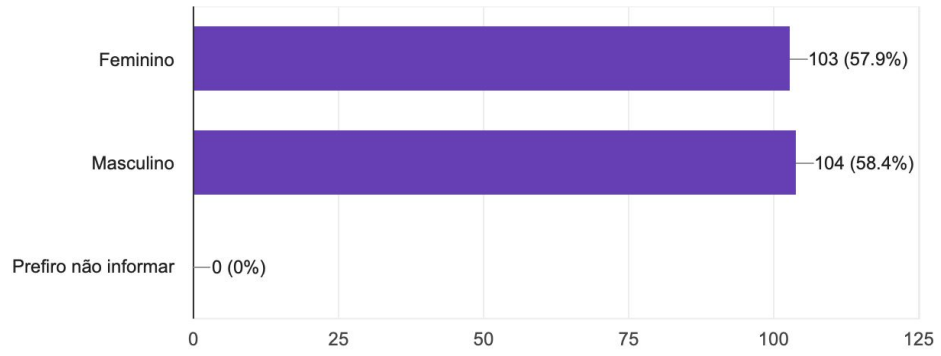
Qual a idade do(s) seu(s) filho(s)?

178 responses



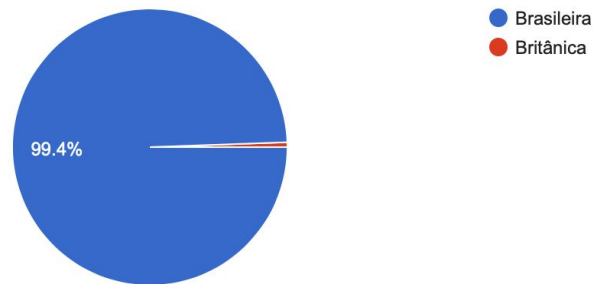
Qual o sexo da criança?

178 responses



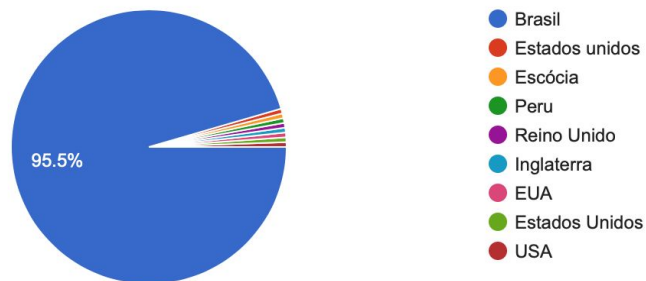
Qual a sua nacionalidade?

178 responses



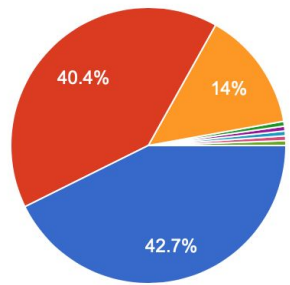
Qual o país onde vivem?

178 responses



O que você entende por gênero?

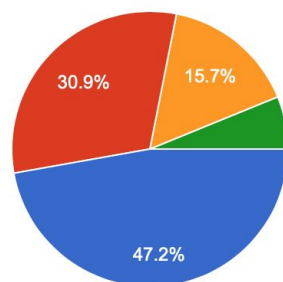
178 responses



- Acredito que dependa do sexo da criança (gênero é ser menino ou meni...
- Acredito que seja uma construção social (gênero é o que é considerado femini...
- Acredito que gênero não exista (cada...
- Gênero é algo que o ser humano utiliz...
- Cada.pessoa é unica e se identifica e...
- É algo hormonal a criança não escolh...
- É muito complexo
- Acredito que gênero é como a pessoa...

Você acredita que exerce influência na educação de gênero dos seus filhos?

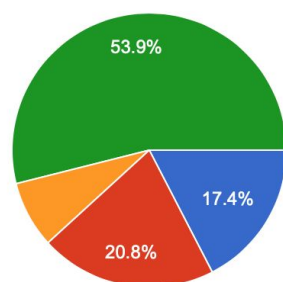
178 responses



- Sim, fortemente
- Sim, mas pouca influência
- Não sei
- Não

Você já conversou com seus filhos sobre papéis de gênero?

178 responses



- Sim, frequentemente
- Sim, mas poucas vezes
- Não me lembro
- Não

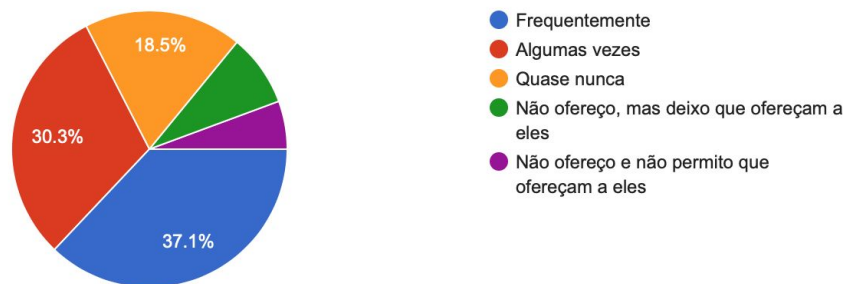
Com que frequência você oferece a seus filhos brinquedos que fogem aos estereótipos do gênero deles?

178 responses



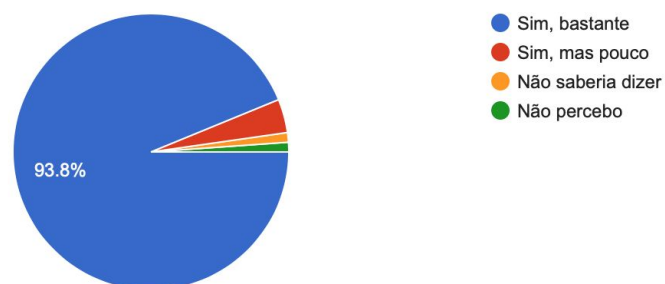
Com que frequência você oferece a seus filhos opções de peças de roupas que fogem aos estereótipos do gênero deles?

178 responses



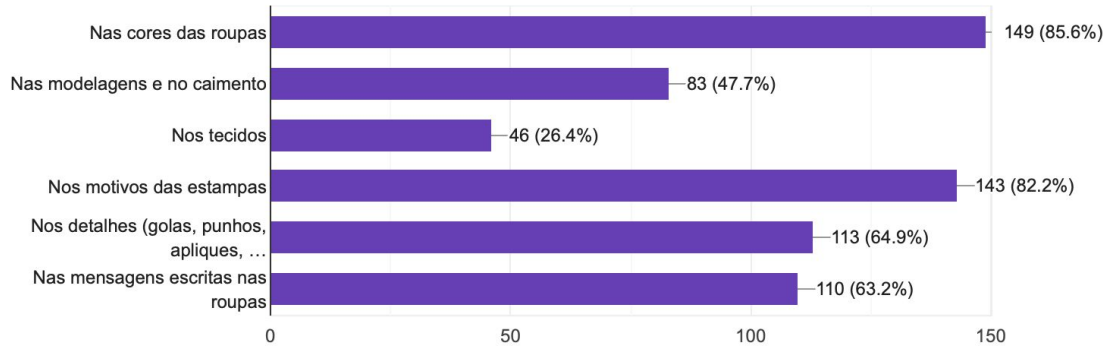
Você percebe estereótipos de gênero nas seções masculinas e femininas das lojas de roupas infantis?

178 responses



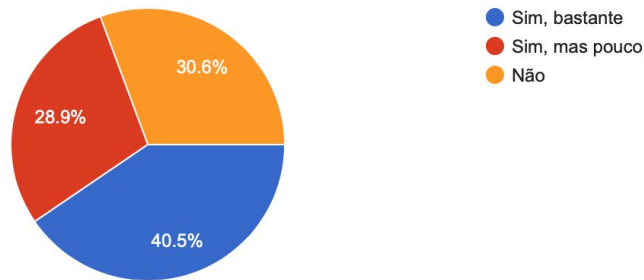
Em caso positivo, em que parte do vestuário você os percebe?

174 responses



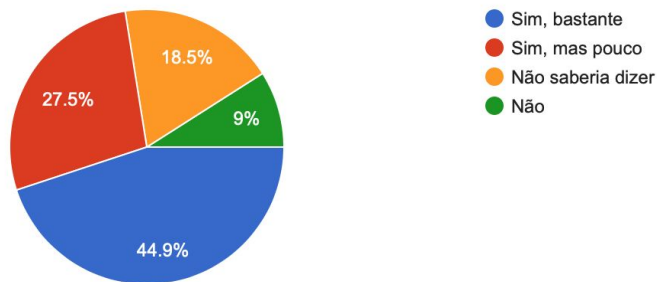
Ainda em caso positivo, essa diferença lhe incomoda?

173 responses



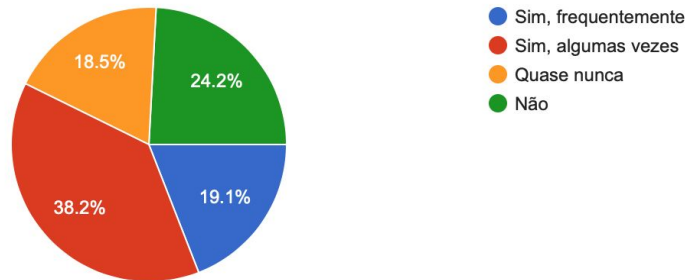
Você acredita que seu filho(a) aprende sobre gênero com as roupas que usa?

178 responses



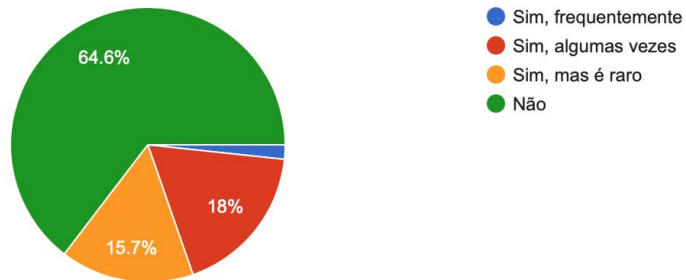
Alguma vez já quis comprar uma peça de roupa para seu filho(a) que fosse destinada ao sexo oposto?

178 responses



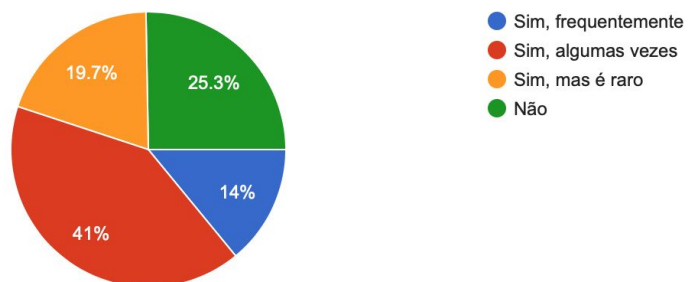
Alguma vez já se sentiu julgado ou desconfortável pela forma com que quis vestir seu filho(a)?

178 responses



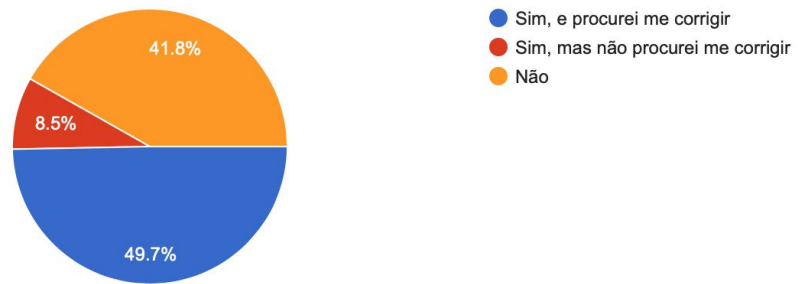
Já se percebeu, na criação dos seus filhos, perpetuando um estereótipo de gênero?

178 responses



Em caso positivo, você percebeu a situação como algo negativo?

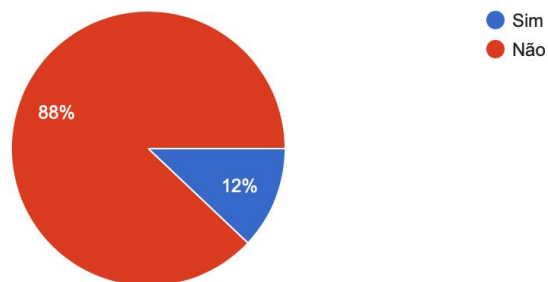
165 responses



Pais e mães de meninos

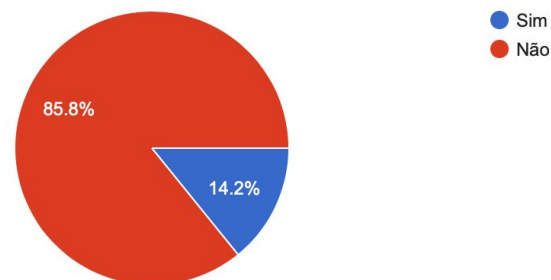
Seu filho tem as orelhas furadas ou algum outro brinco no corpo?

133 responses



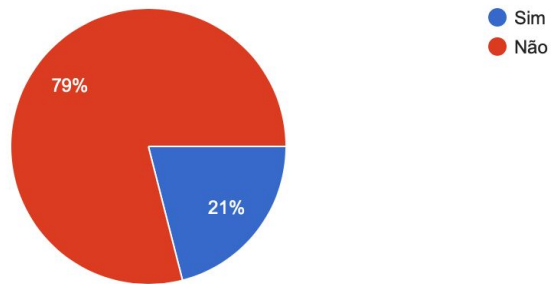
Já frequentou, como cliente, um salão de beleza?

120 responses



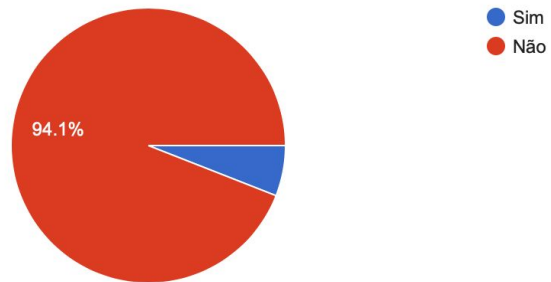
Já teve que interromper alguma brincadeira para você arrumar seu cabelo/alguma peça de roupa ou porque sua roupa de baixo estava aparecendo?

119 responses



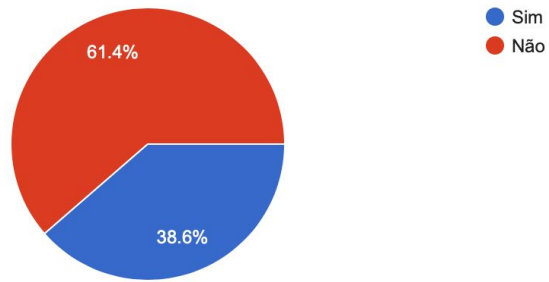
Já deixou de participar de algum tipo de brincadeira por não estar com a roupa adequada?

118 responses



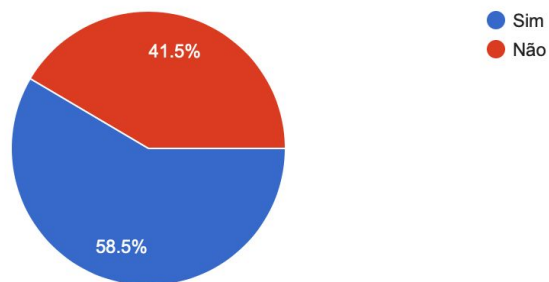
Já usou uma roupa comprada na seção infantil destinada a meninas da loja?

114 responses



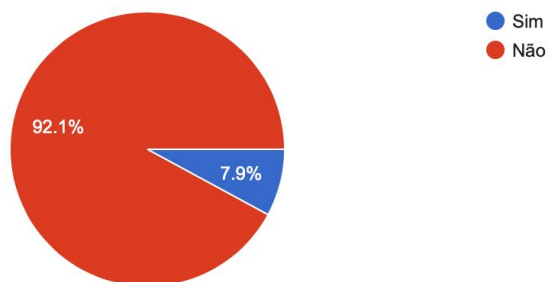
Já rasgou ou estragou alguma peça de roupa no meio de uma brincadeira?

118 responses



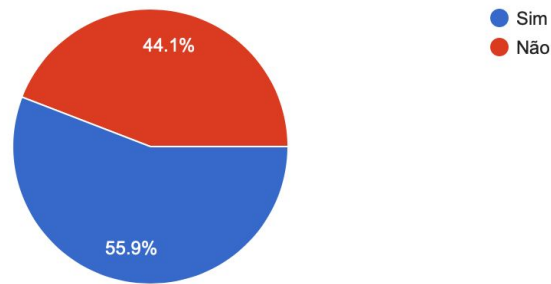
Já quis utilizar uma peça de roupa que você negou por não considerar adequada?

114 responses



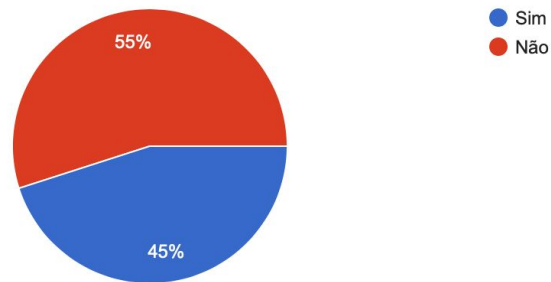
Já pediu para fazer algo considerado, normalmente, “coisa de menina”?

111 responses



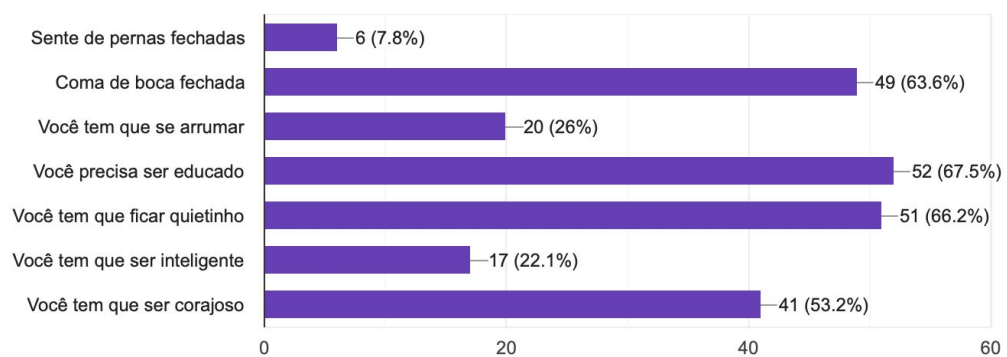
Já ouviu de você ou de algum outro adulto que algo que estava fazendo ou querendo não era “coisa de menino”?

111 responses



Já ouviu de você alguma das seguintes frases?

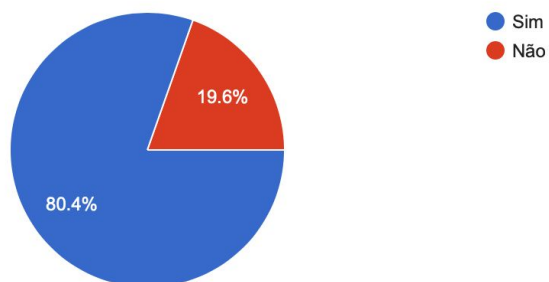
77 responses



Pais e mães de meninas

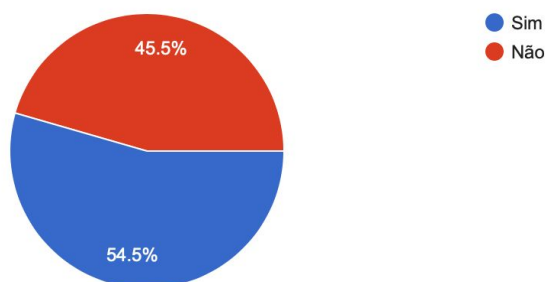
Sua filha tem as orelhas furadas?

102 responses



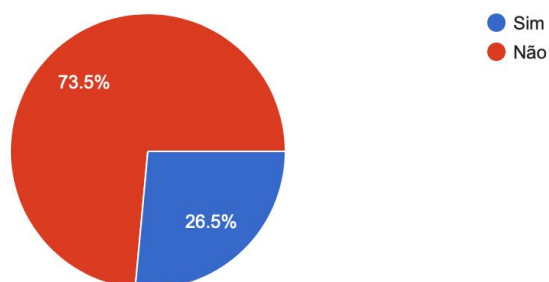
Já pintou alguma vez as unhas?

101 responses



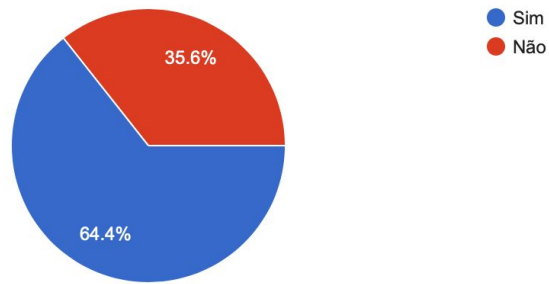
Já frequentou, como cliente, um salão de beleza?

102 responses



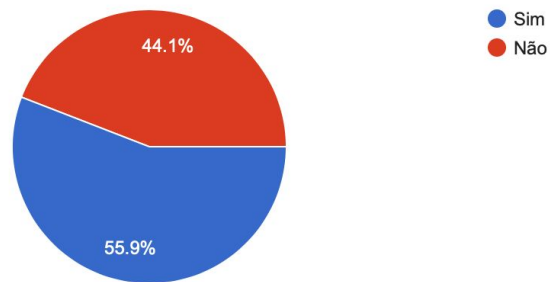
Já brincou com ou utilizou algum tipo de maquiagem?

101 responses



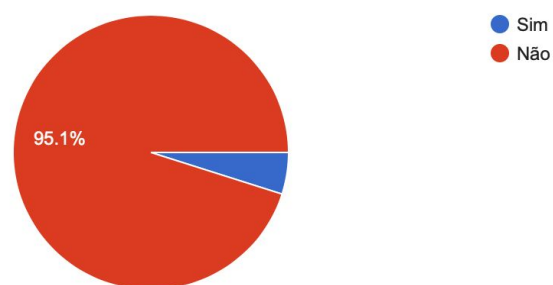
Já teve que interromper alguma brincadeira para você ajeitar seu laço/cabelo/alguma peça de roupa ou porque estava com a roupa de baixo aparecendo?

102 responses



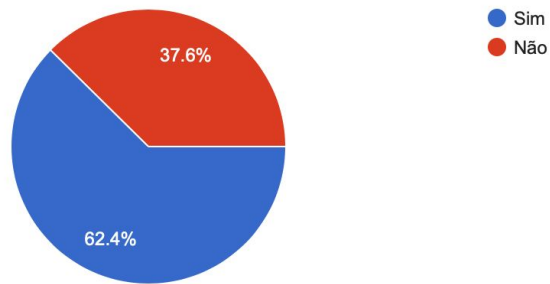
Já deixou de participar de algum tipo de brincadeira por não estar com a roupa adequada?

102 responses



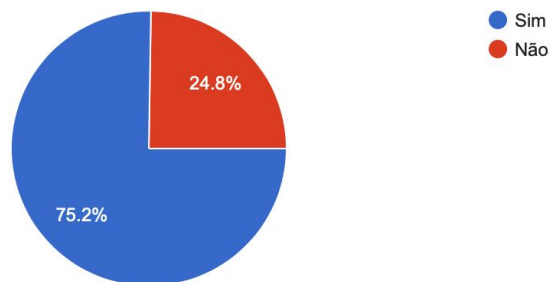
Já rasgou ou estragou alguma peça de roupa no meio de uma brincadeira?

101 responses



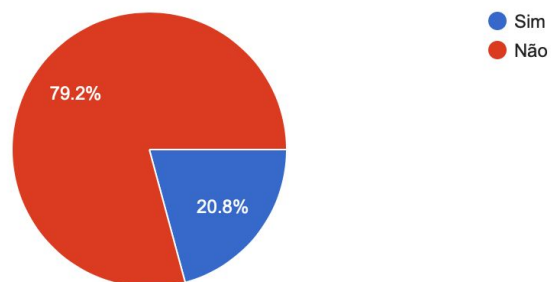
Já usou uma roupa comprada na seção infantil destinada a meninos da loja?

101 responses



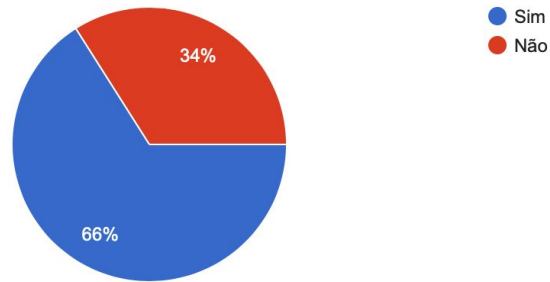
Já quis utilizar uma peça de roupa que você negou por não considerar adequada?

101 responses



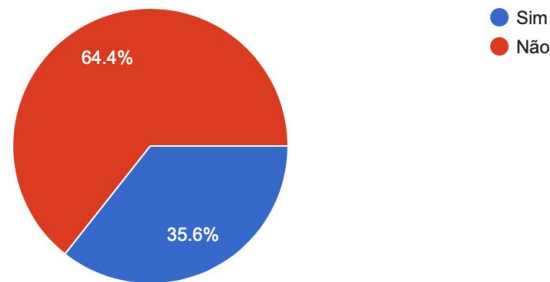
Já pediu para fazer algo considerado, normalmente, “coisa de menino”?

100 responses



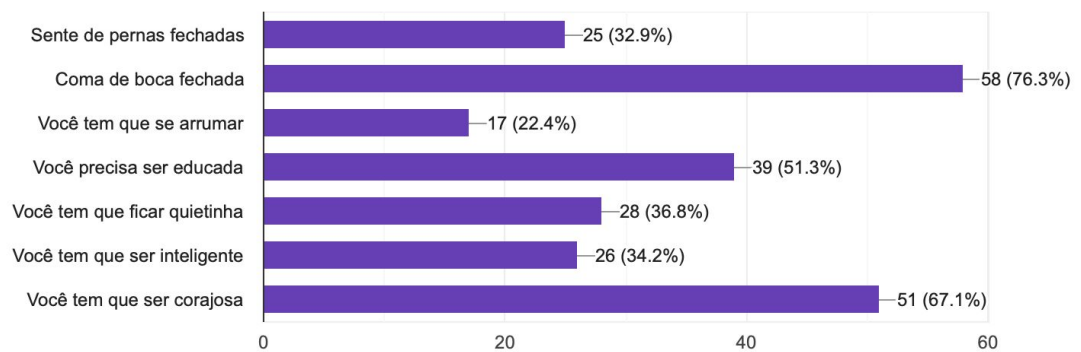
Já ouviu de você ou de algum outro adulto que algo que estava fazendo ou querendo não era “coisa de menina”?

101 responses



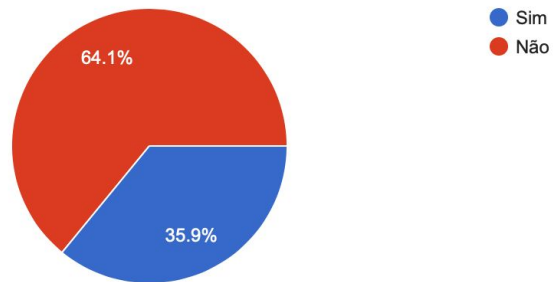
Já ouviu de você alguma das seguintes frases?

76 responses



Já questionou você ou algum colega sobre algo não ser “coisa de menina”/“coisa de menino”?

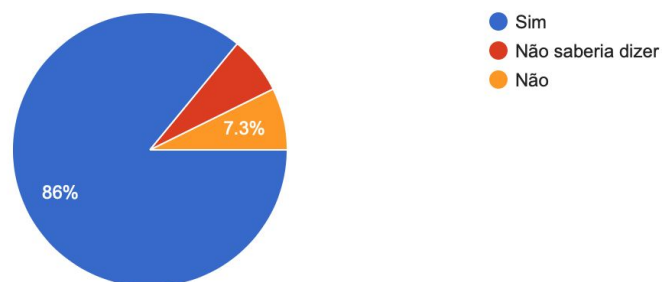
103 responses



Diferenças de criação

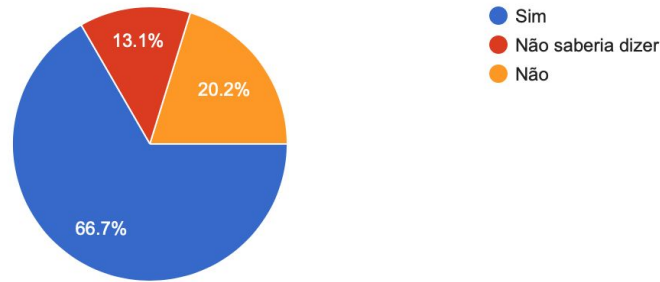
De maneira geral, você considera que a sociedade cria meninos e meninas, até os seis anos de idade, de maneira diferente?

178 responses



Em caso positivo, essa diferença lhe incomoda?

168 responses



Em caso positivo, o que você acredita que impede meninos e meninas de serem criados igualmente na nossa sociedade?

92 responses

Patriarcado

O machismo que vivemos que oprime as mulheres principalmente, mas também os homens que tem de esconder suas fragilidades desde criança para se encaixar no perfil "ideal".

A própria imposição da sociedade

A cultura que a sociedade impõem.

A estrutura patriarcal em que vivemos, o machismo enraizado nessa estrutura e em todas as pessoas da sociedade. O interesse de quem detém o capital em manter essa estrutura. As religiões que tem interesse em manter essa estrutura, controlando mulheres e seus corpos. É uma questão muito mais profunda e enraizada na sociedade e que pode ser minimizada quando reconhecemos a questão e criamos crianças feministas, mas que depende de políticas públicas amplas para de fato ser modificada.

Machismo enraizado

A educação arcaica e rasa da sociedade, a Igreja (que impõe regras), enfim, o tradicionalismo

Respostas abertas do Google Forms utilizadas na parte de estudo empírico da investigação⁸:

Patriarcado

O machismo que vivemos que oprime as mulheres principalmente, mas também os homens que tem de esconder suas fragilidades desde criança para se encaixar no perfil "ideal".

A própria imposição da sociedade

A cultura que a sociedade impõem.

A estrutura patriarcal em que vivemos, o machismo enraizado nessa estrutura e em todas as pessoas da sociedade. O interesse de quem detém o capital em manter essa estrutura. As religiões que têm interesse em manter essa estrutura, controlando mulheres e seus corpos. É uma questão muito mais profunda e enraizada na sociedade e que pode ser minimizada quando reconhecemos a questão e criamos crianças feministas, mas que depende de políticas públicas amplas para de fato ser modificada.

Machismo enraizado

A educação arcaica e rasa da sociedade, a Igreja (que impõe regras), enfim, o tradicionalismo

O pensamentos de nós mães e pais, de outras pessoas , da escola e amiguinhos

Patriarcado, machismo, o fato de que acham que meninos se tornem gays ao usar coisas de meninas (como se isso realmente acontecesse ou que, se acontecesse fosse um problema), o fato de achar que meninas previram ser princesas e não corajosas... Porque isso é coisa de menino. Eu tenho vergonha dessa sociedade!

Cultura e ignorância.

⁸ Corrigidos apenas os erros de digitação.

Concepções arraigadas dos papéis de cada gênero

A própria criação dos adultos

Proteção! Tenho pavor da minha filha ser abusada. Temos muitas pessoas que entendem algumas situações infantis (colo, beijo, carinho) como sexualidades e acham que é permissão para abuso!

Acho que acabamos perpetuando algumas coisas que nos foram ensinadas, mas eu pretendo quebrar paradigmas em alguns aspectos com meu filho, ele ainda não tem 1 ano, mas por exemplo, não impediria que ele brincasse de boneca e se quisesse uma eu daria sem problemas. Mas a questão de se vestir, eu confesso que me incomodaria se alguém sugerisse colocar um vestido por exemplo, não sei dizer o motivo, mas agora pequeno eu não ficaria confortável, se for uma vontade dele futuramente eu aceitaria, mas enquanto ele não expressa vontade sigo vestindo-o com roupas destinadas à meninos.

O que se imagina para meninos ou meninas

Apego a estereótipos de gênero. Preconceito.

O preconceito.

A mente desatualizada das pessoas por puro preconceito

Homens e mulheres são diferentes, é fisiológico. Acredito na educação pelo exemplo. Minhas filhas são livres, empoderadas, mas entendem que gerar, maternar é feminino. Meu filho também, entende a diferença principalmente porque tem às meninas para se comparar, e se vê muito diferente delas fisicamente. Ele tem a presença do pai, e o masculino presente. Ele compreende e percebe isso.

Sobre roupas, as mais neutras, vou passando de um para o outro qdo não serve mais.. espero ter ajudado. Bjs

Construção social e patriarcado

Há muito machismo e preconceito nas famílias e vejo que principalmente os pais temem criar com liberdade nesse sentido e os filhos meninos virem a ser homossexuais por causa disso... Vejo isso claramente na família do meu marido. E também já vi nas escolas. Corrigirem certas falas e atitudes com o clássico "isso é coisa de menina". Sou uma mãe preocupada com radicalismos, e na minha opinião, até a idade do meu filho (hoje com 6 anos) acredito que essas questões não são objetivamente percebidas ou absorvidas por eles com clareza, é tudo muito subjetivo ainda. Mas abrir uma discussão tão complexa dessas com uma criança tão pequena é forçar um pouco a barra. Portanto, prefiro ser sutil quando vou falar sobre o assunto em função de algum acontecimento, mostrando como a sociedade vê as coisas mas também dizendo que há pessoas que pensam diferente e que tem várias formas de pensar. Prefiro só interferir e falar mais detalhadamente sobre algo quando vejo que deu algum nó na cabecinha dele. Ou seja, isso não me incomoda tanto no momento pela idade dele e a compreensão que ele é capaz de ter de certos temas complexos. Mas já antevendo que terei muito trabalho e conversa pela frente ao longo do amadurecimento dele para evitar perpetuar alguns preconceitos e estigmas. E ao mesmo tempo, ao fazê-lo, não impor como verdades pensamentos contemporâneos que ainda são muito discutidos e criticados, ou seja, sinto que meu papel como mãe será mostrar abertamente o que existe e deixar que faça suas reflexões e, que é o que faltou em gerações anteriores, a liberdade de formar opiniões próprias sem seguir obrigatoriamente conceitos estabelecidos. Na moda, em geral, as roupas são muito estereotipadas, mas vejo isso mais até nas roupas de meninas, sempre com babados, brilhos e temas de princesas, etc. Eu certamente teria mais dificuldade nesse assunto se tivesse tido filha menina. Para o menino opto por coisas mais neutras e quando ele está junto deixo escolher livremente. Ele gosta de cores fortes como vermelho, amarelo, preto, e hoje em dia quando escolhe, ama estampas exageradas, como dinossauros ocupando a peça inteira, monstros bem coloridos e tal. Nunca tentou provar ou pedir nada do setor de vestuário de meninas, isso já aconteceu mas no setor de brinquedos. Espero ter ajudado!

Não acredito que meninos e meninas sejam iguais. São diferentes e desempenham papéis diferentes.

O conservadorismo e a concepção de gênero engessada

O machismo estrutural

Acredito que o maior impedimento é ainda o machismo. Esse conceito/comportamento muitas vezes permite liberdade ao menino ao passo que retalia as meninas. Acredito ainda

que cabe a nós, mães de menino, sermos sensíveis a isto é não reproduzir tais comportamentos, não sermos permissivas ou mesmo incentivar o comportamento do menino quanto este se aproveita de situações fazendo uso de poder ou força e ainda sermos sensíveis quanto a naturalidade e até incentivo na demonstração de sentimentos e frustrações.

Acredito que a criança está exposta não somente ao contato com os pais, nesse caso a escola ou outros convívios exercem influência sobre a criança. Tenho uma filha de 5 anos e quando era bebê eu comprava roupas tanto de seção feminina quanto masculina infantil para ela, inclusive de cores fortes como vermelho e azul marinho e a cor favorita dela era vermelho. Tempo depois da entrada dela na escola eu pude perceber mudanças nas escolhas dela, a cor preferida dela passou a ser rosa e a preferência por peças do vestuário dela acaba indo sempre para peças enfeitadas com personagens como princesas.

Vergonha na nossa cara (de quem cria)

Ignorância, falta de informação, tabu, informações desatualizadas, crenças antigas. Não tenho nem paciência pra esse tipo de coisa. Aqui os três são iguais.

A própria sociedade! O preconceito ainda é muito recorrente e percebi que para meninas é mais comum vê-las com roupas com cores consideradas de meninos e brincando com brinquedos/ atividades consideradas de meninos, já os meninos é muito mais difícil, pq se um menino usa rosa ou usa fantasia de princesa ou brinca de boneca ele é "viadinho"... ele não pode simplesmente ser uma criança que só quer ser criança!!!! Os próprios pais incentivam muito e isso é triste... Aqui cada um é livre para ser o que for! Ela é pequena ainda, mas eu a deixo escolher o brinquedo que ela quer, a fantasia que ela quer... só quero que ela seja feliz e aproveite a infância de uma forma leve!

O machismo, meninos precisam ser fortes não chorar sendo uma fala típica, meninas precisam estar sempre impecáveis, usar vestidos, etc.

O preconceito da própria sociedade

Porque a nossa sociedade é formada a partir da forte estereotipação dos gêneros. Talvez um pouco por causa de machismo, também

O fato de que meninos e meninas NÃO são iguais

Ainda há um ranço machista nas famílias, de que meninos não podem chorar, meninas precisam usar laço e não podem gostar de super heróis. é um machismo estrutural que acho que só vai mudar nas próximas gerações.

Muitos fatores históricos de construção social, mas creio que o patriarquismo marcante tem muita influência nesta segregação de gênero, onde a mulher se mostra a sensível e indefesa, e o homem o herói aventureiro.

Os estereótipos fundados numa base patriarcal, machista e capitalista.

Machismo estrutural. Tento vestir meu filho de forma neutra, mas tenho muita dificuldade de encontrar peças da seção feminina que não sejam desconfortáveis. Tudo que possa atrapalhar seu desenvolvimento, como lacinhos, paetês e tecidos duros (incluindo jeans), eu não uso. Body, por exemplo, que eu poderia muito bem comprar na seção feminina, sempre tem elementos enfeitantes demais. Deve ser muito duro ser mãe de menina. Além disso, há uma barreira cultural vindo das pessoas mais próximas. Avós, tios e etc fazem cara feia para qualquer coisa que eles entendam como feminino. E já há uma lista enorme de enfrentamentos com essas pessoas em outros setores (não dar açúcar para a criança, não dar celular), que eu acabo escolhendo as batalhas. E a briga pela roupa sem gênero perde, infelizmente. (Brinquedos eu ofereço todos. Meu filho tem boneca, panela, vassoura, etc).

Cultura machista e patriarcal.

O machismo estrutural e a sexualização precoce de meninas

Patriarcado e machismo estrutural

A cultura

A criação

O patriarcado, o machismo.

Patriarcado, machismo

As concepções de gênero, e seu papel na sociedade é construído e passado de geração em geração. E dessa forma, crianças são submetidas a esses papéis de forma a que a sociedade cobra deles posturas que considera “adequada” a cada papel. Essa cobrança é direcionada à família que cria estas crianças, exigindo desses pais que monitorem e perpetuem essas noções de como cada gênero deve se comportar.

Nossa cultura machista e patriarcal.

Cultura machista

A expectativa irreal que a sociedade impõe sobre o comportamento do homem e da mulher.

Nossa posição de pais e responsáveis na maioria das vezes..... Nós mesmos impedimos e muitas vezes sem perceber, por ser algo que já vem de milênios assim acabamos agindo.

Preconceitos e limitações sociais

O que se espera é o que se estimula a cada um. Odeio quando chamam minha filha de princesa.

Uma sociedade machista exige que homens e mulheres se comportem de formas diferentes

A própria sociedade

O próprio machismo enraizado nas famílias. Ensinando que as meninas precisam aprender afazeres domésticos e os meninos, não, por exemplo.

Mesmo que nós, pais, tentemos criar nossos filhos e filhas com o mínimo de igualdade outras pessoas do convívio da criança sempre vem ditando regras de comportamento de gênero e espera das meninas posturas e maturidade que não se cobra dos meninos.

O machismo

A construção social de gênero. Há uma imposição do grupo (como um todo) para que tais comportamentos reflitam o estereótipo de menina ou menino. Naturalmente, quando estamos em grupos, nos quais nos identificamos mais, essa pressão diminui ou inexistente.

Roupas, cores dos brinquedos, os brinquedos em si, expectativas sobre comportamento

Os pais e a sociedade

Coisas próprias da sociedade

A própria pressão social em torno dos estereótipos de gênero, conseqüentemente a pressão em cima dos pais para que se comporte como menina ou menino, que fica estampado nas roupas, brinquedos, falas e até nas escolinhas.

Machismo, e a construção de gênero

Preconceitos no sentido da palavra mesmo, de acreditar que uma criança vai gostar ou não de algo por ser de um gênero x ou y

Os papéis pré destinados a serem ocupados na sociedade patriarcal faz com que as mulheres sejam criadas, desde sempre, para serem polidas, domésticas, mães. Os meninos são criados (e isso é reforçado pelos brinquedos, roupas, desenhos) para ocuparem papéis de destaque e decisão na sociedade, sem a necessidade de se preocuparem com questões domésticas

Seguir o fluxo sem pensar

Cultura

Concepção de patriarcado extremamente enraizada em nossa cultura

Nossa família é bem diversificada, (eu sou estrangeira e latina (o que não é algo positivo no momento), minha sogra é gay, então nosso círculo é muito mente aberta! Nossos filhos

sempre brincaram com qualquer brinquedo mesmo quando só tínhamos uma menina, ela sempre teve carrinhos, barcos e por aí. Muitas coisas no formulário não se aplica ao meu filho pois ele tem um ano. Mas ele brinca de boneca e as peças neutras da minha filha ele usa normalmente no dia-a-dia, como casacos de neve, calças moletom e t-shirts lisas 🧒 ♀

A cultura dos pais/cuidadores e a pressão da sociedade

O que impede é o próprio adulto, que quer decidir pela criança o que vestir, o que brincar o que fazer...

Religião, machismo e consumismo

A cultura

Preconceito, machismo

Falta de informação e/ou preconceito dos pais e adultos que convivem com a criança.

Acho que o machismo enraizado na sociedade, que até quem não se considera machista (como eu), acaba propagando. Se pudesse voltar no tempo, jamais furaria a orelha da minha filha quando bebê.

Sexismo

As gerações mais velhas, que ainda tem apego mais forte às questões de gênero. Os avós da minha filha (meus pais e sogra) tendem a presenteá-la com itens sempre, com laços, roupas que limitam o movimento, por exemplo. Minha mãe incentivou o consumo de princesas a um ponto onde minha filha, com 2 anos, se recusava a vestir um short porque princesas estavam sempre de vestidos rodados. Como a família é uma influência muito forte também, acaba atrapalhando.

Preconceito

A Educação familiar, nossa cultura e o "formato" das escolas infantis.

Os discursos da família, dos professores e conseqüentemente dos próprios colegas de sala. A sociedade cria meninos para reprimir seus sentimentos e serem o que quiserem, cria meninas para que saibam cuidar de uma casa, para que possam exercer determinadas funções e que sejam delicadas, essa construção inicia já na educação infantil, com discursos tais como "senta direitinho, igual uma mocinha", "menino não chora", "esse brinquedo é de menino, devolve pra ele", "vassourinha não é brinquedo de menino". A família tem muita interferência também, muitas vezes o que construímos (sou pedagoga) positivamente nesse âmbito é totalmente julgado e desfeito pelos pais/mães e tutores em casa

A mentalidade ultrapassada e machista de grande parte da sociedade. Por ex. nada justifica ensinar que meninos podem fazer xixi na rua e tudo bem, não está bem urinar em público, isso é simplesmente errado, mas já vi mães ensinando como se fosse direito. Preconceito, medo de transformar a criança em gay, falta de respeito a inocência que É a infância.

A estrutura patriarcal que perpetua o machismo e os estereótipos vinculados ao gênero. Além disso, toda ofensiva conservadora que manipula o acesso ao conhecimento e contribui para a reprodução de preconceitos e violência

Preconceito e machismo estrutural.

O machismo que considera o sexo masculino melhor, mais forte e mais inteligente até mesmo em crianças. Isso ofusca nossas meninas e as deixa sempre em segundo plano em diversas comparações.

Uma sociedade machista impede as crianças de crescerem de forma igual. Trabalho em uma escola pública nos EUA e vejo muitos meninos brincando na cozinha e com bonecas, mas em suas casas isso não seria possível. Também vejo professoras o tempo todo falando que a criança é menina ou menino, mas e se a criança for trans e se a criança não se sentir como o menino, mesmo tendo nascido com um pênis entre as pernas. E também muitas crianças de 4 anos já "condenando" com uma risadinha alguém fazendo algo considerado diferente, por conta da forma como a família pensa, quanto mais religiosos mais limitado com relação à diversidade.

O que o futuro lhes espera

Machismo estrutural